

Relatório Econômico 2020 e Perspectivas 2021



FARSUL
Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul

**Relatório
Econômico
2020
e Perspectivas
2021**



FARSUL
Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2020

ZPMC
L200

TELEPHON
RADIO

12



PCLU 7013-0402

SHANGHAI EAST

MRKU 7013-0402

SHANGHAI EAST

MRKU 7013-0402

MRKU 7013-0402

SHANGHAI EAST

MRKU 21066973

MRKU 5670078

SHANGHAI EAST

SHANGHAI EAST

SHANGHAI EAST

HLU 800277

TCLU 4451111



Palavra do Presidente

O ano 2020 termina e não vai deixar saudades, embora deixe um legado rico em aprendizagem. Não deixará saudades, uma vez que ele iniciou com forte estiagem e perdas crescentes a cada semana. Já nos primeiros dias vivemos sob a forte pressão dessas perdas, pressão essa que dividíamos em intensas reuniões com autoridades das três esferas de Poder, num ambiente de muito boa vontade e pouquíssimo recurso. Nossa casa, feliz ou infelizmente, tem experiência em lidar com essas situações e de pronto tomamos as providências para minimizar os efeitos da estiagem, pois solução mesmo, só a chuva traria. Nos dedicamos, encontramos recursos e as soluções vieram em parcelas, mas vieram, sob forte estresse.

Nesse meio do caminho veio a pandemia, que mudou para sempre nossas vidas e que, até esse momento, levou mais de 170 mil vidas brasileiras. Dentre elas uma muito especial a todos nós: nosso amigo e Diretor da Farsul, Hermes Ribeiro, cuja perda dói todos os dias. Com ela veio também desajustes cambiais muito grandes - cujas causas são discutidas mais adiante - que alteraram significativamente nossos preços, uma dor a mais para quem mal colheu para cumprir os contratos de venda futura.

Mas também, 2020 deixa um legado de aprendizagem. Observamos grandes potências globais colocarem suas estabilidades em cheque com seu povo aglomerado na frente de supermercados, na esperança de levar para casa o que conseguisse comprar. No Brasil isso não aconteceu sequer por um instante. Mantivemos nosso povo abastecido e abastecemos também centenas de outros povos, aliviando suas dificuldades. O Brasil mostrou ao mundo sua importância e somos, sem dúvida, um dos países mais importantes do mundo para a estabilidade global, através da nossa capacidade de produzir o mais importante dos bens: o alimento. O ano também ensinou que maltratar segmentos tem custo, como foi o caso do arroz, do leite e da pecuária de corte, que por muitos anos amarguraram prejuízos e suas reduções de produção custaram mais caro para a sociedade.

O ano de 2021 será diferente, temos certeza. Será um ano muito melhor para nosso planeta e, em especial, para nosso país e nosso agro. Mas, se quisermos que os próximos também sejam, teremos que enfrentar muitos desafios pela frente. Você tem em mãos um excelente relatório, fruto do esforço de nossa equipe econômica em trazer, para nós e para vocês, as melhores informações sobre a nossa economia, nosso setor e os desafios futuros. Faça uma boa leitura, tenha boas festas, cuide-se e, sobretudo, tenha fé no seu país e tenha fé no seu agro.

Gedeão Pereira
Presidente do Sistema Farsul

- 1 **Balanço da Agropecuária em 2020 e Perspectivas para 2021**
página 14
- 1.1 **Análise dos Fundamentos da Agropecuária do Rio Grande do Sul**
página 15
 - 1.1.1 **Grãos**
página 15
 - 1.1.2 **Bovinocultura**
página 20
 - 1.1.3 **Pecuária de Leite**
página 22
- 1.2 **Análise da Rentabilidade da Agropecuária do Rio Grande do Sul**
página 24
 - 1.2.1 **Arroz**
página 25
 - 1.2.2 **Milho**
página 30
 - 1.2.3 **Soja**
página 35
 - 1.2.4 **Trigo**
página 41
 - 1.2.5 **Leite**
página 46
- 1.3 **Análise do Crédito Rural do Rio Grande do Sul**
página 48
 - 1.3.1 **Análise de Custeio**
página 51
 - 1.3.2 **Análise de Investimento**
página 53
 - 1.3.3 **Análise de Comercialização**
página 56
- 1.4 **Análise e Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira**
página 57
 - 1.4.1 **Arroz**
página 57
 - 1.4.2 **Milho**
página 63
 - 1.4.3 **Soja**
página 66
 - 1.4.4 **Trigo**
página 70
 - 1.4.5 **Carne Bovina**
página 75
 - 1.4.6 **Leite**
página 79

- 2. **Conjuntura Econômica**
página 84
 - 2.1 **Economia Brasileira**
página 85
 - 2.1.1 **Economia Brasileira no Contexto Mundial**
página 85
 - 2.1.2 **Economia Brasileira pela Ótica da Oferta**
página 87
 - 2.1.2.1 **Setor Agropecuário**
página 89
 - 2.1.2.2 **Setor Industrial**
página 90
 - 2.1.2.3 **Setor de Serviços**
página 91
 - 2.1.3 **Economia Brasileira pela Ótica do Dispendio**
página 93
 - 2.1.3.1 **Desempenho do Consumo das Famílias e do Governo**
página 93
 - 2.1.3.2 **Desempenho dos Investimentos (Via Formação Bruta de Capital Fixo)**
página 95
 - 2.1.3.3 **Desempenho do Comércio Exterior (Via Exportações e Importações)**
página 96
 - 2.1.4 **Expectativa para a Inflação, Juros e Câmbio**
página 97
 - 2.1.4.1 **Inflação**
página 97
 - 2.1.4.2 **Taxa de Juros**
página 100
 - 2.1.4.3 **Taxa de Câmbio**
página 101
 - 2.1.4.4 **Movimentação dos Empregos**
página 103
 - 2.2 **Economia do Rio Grande do Sul**
página 105
 - 2.2.1 **Desempenho da Agropecuária**
página 105
 - 2.2.2 **Desempenho do Setor Industrial**
página 105
 - 2.2.3 **Desempenho do Setor de Serviços**
página 107
 - 2.2.4 **Pib do Rio Grande do Sul**
página 109
- 3. **Expediente**
página 110

- Gráfico 1** Evolução do Valor Bruto de Produção dos grãos no RS, em bilhões de reais
[página 19](#)
- Gráfico 2** Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite
[página 23](#)
- Gráfico 3** Evolução mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha
[página 25](#)
- Gráfico 4** Custo dos fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha
[página 26](#)
- Gráfico 5** Custo dos herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha
[página 27](#)
- Gráfico 6** Custo dos inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha
[página 27](#)
- Gráfico 7** Custo dos fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha
[página 28](#)
- Gráfico 8** Preço mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg
[página 29](#)
- Gráfico 9** Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Arroz no RS, em R\$/ha
[página 30](#)
- Gráfico 10** Evolução mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha
[página 31](#)
- Gráfico 11** Custo dos fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha
[página 32](#)
- Gráfico 12** Custo dos herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha
[página 32](#)
- Gráfico 13** Custo dos fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha
[página 33](#)
- Gráfico 14** Custo dos inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha
[página 33](#)
- Gráfico 15** Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60kg
[página 34](#)
- Gráfico 16** Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Milho no RS, em R\$/ha
[página 35](#)
- Gráfico 17** Evolução mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha
[página 36](#)
- Gráfico 18** Custo dos fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha
[página 37](#)
- Gráfico 19** Custo dos herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha
[página 37](#)
- Gráfico 20** Custo dos inseticidas para Soja, em R\$/ha
[página 38](#)
- Gráfico 21** Custo dos fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha
[página 38](#)
- Gráfico 22** Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60kg
[página 39](#)
- Gráfico 23** Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2020 da Soja no RS, em R\$/ha
[página 40](#)
- Gráfico 24** Evolução mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha
[página 41](#)

- Gráfico 25** Custo dos fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha
[página 42](#)
- Gráfico 26** Custo dos herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha
[página 43](#)
- Gráfico 27** Custo dos inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha
[página 43](#)
- Gráfico 28** Custo dos fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha
[página 44](#)
- Gráfico 29** Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60kg
[página 45](#)
- Gráfico 30** Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2020 do Trigo no RS, em R\$/ha
[página 46](#)
- Gráfico 31** Evolução mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha
[página 46](#)
- Gráfico 32** Preço médio mensal líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros
[página 47](#)
- Gráfico 33** Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da Safra 2019 e 2020 de Leite no RS (R\$/ha)
[página 48](#)
- Gráfico 34** Comparativo do Crédito Rural tomado pelos produtores do RS entre janeiro e outubro de 2019 e 2020, em R\$ milhões.
[página 49](#)
- Gráfico 35** Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2019 e 2020, em percentual
[página 50](#)
- Gráfico 36** Participação dos principais grãos no Custeio da carteira de Crédito Rural do Estado em 2020 (jan-out), em percentual
[página 52](#)
- Gráfico 37** Número de contratos tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2019 e 2020
[página 52](#)
- Gráfico 38** Total de valores tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2019 e 2020, em R\$ milhões
[página 53](#)
- Gráfico 39** Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas
[página 58](#)
- Gráfico 40** Comparação entre o estoque final mundial de arroz beneficiado e o preço internacional
[página 60](#)
- Gráfico 41** Preço do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg
[página 61](#)
- Gráfico 42** Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas
[página 63](#)
- Gráfico 43** Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional
[página 65](#)
- Gráfico 44** Preço do milho em Passo Fundo - RS, em R\$/60 kg
[página 66](#)
- Gráfico 45** Comparação entre produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas
[página 67](#)
- Gráfico 46** Comparação entre o estoque final mundial de soja e o preço internacional
[página 69](#)

- Gráfico 47** Preço da soja em Rio Grande/RS, em R\$/60 kg
[página 70](#)
- Gráfico 48** Comparação entre produção e consumo mundiais de trigo, em milhões de toneladas
[página 71](#)
- Gráfico 49** Comparação entre o estoque final mundial de trigo e o preço internacional
[página 73](#)
- Gráfico 50** Preço do trigo em Passo Fundo/RS, em R\$/60kg
[página 75](#)
- Gráfico 51** Comparação entre produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas
[página 76](#)
- Gráfico 52** Preço médio do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça
[página 79](#)
- Gráfico 53** Produção brasileira de leite adquirido, em mil litros
[página 82](#)
- Gráfico 54** Preço médio mensal do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros
[página 82](#)
- Gráfico 55** Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)
[página 86](#)
- Gráfico 56** Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2011)
[página 87](#)
- Gráfico 57** Produto Real x Produto Potencial e Hiato do Produto no Brasil
[página 88](#)
- Gráfico 58** PIB do Brasil, taxa acumulada no ano (%)
[página 88](#)
- Gráfico 59** PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada no ano (%)
[página 89](#)
- Gráfico 60** PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada no ano (%)
[página 90](#)
- Gráfico 61** Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)
[página 91](#)
- Gráfico 62** PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulado no ano (%)
[página 92](#)
- Gráfico 63** Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%)
[página 92](#)
- Gráfico 64** Comparação entre os Faturamentos Nominais do Varejo Total e o recorte de Supermercados e Hipermercados no Brasil, desde o início da pandemia
[página 93](#)
- Gráfico 65** Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)
[página 94](#)
- Gráfico 66** Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC)
[página 94](#)
- Gráfico 67** Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)
[página 95](#)
- Gráfico 68** Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)
[página 96](#)
- Gráfico 69** Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)
[página 96](#)

- Gráfico 70** Comparação entre Exportações e Importações brasileiras, acumuladas entre os meses de janeiro e outubro. Em US\$ Bilhões FOB
[página 97](#)
- Gráfico 71** IPCA e Expectativa para 2020, taxa acumulada no ano (%)
[página 98](#)
- Gráfico 72** IGP-M (Número Índice)
[página 98](#)
- Gráfico 73** Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (%)
[página 99](#)
- Gráfico 74** M0 - base monetária - papel-moeda emitido - fim período - R\$ (bilhões) – Em setembro
[página 100](#)
- Gráfico 75** M1 - Depósitos a vista + dinheiro em poder do público - final do período no Brasil
Em R\$ Bilhões.
[página 101](#)
- Gráfico 76** Meta para Taxa Selic (%)
[página 101](#)
- Gráfico 77** Variação (%) das Moedas relacionadas contra o Dólar Americano ao longo de 2020 (Jan-Nov)
[página 102](#)
- Gráfico 78** Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante
[página 103](#)
- Gráfico 79** Movimentações do Emprego no Brasil, em saldo acumulado em 12 meses
[página 103](#)
- Gráfico 80** Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses
[página 104](#)
- Gráfico 81** VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)
[página 105](#)
- Gráfico 82** VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)
[página 106](#)
- Gráfico 83** Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)
[página 106](#)
- Gráfico 84** Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)
[página 107](#)
- Gráfico 85** VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)
[página 107](#)
- Gráfico 86** Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)
[página 108](#)
- Gráfico 87** Índice de volume de vendas no comércio varejista do RS, taxa acumulada no ano (%)
[página 108](#)
- Gráfico 88** PIB do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)
[página 109](#)

Tabela 1	Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e 2020, em hectares página 15
Tabela 2	Área plantada de grãos no RS em 2020 e projeção para 2021, em hectares página 16
Tabela 3	Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e 2020, em toneladas página 17
Tabela 4	Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e projeção para 2021, em toneladas página 18
Tabela 5	Valor Bruto da Produção de Grãos dos principais grãos do RS, em bilhões de reais página 20
Tabela 6	Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS página 21
Tabela 7	Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS página 24
Tabela 8	Total de Crédito Rural tomado até outubro de 2020 no RS, em R\$ milhões página 50
Tabela 9	Crédito Rural tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2019 e 2020 página 51
Tabela 10	Crédito Rural tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2019 e 2020 página 54
Tabela 11	Comparativo das taxas de juros de Investimento dentro da carteira do Crédito Rural de 2019 para 2020 página 54
Tabela 12	Participação dos principais tipos de produtos dentro da carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2019 e 2020 página 55
Tabela 13	Crédito Rural tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2019 e 2020 página 56
Tabela 14	Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2019* e 2020*, em R\$ mil página 57
Tabela 15	Produção e consumo de arroz beneficiado, por país, em milhões de toneladas página 59
Tabela 16	Fundamentos do mercado brasileiro de arroz em casca, em milhões de toneladas página 62
Tabela 17	Produção e consumo de milho por país, em milhões de toneladas página 64
Tabela 18	Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas página 65
Tabela 19	Produção e consumo de soja por país, em milhões de toneladas página 68
Tabela 20	Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas página 69
Tabela 21	Produção e consumo de trigo por país, em milhões de toneladas página 72
Tabela 22	Fundamentos do mercado brasileiro de trigo, em milhões de toneladas página 74
Tabela 23	Produção e consumo de carne bovina por país, em milhões de toneladas página 77
Tabela 24	Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas página 78
Tabela 25	Produção de leite fluído por país, em milhões de toneladas página 80
Tabela 26	Consumo de leite fluído por país, em milhões de toneladas página 81



Vamos juntos pelo seu crescimento.

Vamos juntos pela produtividade.
Vamos juntos pela eficiência e pelos resultados.
Vamos juntos pela pecuária, pela agricultura e pelos produtores.

Assim, com você presentes no seu dia a dia, com informação e apoio,
que trabalhamos pelo crescimento do seu negócio e pela sua
capacidade de fazer mais.

Desse jeito juntando conhecimento e prática, fazemos o campo
crescer, evoluir e se superar.

Fazemos muito mais do que ensinar. Estamos sempre ao lado do
produtor rural, promovendo ações de formação profissional e
atividades de promoção social, a fim de contribuir na profissionalização
e melhoria da qualidade de vida no campo.



1. Balanço da Agropecuária em 2020 e perspectivas para 2021

Nesta primeira parte do relatório, detalhamos o desempenho da agropecuária ao longo deste ano e realizamos projeções para 2021. Para tanto, fomos muito além de questões da área e produção e tratamos também da tomada de crédito, análises de mercado, custos de produção e rentabilidade das safras.



1.1 Análise dos Fundamentos da Agropecuária do Rio Grande do Sul

1.1.1 Grãos Por Danielle Guimarães

ÁREA PLANTADA

A área plantada de grãos do Rio Grande do Sul expandiu 3,5% em 2020, representando um aumento de 303,8 mil hectares em relação à safra anterior. Dentre as culturas de verão, o destaque foi a soja, com ampliação de 2,3% de área de plantio, reflexo dos bons preços.

Em função das perdas de rentabilidade obtida com a forte estiagem que atingiu o Estado nesta safra 2020, foi observada uma expansão acima do esperado das áreas destinadas ao plantio de inverno, como tentativa de reverter parte das perdas obtidas na safra de verão. Os principais destaques foram as áreas de trigo e aveia, que apresentaram aumentos de 25% e 11%, respectivamente.

Não podemos deixar de comentar a queda de 3,0% da área plantada de arroz em 2020, registrando a terceira queda consecutiva de área plantada. Este movimento é reflexo da incapacidade, durante muitas safras, dos preços cobrirem os elevados custos de produção, assunto que iremos tratar na seção 1.2.1 (Análise da Rentabilidade do Arroz no Rio Grande do Sul).

Tabela 1 Área plantada de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e 2020, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	Safra 2019	Safra 2020	Variação (%)
Amendoim	2.087	1.791	-14,2
Arroz	981.287	951.454	-3,0
Aveia	291.134	323.295	11,0
Centeio	2.420	2.145	-11,4
Cevada	47.592	37.486	-21,2
Feijão	62.135	60.311	-2,9
Girassol	2.396	2.470	3,1
Milho	763.906	751.673	-1,6
Soja	5.843.533	5.980.671	2,3
Sorgo	4.103	3.161	-23,0
Trigo	760.914	950.955	25,0
Triticale	2.730	2.605	-4,6
TOTAL GRÃOS	8.764.237	9.068.017	3,5

Nossa estimativa era: No *Relatório Econômico 2019 e Perspectivas para 2020* havíamos projetado uma área plantada de 8.841.752 hectares para o ano de 2020. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE) apurou uma área de 9.068.017 hectares, ou seja, o erro da nossa projeção foi de apenas -2,5%. A diferença se deu porque não esperávamos o aumento tão significativo das culturas de inverno como tentativa de minimizar as perdas de faturamento das culturas de verão, reflexo da seca.

Para a safra 2020/21, a expectativa é que os preços em patamares historicamente elevados estimulem a ampliação da área plantada de grãos em 3,0%. A soja deve ser, mais uma vez, o principal destaque, com aumento de área projetado em 3,0%. A área plantada de arroz, depois de três safras consecutivas de redução de área, deve expandir 0,9%, estimulada pela significativa escalada dos preços.

A área destinada ao plantio das culturas de inverno ainda pode variar, uma vez que estamos a muitos meses do plantio da safra 2020/21 acontecer. Porém, diante do cenário atual, esperamos aumento da área plantada de inverno, alavancadas pela expectativa de expansão de 6% da área plantada de trigo.

Tabela 2 Área plantada de grãos no RS em 2020 e projeção para 2021, em hectares

PRODUTO	ÁREA PLANTADA		
	Safra 2020	Safra 2021*	Variação (%)
Amendoim	1.791	1.726	-3,6
Arroz	951.454	959.874	0,9
Aveia	323.295	299.752	-7,3
Centeio	2.145	2.440	13,8
Cevada	37.486	42.296	12,8
Feijão	60.311	63.914	6,0
Girassol	2.470	2.460	-0,4
Milho	751.673	795.619	5,8
Soja	5.980.671	6.160.753	3,0
Sorgo	3.161	2.907	-8,0
Trigo	950.955	1.008.012	6,0
Triticale	2.605	2.511	-3,6
TOTAL GRÃOS	9.068.017	9.342.264	3,0

Fonte: LSPA/IBGE (Set/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

(*) Projeção: Assessoria Econômica do Sistema Farsul

PRODUÇÃO

A safra 2019/20 foi marcada por uma rígida estiagem que comprometeu severamente o rendimento médio das culturas de verão. O resultado foi uma quebra de safra, com produção de grãos 23,7% inferior a safra 2019. A cultura que teve mais perdas foi a soja, cuja produção retraiu 39%, equivalente a 7,2 milhões de toneladas a menos. O milho também teve fortes perdas produtivas, de 26,7% em relação à safra anterior, equivalente a 1,5 milhões de toneladas a menos.

Na contramão, a produção de arroz expandiu 8,4% apesar da redução de área plantada. Isso porque o rendimento médio da safra 2019/20 atingiu patamares ótimos.

Tabela 3 Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2019 e 2020, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	Safra 2019	Safra 2020	Variação (%)
Amendoim	3.769	2.790	-26,0
Arroz	7.172.102	7.773.220	8,4
Aveia	652.327	637.775	-2,2
Centeio	3.222	2.478	-23,1
Cevada	142.863	101.068	-29,3
Feijão	91.856	81.133	-11,7
Girassol	3.813	4.108	7,7
Milho	5.738.614	4.208.693	-26,7
Soja	18.495.151	11.289.663	-39,0
Sorgo	11.789	6.815	-42,2
Trigo	2.286.672	2.300.543	0,6
Triticale	6.382	5.042	-21,0
TOTAL GRÃOS	34.608.560	26.413.328	-23,7

Fonte: LSPA/IBGE (Set/20) Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Nossa estimativa era: No *Relatório Econômico 2019 e Perspectivas para 2020* havíamos projetado uma produção de 35.404.479 toneladas para o ano de 2020. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (LSPA/IBGE) apurou uma produção de 26.413.328 toneladas, ou seja, o erro foi de -25,4%. Isso porque fomos surpreendidos com uma seca muito severa que comprometeu o rendimento das lavouras de grãos do Estado.

Para a safra 2020/21 estimamos um avanço de 28,4% da produção em relação a 2019/20, totalizando 33,9 milhões de toneladas de grãos, aumento expressivo já que comparado com um ano de seca. A falta de chuvas que enfrentamos está comprometendo o rendimento desta safra, especialmente a cultura do milho, o qual já estimamos perdas de 28,1% da produção em relação à safra 2019/20. Caso a situação climática desfavorável permaneça nas próximas semanas as perdas podem ser ainda maiores.

Tabela 4 Produção de grãos no Rio Grande do Sul em 2020 e projeção para 2021, em toneladas

PRODUTO	PRODUÇÃO		
	Safra 2020	Safra 2021*	Variação (%)
Amendoim	2.790	3.185	14,2
Arroz	7.773.220	7.510.056	-3,4
Aveia	637.775	643.467	0,9
Centeio	2.478	3.107	25,4
Cevada	101.068	111.860	10,7
Feijão	81.133	94.704	16,7
Girassol	4.108	3.995	-2,7
Milho	4.208.693	3.027.520	-28,1
Soja	11.289.663	19.851.999	75,8
Sorgo	6.815	8.323	22,1
Trigo	2.300.543	2.651.744	15,3
Triticale	5.042	5.312	5,3
TOTAL GRÃOS	26.413.328	33.915.271	28,4

Fonte: LSPA/IBGE (Set/20) • (*) Projeção: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Neste ano de 2020 enfrentamos uma seca muito severa, que comprometeu o rendimento de alguns dos importantes grãos produzidos no Estado. Um estudo elaborado pela Assessoria Econômica do Sistema Farsul no final do primeiro semestre de 2020 estimou que a produção de grãos da safra 2019/20 teria atingido 35,9 milhões de toneladas se não tivessem ocorrido os problemas climáticos. Com o advento da seca, o IBGE constatou uma produção de 26,4 milhões de toneladas, o que representaria uma quebra de 9,5 milhões toneladas.

Em termos de faturamento, caso não tivéssemos vivenciado um ano de seca, este mesmo estudo projetava um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 42,7 bilhões ante os R\$ 29,8 bilhões que projetávamos considerando a queda de rendimento médio em função da seca. O estudo apontava para o fato de que esta diferença de quase R\$ 13,0 bilhões no faturamento do setor geraria uma perda de R\$ 7,6 bilhões no PIB do Rio Grande do Sul, com impacto negativo de R\$ 2,2 bilhões no setor agropecuário e perda de R\$ 5,4 bilhões nos setores de indústria e serviços.

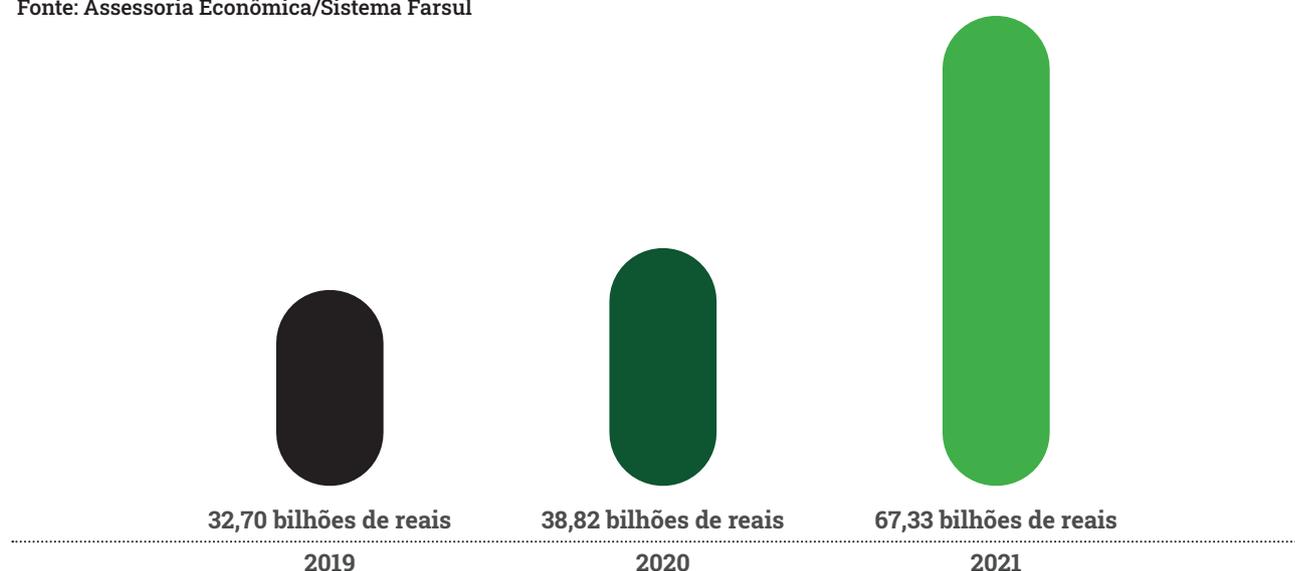
Entretanto, o ano de 2020 foi marcado pelo elevado nível de preços dos produtos agrícolas, o que permitiu atualizarmos nossa projeção de faturamento de R\$ 29,8 bilhões para R\$ 38,8 bilhões. Esta nova projeção ainda significa uma perda de R\$ 3,9 bilhões em relação à nossa capacidade inicial, caso não tivéssemos vivenciado um ano de seca. Este forte aumento dos preços, apesar das questões climáticas, deve permitir um avanço de 19% no faturamento em comparação com a safra anterior.

Dentre os fatores que contribuíram para a valorização dos preços dos grãos em 2020 podemos destacar: (1) O desequilíbrio cambial, a perda de valor do real ante a moeda internacional já

atingiu cerca de 30% no período de janeiro até novembro deste ano, o que tornou os preços dos grãos brasileiros mais competitivos no mercado internacional; (2) O Auxílio Emergencial (programa de distribuição de renda às camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira, com o intuito de ajudar estas famílias a enfrentar a pandemia da Covid-19 e o momento delicado da economia), que gerou um impacto positivo na demanda por alimentos, uma vez que famílias de baixa renda tendem a destinar maior percentual de sua renda para o consumo de alimentos¹; (3) A seca, que prejudicou a capacidade produtiva do Estado, resultando em menor oferta de grãos justamente em um ano de aumento de demanda.

Gráfico 1 Evolução do Valor Bruto de Produção dos grãos no RS, em bilhões de reais

Fonte: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



Os preços tendem a se manter em patamares elevados na safra 2020/21 e a expectativa é de que as lavouras apresentem melhores produtividades - apesar de já vislumbrarmos perdas significativas nas lavouras de milho, outras culturas ainda contam com projeção de rendimento médio superior a 2019/20. Entretanto, reforçamos que caso a situação climática não se reverta rapidamente é provável que o rendimento médio das lavouras possa ser menor que estimamos neste momento, o que impactaria negativamente na nossa projeção de faturamento para a safra 2020/21.

O resultado da união destes fatores - bons preços e o rendimento médio superior a 2019/20 - deve se refletir em aumento significativo do faturamento dos grãos do Estado, chegando a R\$ 67,33 bilhões, equivalente a uma valorização de 73% em relação à safra 2019/20. Esperamos que, apesar das dificuldades iniciais, o Estado tenha clima favorável e que a nossa projeção de forte aumento do faturamento se concretize.

¹ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para *despesas com alimentação*.

Tabela 5 Valor Bruto da Produção de Grãos dos principais grãos do RS, em bilhões de reais.

PRODUTO	2019	2020	2021	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21
Arroz	6,362	11,059	13,874	73,8%	25,5%
Milho	2,948	3,505	3,605	18,9%	2,9%
Soja	21,499	21,403	45,902	-0,4%	114,5%
Trigo	1,240	2,075	2,604	67,3%	25,5%
SOMA	32,050	38,043	65,986	18,7%	73,5%

Fonte: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Os quatro principais grãos produzidos no Estado (arroz, milho, soja e trigo) representam cerca de 98% do Valor Bruto de Produção dos Grãos. Na safra 2019/20, o maior aumento de faturamento deve ser na cultura do arroz, que registrou aumento da produção aliado ao patamar elevado do preço. A única queda deve ocorrer no faturamento da soja, cuja produção sofreu perdas severas em função da seca e, mesmo a forte valorização do preço, não deve ser suficiente para compensar a quebra da safra.

Caso as projeções de produção para a safra 2020/21 se confirmem, é provável que tenhamos um grande ganho de faturamento, especialmente na soja. Apesar das perdas já registradas nas lavouras de milho em função do clima, a expectativa de preços bons para 2021 ainda permite projetarmos um aumento de 2,9% do seu faturamento.

1.1.2

Bovinocultura Por Ruy Augusto da Silveira Neto

Nos últimos anos, a pecuária de corte vinha desestimulada por conta das baixas cotações do Boi. No último trimestre de 2019 começa o movimento de recuperação das cotações ao produtor aos níveis pré-crise e, em conjunto a esse movimento, novos estabelecimentos frigoríficos foram habilitados para exportar carne bovina para o mercado chinês no Rio Grande do Sul. Esse cenário contribuiu para a recuperação da confiança pelo pecuarista gaúcho.

Em 2020 o panorama de preços continua promissor, as exportações seguem aquecidas, puxadas principalmente pela China, e a demanda interna também está em alta. O aumento das exportações é reflexo da desvalorização cambial, que estimula os preços no mercado interno e torna a carne brasileira mais competitiva no mercado externo. Mesmo com aumento nas cotações internas, o consumo nacional vem sendo estimulado pelo Auxílio Emergencial concedido pelo Governo para combater os efeitos gerados pela pandemia global da Covid-19². Então os preços entram em trajetória de valorização durante o ano de 2020 e, diante desta conjuntura, tanto a produção quanto o faturamento do setor devem aumentar em 2020.

² De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para *despesas com alimentação*.

Produção e Valor Bruto da Produção

O volume de abates em 2020 deverá subir 26% em relação ao ano passado no RS. Quando falamos no Valor Bruto da Produção (VBP) os dados são positivos, e a perspectiva é que aumente 61% em 2020, fechando o ano em torno de R\$ 7,3 bilhões. Esse desempenho apresentado pelo faturamento da Pecuária no Rio Grande do Sul está associado à expectativa de um aumento forte da produção aliado à valorização de 33% do preço, se analisado a cotação entre novembro 2020 em relação ao mesmo período do ano passado. Quando consideramos o VBP somente no período entre janeiro e setembro deste ano já alcançamos um valor de faturamento 16% maior do que o total faturado no ano passado.

Tabela 6 Animais abatidos e Valor da Produção de Bovinos de Corte no RS.

MÊS / ANO	ABATES DE BOVINOS		VBP BOVINOS (R\$)	
	2019	2020	2019	2020
Janeiro	147.261	155.283	371.547.287	495.042.269
Fevereiro	132.982	149.202	329.727.585	487.942.292
Março	144.870	170.706	363.122.263	525.189.131
Abril	133.290	211.186	339.580.940	677.603.515
Maiο	110.620	170.429	274.932.211	562.258.927
Junho	138.699	147.056	356.138.295	512.345.490
Julho	120.200	161.306	313.680.139	570.815.487
Agosto	185.505	206.297	468.396.412	702.577.619
Setembro	118.136	223.558	281.776.824	748.986.829
Outubro*	144.468	210.377	345.457.478	691.614.873
Novembro*	198.371	201.820	563.549.577	654.821.343
Dezembro*	176.248	206.127	536.625.686	704.426.905
TOTAL	1.750.650	2.213.347	4.544.534.698	7.333.624.680

Fonte: FUNDESA

(*) Projeção da Assessoria Econômica / Sistema Farsul

Em resposta ao aumento do custo de produção e conseqüente queda das margens, os produtores já vinham reduzindo o rebanho desde 2014. Entretanto, analisando o período dos dados já consolidados pelos IBGE para este ano – até setembro de 2020 - é visível o cenário de ampliação da produção. O período que vai de janeiro e setembro de 2020 já registrou um aumento de 30% em relação ao mesmo período de 2019.

A redução da diferença entre os abates de machos e fêmeas, que vem acontecendo desde 2015, atingiu uma diferença marginal de 1.781 cabeças até setembro deste ano, algo inédito na pecuária gaúcha. Esse estreitamento se deve principalmente ao aumento de consumo tanto externo quanto interno em 2020, além da estiagem que afetou o Estado no início do ano e ainda se faz presente gerando uma intensificação dos descartes de vacas por parte da pecuária de leiteira.

Em 2019, com a abertura do mercado chinês para carne bovina nacional, era natural que a demanda externa aumentasse. Para 2020, a conjuntura de desequilíbrio cambial trazida pelas

incertezas da crise gerada pela pandemia tornou a carne brasileira ainda mais competitiva no mercado internacional. Segundo dados do ComexStat/MDIC, em 2020 o volume (kg) exportado teve alta de 13% no Rio Grande do Sul – considerando o período de janeiro a outubro frente ao mesmo período de 2019 – e, se avaliarmos em termos de valor (US\$), o aumento foi de 26%. Outro fenômeno que estimulou o consumo interno foi o Auxílio Emergencial do Governo Brasileiro, medida proposta para enfrentamento da pandemia. Este benefício concedido às famílias em situação mais vulnerável acabou refletindo no consumo de carne bovina, gerando uma demanda interna superior à de 2019. Então, esta trajetória crescente do preço é reflexo da combinação de desvalorização cambial que, conseqüentemente, torna nossos produtos mais atrativos no mercado externo e estimula os preços no mercado interno, com o aumento de demanda nacional puxada pelo Auxílio Emergencial.

É importante ressaltar o que foi escrito nos relatórios anteriores: o pecuarista deve estar sempre atento para os acontecimentos da economia, uma vez que o seu negócio é diretamente afetado pelos seus reflexos. Este deve monitorar e prestar atenção nas exportações do setor, já que há uma forte relação de influência entre volume exportado e preço recebido, sobretudo depois de ter passado por um período de longa estagnação do consumo doméstico.

1.1.3

Pecuária de leite

Por Ruy Augusto da Silveira Neto e Nicolas Fenner

Com uma crise que começou em 2015, gerando um cenário de desemprego alto e queda na renda das famílias, o setor de lácteos foi um dos mais afetados. Desde 2017, a produção de leite gaúcha vem em queda devido aos desequilíbrios entre a oferta e a demanda, trazidos pela crise; dentro do setor e os produtores de leite tiveram baixo estímulo para seguir aumentando a produção. Em 2020 a conjuntura foi adversa, a pandemia global e o distanciamento social refletiram em mudança nos hábitos de consumo no sentido de aumento da demanda por lácteos. Além do mais, o Auxílio Emergencial - programa do Governo Federal que concede renda às camadas mais vulneráveis com o objetivo de auxílio no enfrentamento da pandemia - gerou aumento da procura por produtos alimentícios, dentre eles o leite³. A maior demanda, portanto, não foi acompanhada por aumento da oferta, uma vez que o rendimento médio da produção leiteira foi severamente prejudicado pela estiagem que diminuiu a oferta de silagem no Rio Grande do Sul. Este cenário - de maior demanda e queda na produção - refletiu na escalada dos preços do leite, o que contribuiu para a projeção de expansão do Valor Bruto da Produção (VBP) do leite no Rio Grande do Sul em relação ao ano anterior, apesar da queda na produção.

Produção e Valor Bruto da Produção

Nos últimos anos observou-se quedas consecutivas na demanda do consumidor e baixas perspectivas para a reversão deste cenário, o que refletiu na queda da confiança do produtor em investir no setor, levando a redução gradual da produção de leite fluido no Estado. Diante

³ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para *despesas com alimentação*.

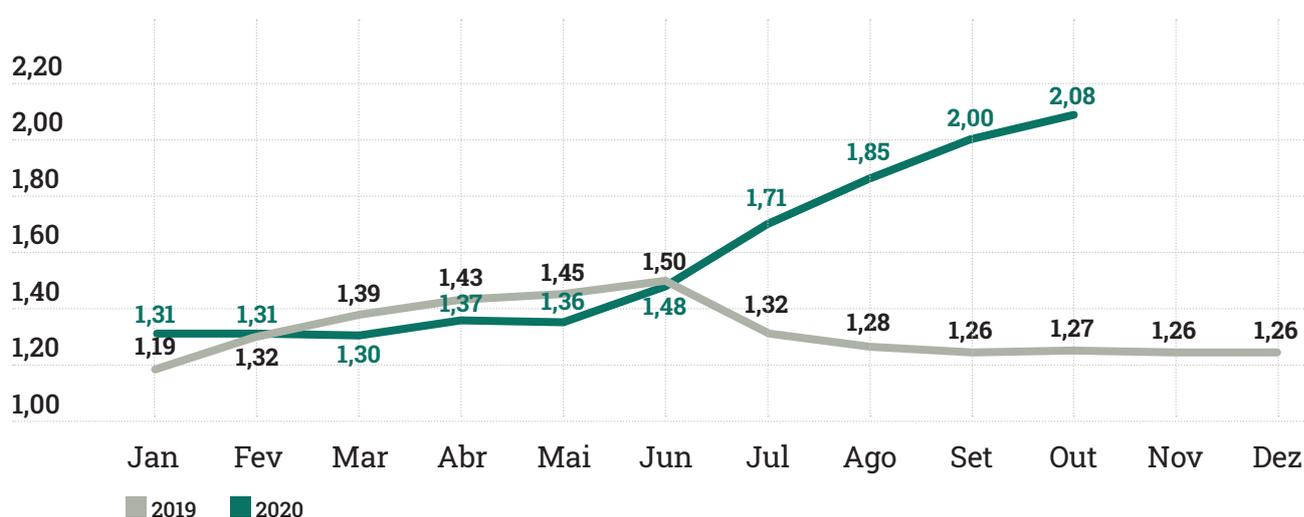
deste cenário, a expectativa é de uma nova redução da produção de leite em 2020, na magnitude de 1,05%, equivalente a uma retração de 34,3 mil litros. Outro fator que deve contribuir para a queda da produção foi a estiagem que atingiu o Estado em 2020 e afetou as lavouras de milho e soja, prejudicando o rendimento dos animais por conta da baixa disponibilidade de alimentação. E a falta de chuva que segue afetando os resultados de rendimento nos últimos meses desse ano.

Além disso, a conjuntura de desvalorização cambial da moeda brasileira, reflexo do ambiente de incertezas gerado pela pandemia, fez com que os preços das commodities apresentassem valorização recorde para esse ano. Essa realidade aprofundou ainda mais as dificuldades dos produtores na hora de adquirir insumos para alimentação animal.

Entretanto, o Auxílio Emergencial – programa proposto pelo Governo para minimizar os efeitos gerados pela pandemia - aumentou consideravelmente a demanda das famílias que já viviam com renda comprometida por conta do alto desemprego no Brasil. Esse aumento do consumo proporcionou uma ascensão contínua no preço do leite ao produtor em 2020, que no acumulado do ano (jan-out) já registrou uma alta de 59%, conforme a série de preços líquidos ao produtor do CEPEA-Esalq.

Gráfico 2 Série de preços médios no RS recebidos pelo produtor, em R\$ por litro de leite

Fonte: CEPEA-Esalq



O Valor Bruto da Produção (VPB) do RS estimado para 2020 é R\$ 5,37 bilhões, isto é, uma variação positiva de 27% em comparação com o ano anterior. Tal resultado, apesar da menor produção de leite adquirido, é consequência da rápida valorização do preço em 2020.

Tabela 7 Leite Adquirido e Valor da Produção de Leite no RS

Mês / Ano	LEITE ADQUIRIDO (mil Litros)		VBP DO LEITE (R\$)	
	2019	2020	2019	2020
Janeiro	283.942	267.019	337.437	349.288
Fevereiro	250.614	252.059	328.054	333.877
Março	263.692	242.271	365.477	315.510
Abril	235.875	218.666	336.924	300.447
Mai	249.403	242.404	362.856	328.579
Junho	262.424	242.252	392.691	358.703
Julho*	288.037	280.203	379.230	480.043
Agosto*	297.643	306.241	380.864	567.923
Setembro*	292.231	304.379	368.445	608.636
Outubro*	288.170	298.722	365.198	621.580
Novembro*	266.465	277.521	336.012	577.466
Dezembro*	276.914	289.347	348.690	602.074
TOTAL	3.255.410	3.221.083	4.301.878	5.444.125

Fonte: IBGE

(*) Projeção 2020 - Farsul

O difícil cenário enfrentado pela cadeia produtiva do leite, desde 2015, evidenciou o peso da crise econômica nesse setor. Em 2020, apesar dos reflexos negativos do distanciamento social na economia brasileira e aumento do desemprego, deve haver ampliação da demanda de leite como reflexo da política de assistência social oferecida pelo Governo. Entretanto, devido a própria estrutura do setor - em que o ajuste da oferta por parte dos produtores é lento - este aumento da demanda não permitiu um ajuste da oferta em igual magnitude, o que gerou um descompasso entre oferta e demanda, ocasionando um rápido aumento dos preços.

É importante ressaltarmos que os dados do segundo semestre desse ano são projeções, tanto para produção quanto para o faturamento, com base nos dados disponíveis pelo IBGE até setembro de 2020. Enfrentamos falta de chuvas nos últimos meses do ano que podem, mais uma vez, comprometer o rendimento da pecuária leiteira. Assim, é possível que a nossa projeção para a produção seja reajustada e, conseqüentemente, o faturamento pode sofrer alterações com viés de redução das nossas expectativas.

1.2 Análise da Rentabilidade da Agropecuária do Rio Grande do Sul

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

A Análise de Rentabilidade trata **exclusivamente** da capacidade de obter receita, por hectare, advinda do preço e da produtividade esperada diante do custo de produção. Perdas climáticas futuras não são consideradas na projeção de receita para próxima safra, pois a análise é um vetor de competitividade e não um relato de desempenho para o próximo ano.

1.2.1

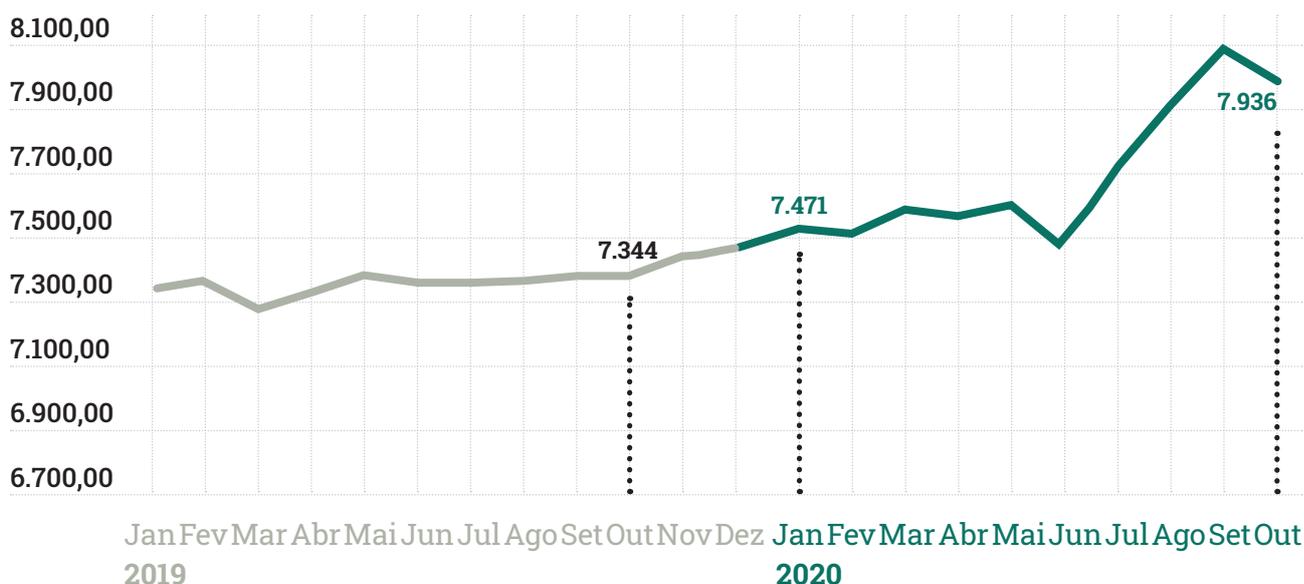
Arroz

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo.

Analisando os custos de outubro de 2020 com os do mesmo período do ano anterior, houve uma elevação de 8,05% no COT. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), esse aumento no custo fica mais evidente. No acumulado em 12 meses o IICP apresentou inflação de 8,17%, enquanto na análise da evolução do COT dentro do ano (de janeiro até outubro) houve um acréscimo de 8,28%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no gráfico abaixo.

Gráfico 3 Evolução mensal do Custo Operacional Total do Arroz no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Na composição do Custo Operacional Total do Arroz, os principais destaques de alta, quando comparados os meses de outubro de 2019 e 2020, foram: fertilizantes, que representam 14% do COT, com aumento de 25%; herbicidas, que constituem 8% do COT, com uma elevação de 5%; sementes, com alta de 55%; e tributos de comercialização, com uma ampliação de 70% no seu custo. Com uma cotação recorde para o saco de Arroz, é natural que os tributos de comercialização tenham um forte aumento por conta de uma ampliação da receita do produtor. As contas que demonstraram queda no custo foram: operações mecânicas, com uma retração 5%; frete, que caiu 9% e custos gerais, que diminuíram 1% em relação ao mesmo período do ano passado.

A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Arroz demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties compõem 30% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, estes componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Com-

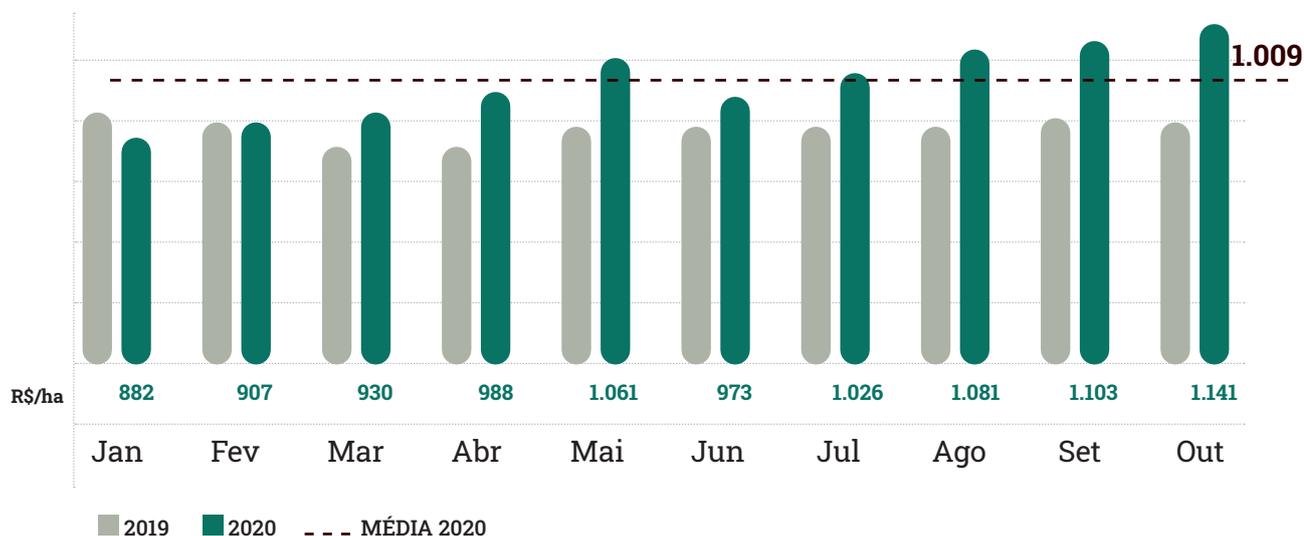
prar na hora certa, portanto, é fundamental. Por sua vez, os componentes do custo como irrigação, óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro (46% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumente sua lucratividade.

Em 2020, o melhor período para a compra de fertilizantes foi em janeiro, como pode ser observado no gráfico seguinte. O custo do insumo em março foi 14% mais baixo, quando comparado com **julho, mês de entrada do custeio.** O custo de fertilizantes foi influenciado diretamente pela desvalorização cambial do real frente ao dólar - como poderá ser visualizado, o custo aumentou até o mês de maio, momento em que o dólar médio mensal chegou à cotação de R\$ 5,61.

Gráfico 4 - Custo dos fertilizantes para Arroz no RS, em R\$/ha

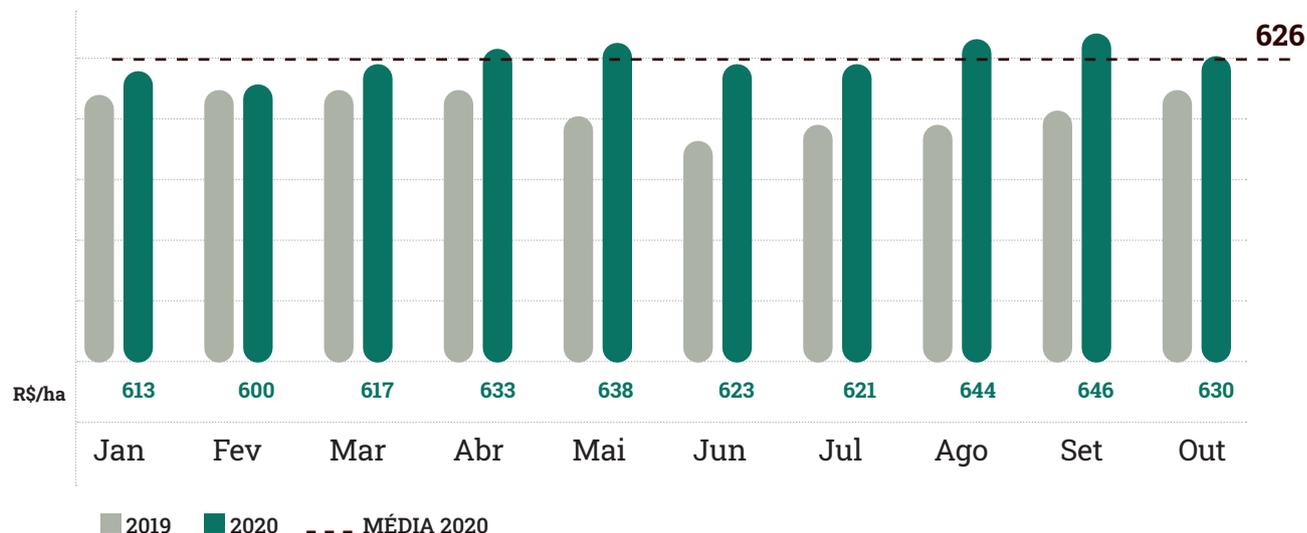
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram analisados individualmente. A análise apontou que **o melhor momento para a compra de herbicidas foi no primeiro semestre do ano**, pois, em 2020, os meses de janeiro e fevereiro apresentaram as melhores cotações. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em fevereiro apresentaram uma economia em seu custo de 3% em relação ao mês de julho.

Gráfico 5 Custo dos herbicidas para Arroz no RS, em R\$/ha

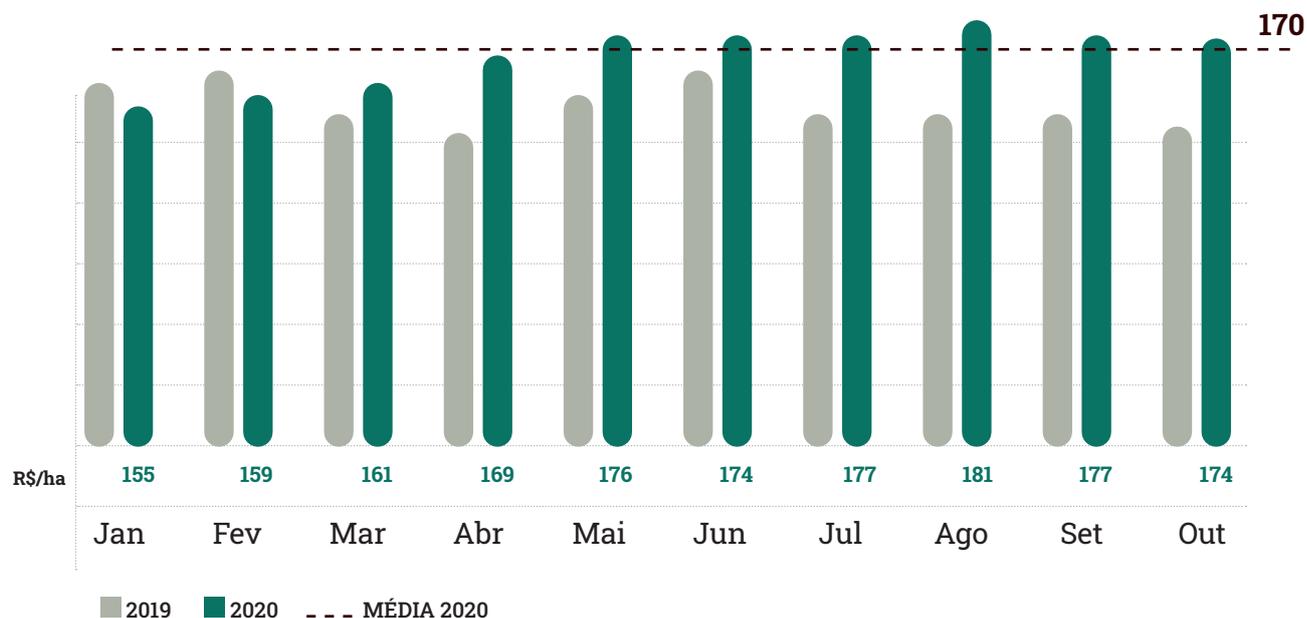
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Para os últimos anos, **o melhor momento para compra dos inseticidas foi no primeiro semestre**. No ano de 2020 a estratégia não foi diferente. Com a desvalorização cambial principalmente a partir de abril, momento em que a moeda americana ultrapassou a marca dos R\$ 5,00, o custo com inseticidas passou a ficar acima da média dos últimos nove meses.

Gráfico 6 Custo dos inseticidas do Arroz no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



De acordo com a análise produzida, **o melhor momento apontado para adquirir fungicidas é nos primeiros meses do ano**. Como pode ser observado no gráfico seguinte, os custos com fungicidas apresentou comportamento similar aos outros insumos analisados anteriormente, e o mês de janeiro se configurou no melhor momento para a aquisição do insumo.

Gráfico 7 Custo dos fungicidas para Arroz no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Margem de Lucratividade do Arroz

A safra 2019/2020 no Rio Grande do Sul foi marcada por ser o terceiro ano consecutivo de redução na área plantada, no qual sofreu uma redução de 3% em relação à safra anterior, reflexo do aumento mais acentuado do custo de produção em relação ao preço que vem, recorrentemente, comprometendo as margens de lucratividade da cultura. Entretanto, a produção do RS aumentou 8% por conta do clima seco e da alta incidência de luz solar que beneficia a produção de arroz. Em nível nacional, o grão registrou aumento de 6,5% em 2020 puxado principalmente pela alta produtividade da safra gaúcha, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Com uma conjuntura de preço recorde em 2020, o USDA tem trabalhado com um cenário de aumento na área plantada do Brasil em 3,3% para 2021. Caso essa projeção se confirme, deveremos ter uma produção em 2021 similar à do ano passado no país que, por decorrência, causará em mais uma queda na oferta total brasileira, de 0,2%.

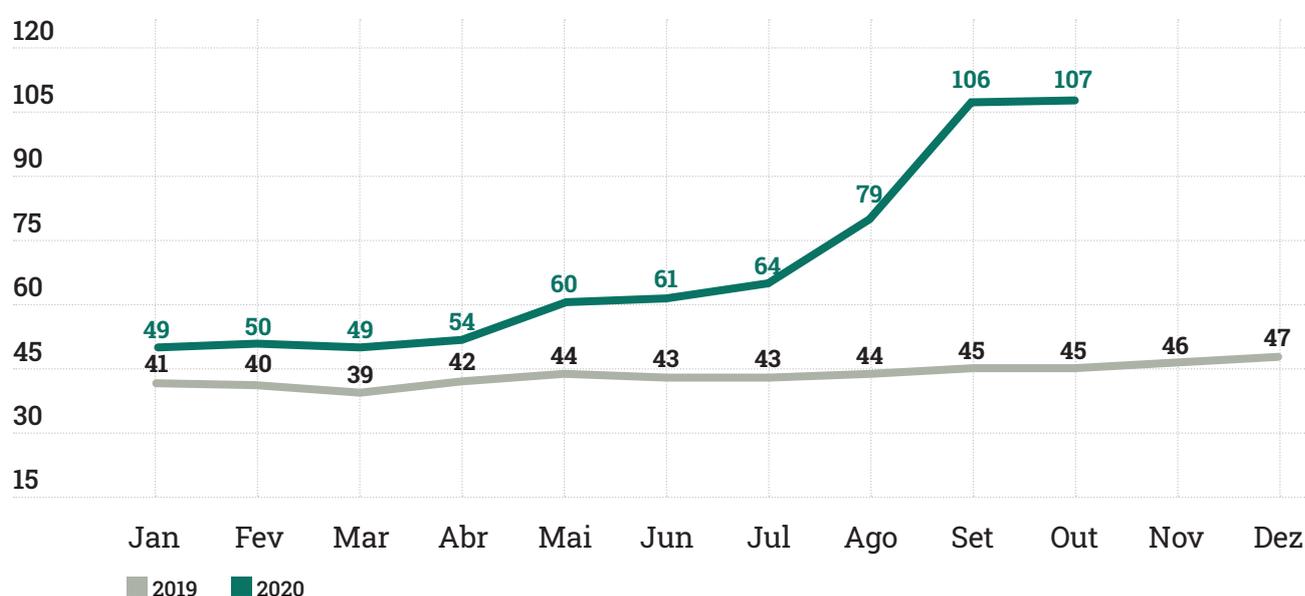
A pandemia do COVID-19 causou fortes impactos na demanda de Arroz neste ano: mudanças nos hábitos de consumo das famílias brasileiras durante o período de distanciamento social, e o Auxílio Emergencial do governo, estimularam um maior consumo do Arroz⁴. Por conta dessa

⁴ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das despesas totais para despesas com alimentação; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para despesas com alimentação.

conjuntura apresentada anteriormente, a Assessoria Econômica da Farsul acredita que haverá uma ampliação de 6% do consumo interno, atingindo a marca de 11,5 milhões de toneladas de arroz até o final de 2020. Além do aumento do consumo interno, a situação de grande incerteza econômica acabou culminando na desvalorização do real, que permitiu ao Brasil exportar quantia significativa de arroz neste ano.

Gráfico 8 Preço mensal do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg

Fonte: Esalq/Senar-RS



Por decorrência da conjuntura apresentada anteriormente, a ampliação da demanda progrediu de forma mais acelerada que o aumento da produção, resultando na retração brusca dos estoques e na valorização dos preços. Em outubro, o preço médio do grão no RS chegou a R\$106,75/sc 50kg, uma variação de 136% em relação ao mesmo período do ano passado. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR), esse aumento no preço fica mais evidente. No acumulado em 12 meses o IIPR apresentou aumento de 98,11%.

A Assessoria Econômica da Farsul espera uma queda no consumo interno em 2021, que atingirá a marca de 11 milhões de toneladas. Para o mercado externo, a Farsul concorda com a projeção do USDA de queda nas importações, porém, **analisando a conjuntura atual**, não esperamos uma queda acentuada na taxa de câmbio, o que deverá permitir que as exportações de Arroz nacionais em 2021 tenham desempenho semelhante ao de 2020. A expectativa para 2021 é que os preços não se mantenham nos patamares recordes deste ano, mas não é esperado que haja uma queda brusca nas cotações do grão e que o preço médio de comercialização para a próxima safra seja superior ao da safra 2020.

Gráfico 9 Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Arroz no RS, em R\$/ha

Fonte: Cepea/Esalq

(*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/20: R\$ 54,22/saca 50 kg; out/20: R\$ 106,75/ saca 50kg



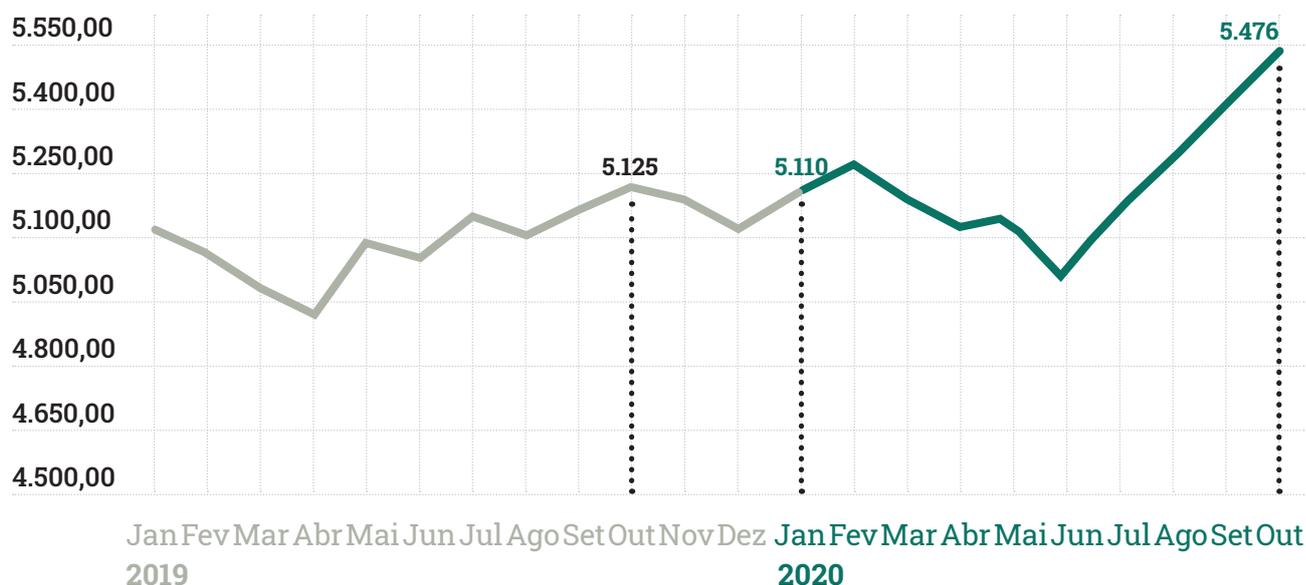
Para a safra 2021 de Arroz, projeta-se uma margem bruta positiva e um COT 8% maior do que o custo verificado na safra passada. Entretanto, o aumento da margem esperada para a próxima safra é decorrência da valorização histórica do preço em 2020, associada a uma expectativa de níveis normais de produtividade do RS. **É importante destacarmos que se deve ter muita prudência com estas projeções. Contudo, o cenário que vem se configurando é de uma permanência dos níveis elevados de preços para 2021 - então, há uma probabilidade considerável de que a Margem Bruta se mantenha em patamares recordes até abril do ano que vem.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Uruguiana.

1.2.2 Milho

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2020 com o mesmo período do ano anterior, o COT registrou alta de 6,8%. Na análise da evolução do COT, somente em 2020 (de janeiro até setembro) aumentou 7,14%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IICP apresentou uma inflação de 8,17%.

Gráfico 10 Evolução mensal do Custo Operacional Total do Milho no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Na composição do Custo Operacional Total do Milho, a maioria das contas que compõem o indicador apresentaram aumentos, se comparados os meses de outubro de 2019 e 2020. Fertilizantes, com participação de 30% do COT, subiram 17% no período; herbicidas, que representam 4% do COT, apresentaram alta de 6%; e o custo do tributo de comercialização aumentou 99%, em razão de uma receita mais alta por conta do forte aumento do preço em 2020. As contas que se destacaram com queda no custo foram: fungicidas, com uma retração 11%; sementes, que caíram 3% no custo; operações mecânicas, que diminuíram 3% no seu custo; e frete, que caiu 5% em relação ao mesmo período do ano passado.

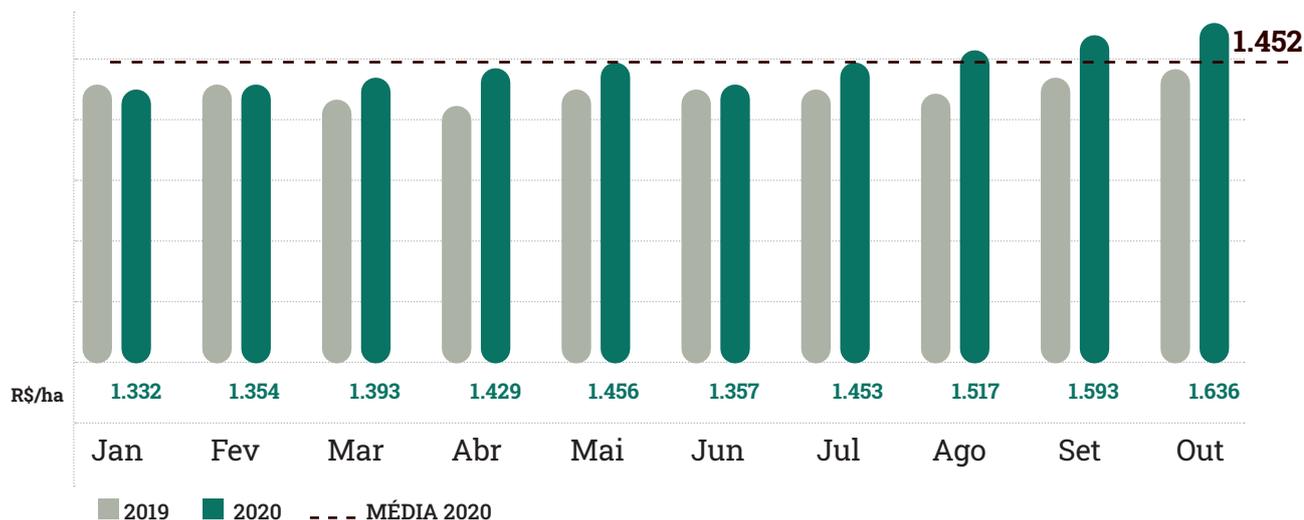
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Milho demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e *royalties* compõem 53% do COT. Assim, na gestão da atividade rural, mais da metade dos componentes do custo de produção dependem diretamente da estratégia de aquisição do produtor rural. Os componentes do custo como óleo diesel, frete, mão de obra, tributos e financiamento do capital de giro (34% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Gráfico 11 Custo dos fertilizantes para Milho no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

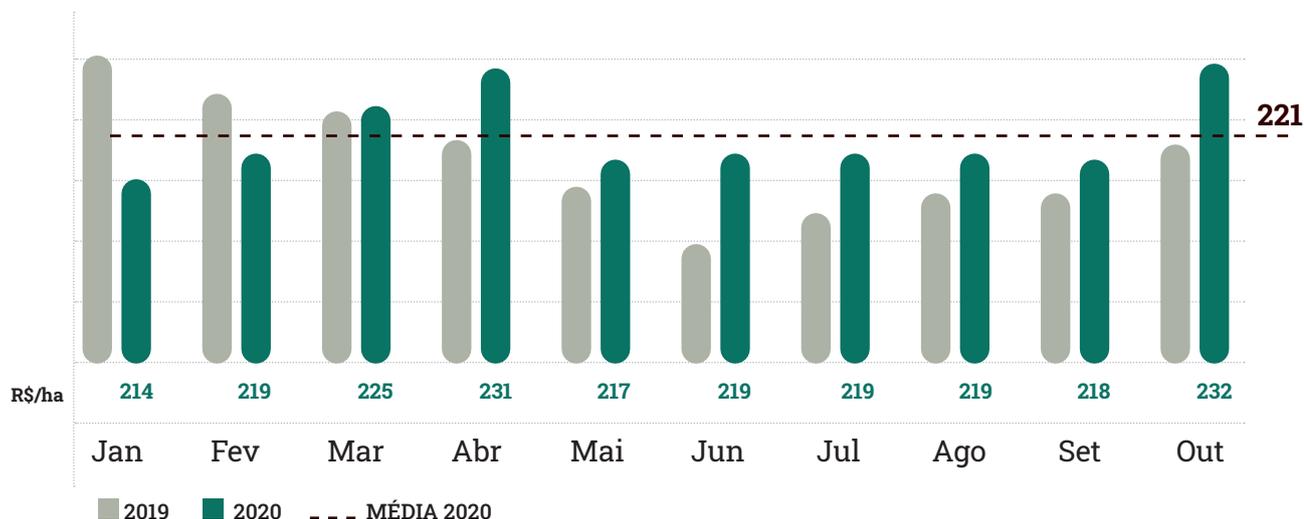


Nossa análise apontou que, nos últimos anos, **a primeira metade do ano é a melhor época para a compra de fertilizantes**. Em 2020, o mês de janeiro se destacou como o melhor momento para a aquisição do insumo. Como já foi destacado anteriormente, fertilizante é um insumo que reage muito às flutuações cambiais, então os produtores que adquiriram esse insumo nos primeiros meses do ano conseguiram aproveitar o melhor preço.

Os agroquímicos (herbicidas, fungicidas e inseticidas) foram pesquisados individualmente. **A análise apontou que o melhor momento para a compra de herbicidas remete ao primeiro semestre do ano**. Entretanto, em 2020, a conjuntura de preços foi diferente. Desde maio os custos caíram e se mantiveram abaixo do custo médio no restante do ano, porém o destaque para o mês de melhor cotação foi janeiro.

Gráfico 12 Custo dos herbicidas para Milho no RS, em R\$/ha

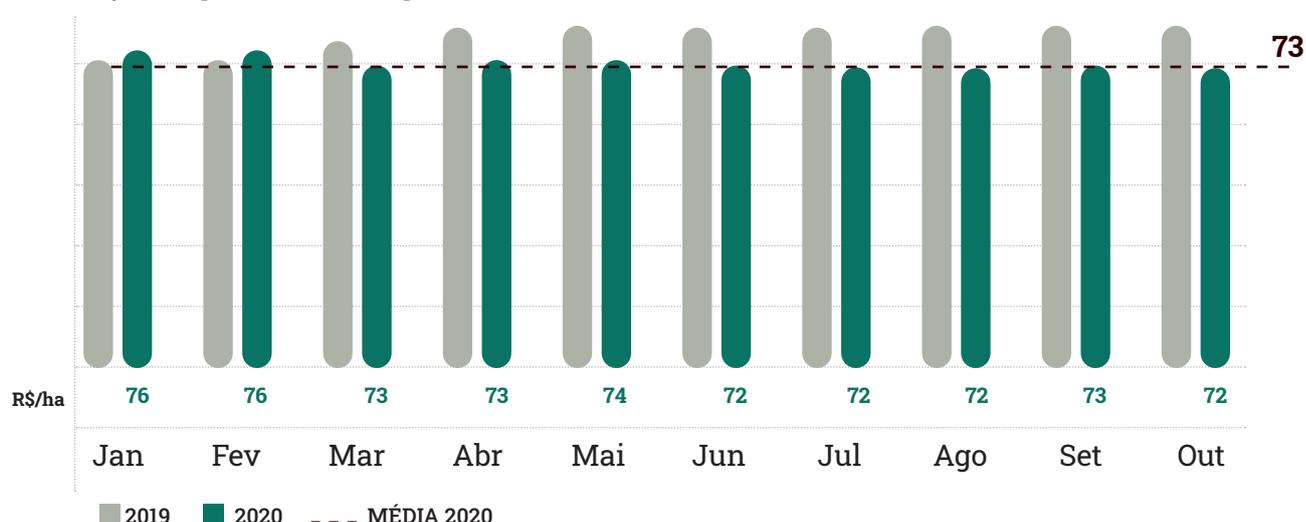
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Os fungicidas possuem tendência de melhor compra no primeiro semestre - entretanto, em 2020, o segundo semestre se mostrou mais propício para a aquisição desse insumo. É importante ressaltar que embora as oscilações nas despesas desse insumo sejam pequenas e que a partir de junho houve poucas mudanças no custo, quem comprou inseticidas entre os meses de junho e agosto teve um custo, por hectare, 5% menor do que quem adquiriu o insumo entre os meses de janeiro a fevereiro de 2020.

Gráfico 13 Custo dos fungicidas para Milho no RS, em R\$/ha

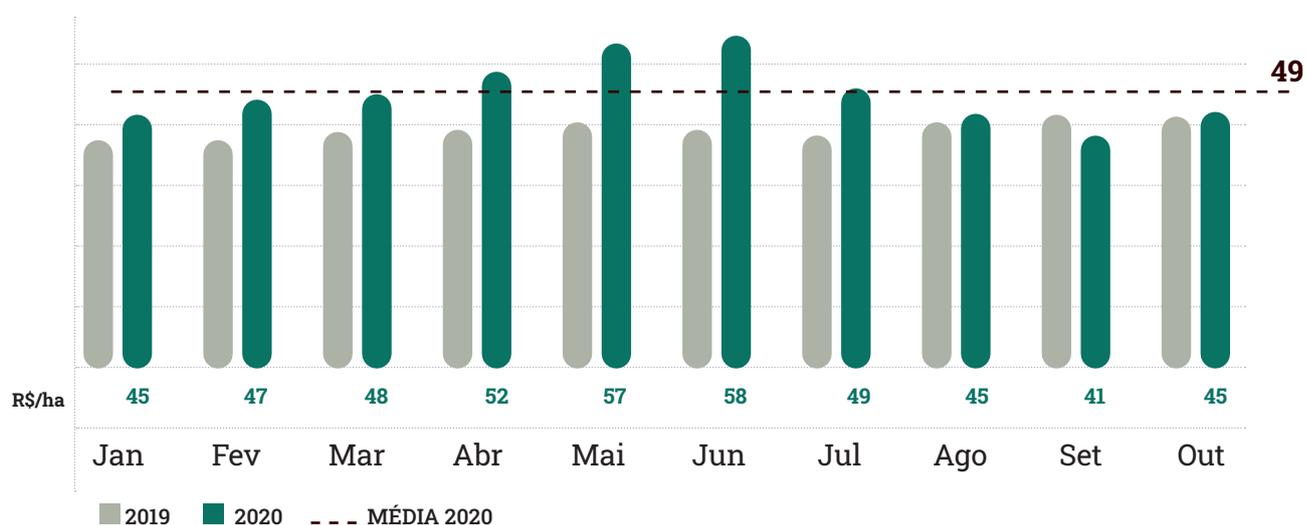
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Nos últimos anos, **o melhor momento para compra dos inseticidas foi no primeiro semestre do ano**. No ano de 2020 a estratégia foi um pouco diferente: o primeiro trimestre apresentou preço abaixo da média anual, porém a melhor cotação foi no mês de setembro de 2020.

Gráfico 14 Custo dos inseticidas do Milho no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Margem de Lucratividade do Milho

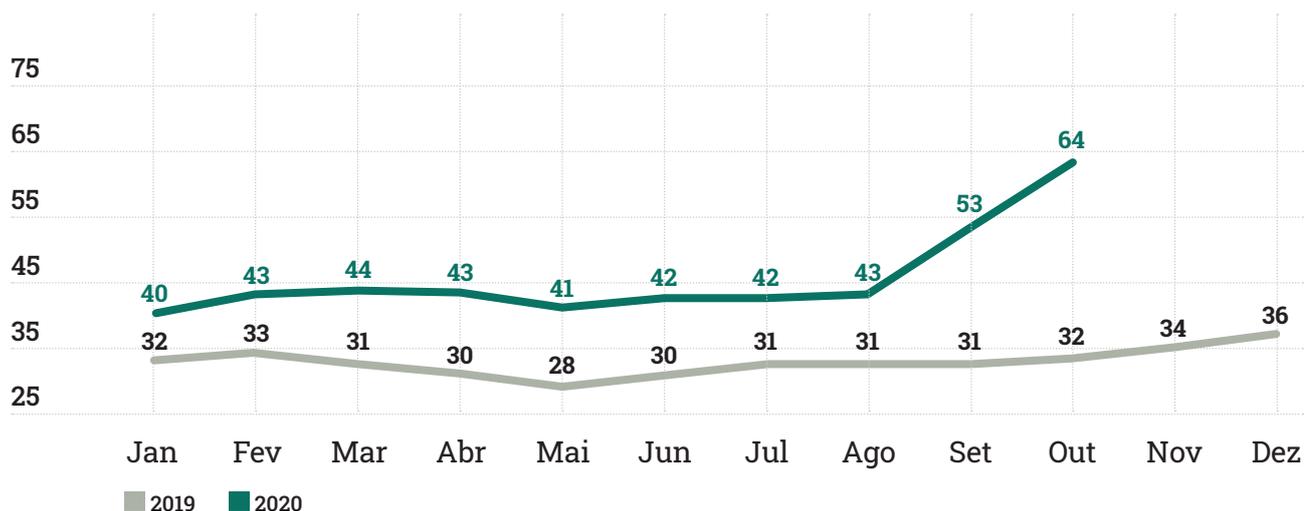
A produção mundial de Milho neste ano caiu -0,6%, reflexo da seca nos Estados Unidos. O consumo exibiu uma queda de 1,0%, porém a demanda deve superar a produção em 2020 pelo terceiro ano consecutivo, segundo projeção do USDA. Essa conjuntura de consumo, que superou a oferta em 2020, resultou em queda de 5% no estoque final internacional. Para 2021 as projeções apontam para um equilíbrio entre oferta e demanda, que é resultado da recuperação esperada da safra Norte Americana - entretanto, a expectativa é de uma nova retração dos estoques finais, que contribuirá para um cenário esperado de preços estáveis no mercado internacional no próximo ano.

No ano de 2020 a produção brasileira de milho aumentou 1%, porém a oferta teve redução de 0,8%, reflexo da queda de 43,2% nos estoques iniciais. A demanda também apresentou queda na ordem de 2,1%, puxado pela retração das exportações. Entretanto a oferta total ainda se mantém acima da demanda no mercado interno e a projeção do USDA é de estoques finais maiores do que no ano passado. Para 2021, há projeção de aumento na produção de 7,8%, segundo o USDA. Com a supressão da TEC para importação do grão por países não membro do Mercosul, a expectativa é de aumento das importações de milho na safra 2020/21 e, consequentemente, uma ampliação da oferta total para o próximo ano - mesmo com expectativa de aumento da demanda nacional para 2021, puxada por um aumento das exportações por conta da desvalorização cambial do real. Porém as projeções do USDA apontam para uma oferta 8% maior que a demanda e consequentemente uma elevação dos estoques finais brasileiros para a próxima safra.

Apesar da projeção de maiores estoques para o final de 2020 e a projeção de mais um aumento para 2021, o preço do milho no Brasil está em um patamar historicamente elevado. O preço do cereal no RS em outubro de 2019 foi R\$ 32,16/sc 60 kg, enquanto no mesmo período de 2020 o preço foi de R\$ 64,01/sc 60 kg, o que representa um aumento de **99%** no período. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR) esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IIPR apresentou uma inflação de 98,11%.

Gráfico 15 Preço do Milho no RS, em R\$/sc 60kg

Fonte: Cepea/Esalq

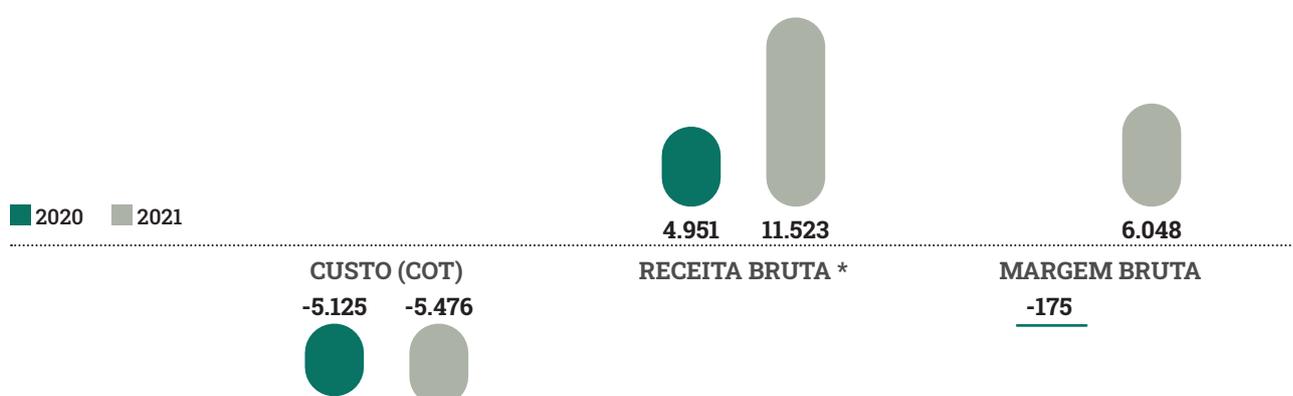


A rentabilidade do Milho para a safra 2021 pode ser verificada no **gráfico seguinte**. Segundo o Cepea/Esalq, a projeção é de aumento no COT (em que o mês de referência é outubro de 2020) de 6,8%, que está relacionada, principalmente, à uma ampliação de 17% no gasto com fertilizantes - que é o insumo que mais pesa dentro do custo operacional total.

Gráfico 16 Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2021 do Milho no RS, em R\$/ha

Fonte: Cepea/Esalq

(*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/20: R\$ 43,05/saca 60 kg; out/20: R\$ 64,01/ saca 60kg



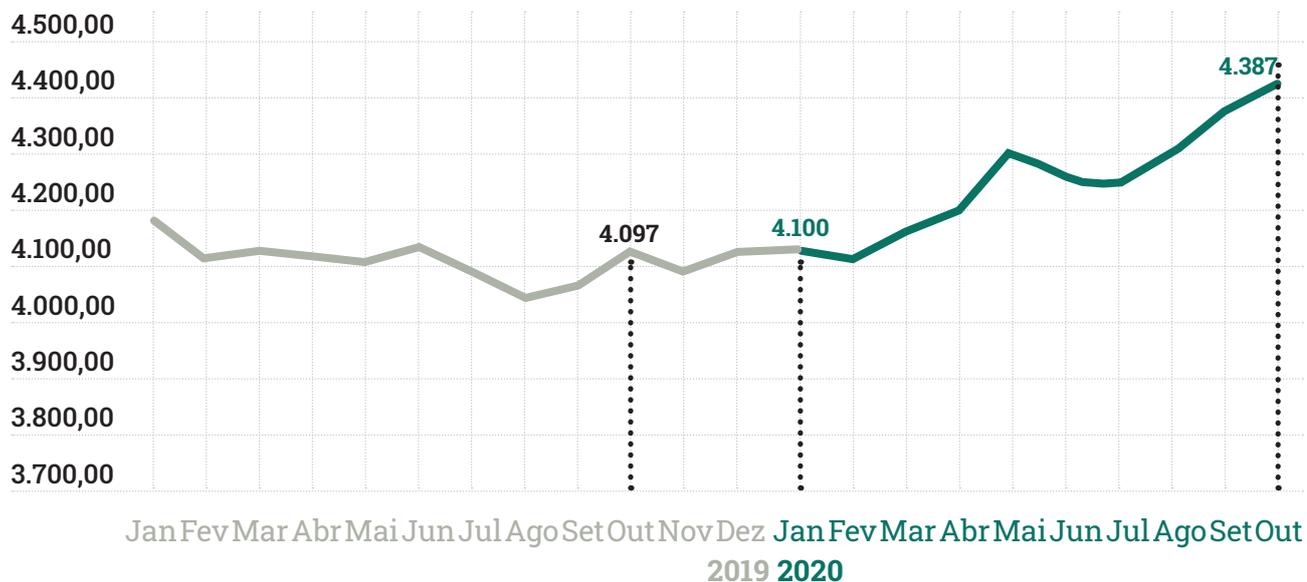
O Rio Grande do Sul passou por uma forte estiagem na safra 2019/2020, que provocou queda de 27% no milho. Tal fator refletiu dentro do rendimento e resultou em receita menor do que o custo de produção e, conseqüentemente, margem negativa neste ano. Mesmo com um aumento no COT para a próxima safra, e um preço em outubro 49% maior que o preço de abril desse ano - mês de referência para a formação de receita da safra passada -, a expectativa para 2021 é de uma receita bruta muito superior a 2020, resultado que é puxado pela expectativa de retorno do rendimento normal do grão no estado e de preços ainda elevados no próximo ano. **É importante ressaltar que essa projeção de margem de lucro considera o preço médio do milho em outubro de 2020, e é esperado que o preço se mantenha em patamares elevados, pois o cenário atual aponta em uma taxa de câmbio ainda desvalorizada para o ano que vem. Então a conjuntura é de margens estáveis ou um leve recuo até abril de 2021, caso as projeções do USDA para estoques finais venham a se confirmar para 2021.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.3 Soja

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é fundamental para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação entre outubro de 2020 com o mesmo período do ano anterior, houve alta de 7,09% do COT. Na avaliação da evolução do COT, somente em 2020 (de janeiro a outubro) a elevação do custo foi de 7,00%. Se analisarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP), essa conjuntura fica mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresenta inflação de 8,17%. O comportamento mensal pode ser analisado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 17 Evolução mensal do Custo Operacional Total da Soja no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Na composição do Custo Operacional Total da Soja, os principais destaques de alta dentro do custo, quando comparados os meses de setembro de 2019 e 2020, foram: fertilizantes, que representam 20% do COT, com aumento de 10%; herbicidas, que apresentaram ampliação de 8% no seu custo; fungicidas com elevação de 14%; inseticidas, com alta de 4% na comparação do custo e tributos de comercialização, que subiram 97% - pois a elevação da receita, puxada pelo preço recorde da Soja, alçou consideravelmente este custo com tributos. Os destaques de redução no custo no período analisado foram: sementes e royalties, que compõe 12% do COT, com queda de 21%; operações mecânicas, que representam 10% do COT, apresentaram uma redução de 3%; e frete, com uma diminuição de 5% no seu custo.

A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção da Soja demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e royalties, compõem 58% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural mais da metade dos componentes do custo de produção depende da estratégia de aquisição do produtor. Os componentes como óleo diesel, frete, tributos, seguros e financiamento do capital de giro (31% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

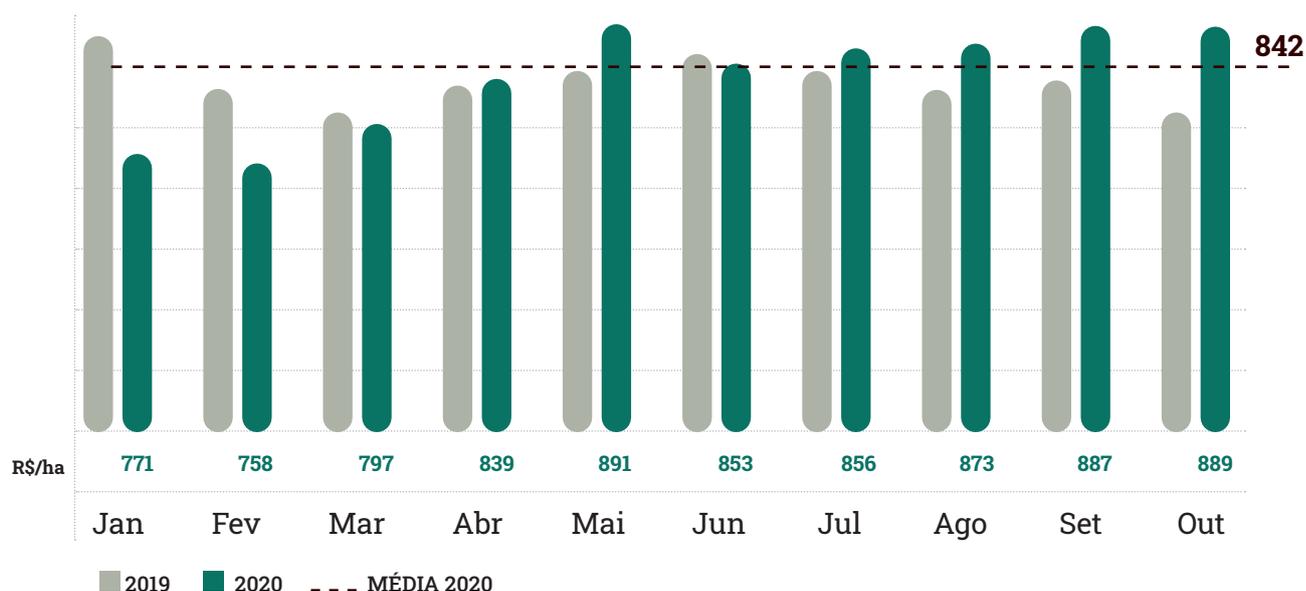
A gestão dos riscos da atividade remete ao estudo do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Nos últimos anos, o melhor momento para a aquisição dos fertilizantes foi o primeiro semestre do ano. O custo do insumo em fevereiro foi 13% mais baixo que em **julho, mês de entrada do custeio**, e se manteve abaixo da média anual somente no primeiro trimestre do ano. Os Ferti-

lizantes para Soja foram fortemente influenciados pela desvalorização cambial do real frente ao dólar, e comportamento similar a esse também foi verificado nas outras culturas, com pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 18 Custo dos fertilizantes para Soja no RS, em R\$/ha

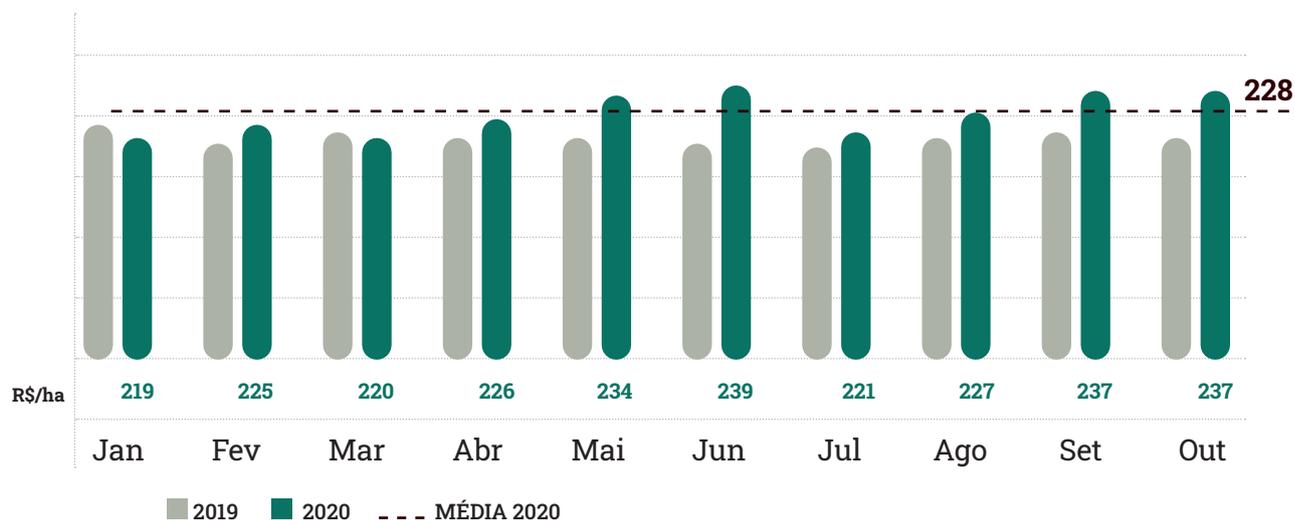
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



O estudo dos agroquímicos para **o melhor momento da aquisição remete, geralmente, ao primeiro semestre para os herbicidas**. Em 2020 esse cenário se manteve e os quatro primeiros meses do ano apresentaram um custo menor em relação à média anual, e janeiro despontou como o melhor momento para a aquisição do produto.

Gráfico 19 Custo dos herbicidas para Soja no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



O melhor período para a compra de inseticidas regularmente é no primeiro semestre, e no ano de 2020 não foi diferente. Observamos que no mês de janeiro houve uma conjuntura ótima para aquisição do agroquímico, com o preço se mantendo 6% abaixo da média anual.

Gráfico 20 Custo dos inseticidas para Soja, em R\$/ha

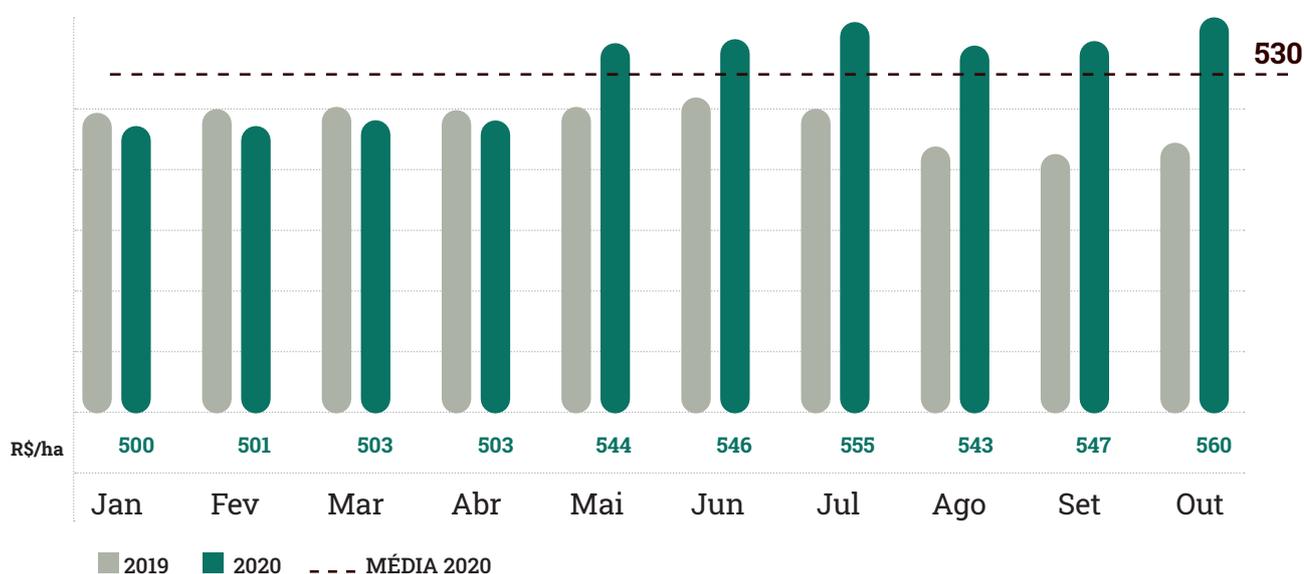
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Os fungicidas possuem tendência de melhor compra nos primeiros meses do ano, e em 2020 essa tendência se manteve e nos primeiros quatro meses do ano o custo foi abaixo da média anual. A desvalorização cambial do Real influenciou o comportamento do custo com fungicidas, e janeiro foi o mês observado com menor custo em 2020.

Gráfico 21 Custo dos fungicidas para Soja no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Margem de Lucratividade da Soja

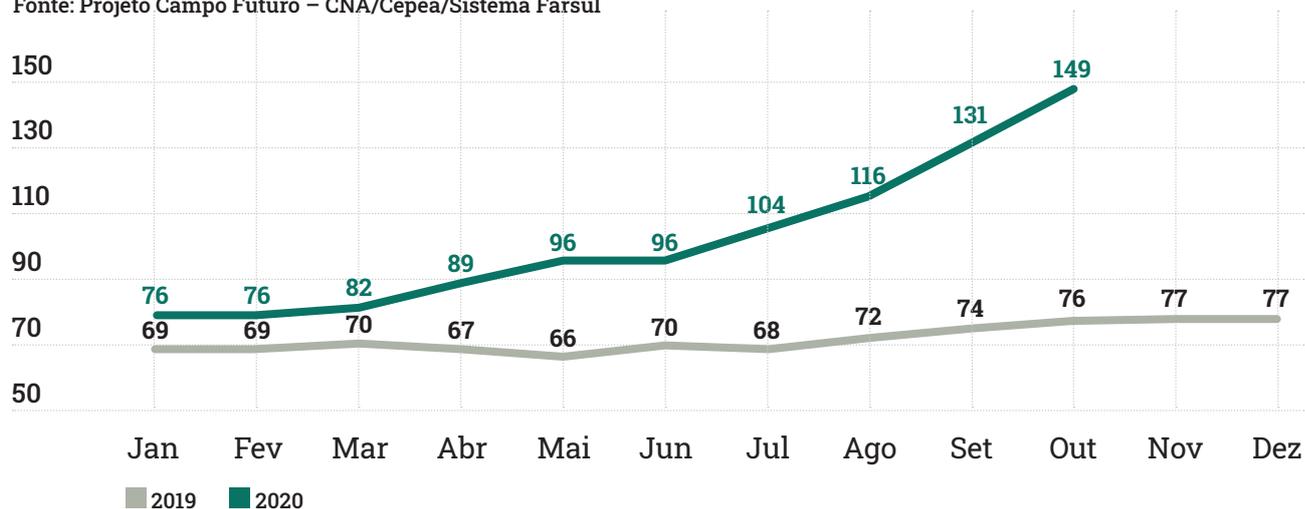
A produção mundial caiu 7% em 2020 (segundo dados do USDA) devido à queda de 20% da safra dos Estados Unidos, reflexo da seca adjunta a uma menor área plantada do grão, que foi consequência das baixas cotações internacionais e incertezas no comércio com a China. Em contraposição, apesar de a produção ter aumentado no Brasil, China e Paraguai, tal elevação não foi suficiente para compensar as perdas dos EUA e Argentina em 2020. As baixas cotações do grão em nível internacional e o avanço da produção de proteína animal nesse ano contribuíram para um aumento da demanda mundial por soja. Outro fator importante desse contexto foi a Gripe Suína Africana, que comprometeu o rebanho de suínos do país e, consequentemente, a demanda chinesa por soja - entretanto, a recuperação do consumo chinês foi mais rápida do que o esperado. Deste modo, o consumo internacional deve superar a produção - conjuntura que não se apresentava desde o ano 2016, e tal desencaixe deve ocorrer de forma ainda mais expressiva em 2020 do que naquele ano.

Para a próxima safra se projeta uma produção recorde com aumento de 7,7% em relação à safra 2019/20. Esse avanço se deve à recuperação da produção Norte Americana e Argentina, e uma expectativa de aumento da safra brasileira do grão. O Consumo deve seguir a sua trajetória de expansão para a safra 2020/21, alcançando o montante de 369 milhões de toneladas, um avanço de 4,3% em relação à safra passada. Assim, se desenha novamente uma conjuntura de consumo superando a produção para a safra, com uma retração 9% dos estoques finais.

A produção brasileira de Soja apresentou um aumento na Safra 2019/2020, apesar da estiagem no Rio Grande do Sul. Contudo, a demanda interna e externa cresceu em ritmo mais acelerado que a produção – assim, a conjuntura para 2020 é de queda de 37% dos estoques finais em relação ao ano passado. O Brasil já ocupa a posição de ser o maior exportador de soja do mundo, porém em 2020 ele deve bater o recorde de exportação do grão com um aumento de 23%, quando comparado com 2019. Esse desempenho foi resultado de uma conjuntura de aumento da oferta brasileira, estiagem nos EUA - principal concorrente do Brasil -, recuperação da demanda chinesa e, sobretudo, a desvalorização cambial do real, reflexo das incertezas geradas pela pandemia global da COVID-19.

Gráfico 22 Preço da Soja no RS, em R\$/sc 60kg

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

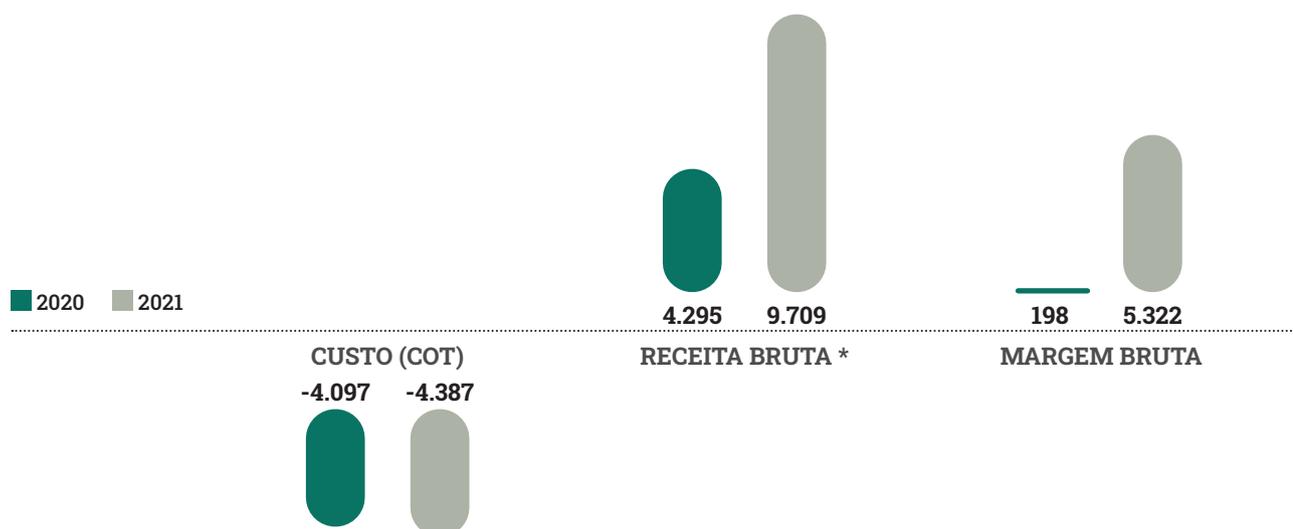


O preço médio da saca de Soja no Rio Grande do Sul, em outubro de 2020, foi de R\$ 149,37/sc 60kg. Este valor foi 97% maior do que a cotação média do mesmo período de 2019 (R\$ 75,71/sc 60kg). A conjuntura apresentada anteriormente de desvalorização cambial, em conjunto com a expansão das exportações, contribuiu para uma valorização recorde dos preços da soja no mercado interno. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR) esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IIPR apresentou um aumento de 98,11%.

Gráfico 23 Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2020 da Soja no RS, em R\$/ha

Fonte: Cepea/Esalq

(*) Receita Bruta a partir dos preços de abr/20: R\$ 89,47/saca 60kg; out/20: R\$ 149,37/ saca 60kg)



Este cenário de preços trouxe um estímulo para a próxima safra e atualmente projeta-se um aumento de 4,6% na área. A estiagem que ocorreu no RS na safra 2019/2020 comprometeu muito a produtividade da Soja e, por decorrência, a receita. Entretanto, os produtores conseguiram observar margens positivas por conta da valorização do preço. Para a safra de 2021 de Soja, projeta-se atualmente uma ampliação forte da receita bruta aliada a um aumento de 7% no COT. O aumento da margem bruta se deve a alta histórica dos preços e de uma expectativa de recuperação da produtividade para 2021. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) tem projetado para a safra 2020/2021 uma queda das exportações no Brasil, porém a Assessoria Econômica da Farsul não projeta uma redução muito acentuada das exportações, uma vez que não enxergamos uma conjuntura de taxa de câmbio muito distinta para 2021. **Entretanto, como se trata de câmbio, é importante apresentarmos cautela com essas projeções.**

Para os preços internacionais, está ocorrendo a configuração de um cenário positivo, com consumo maior que produção e uma nova queda nos estoques finais. Existe a expectativa de que, com a eleição do candidato democrata, haja uma resolução do impasse comercial entre os China e EUA. O produtor que estiver atento a esses movimentos, e começar a realizar travamentos de preço para aproveitar a boa cotação atual, poderá esperar uma margem boa em 2021, pois a expectativa é que o preço não apresente quedas tão bruscas até maio do próximo ano. A pro-

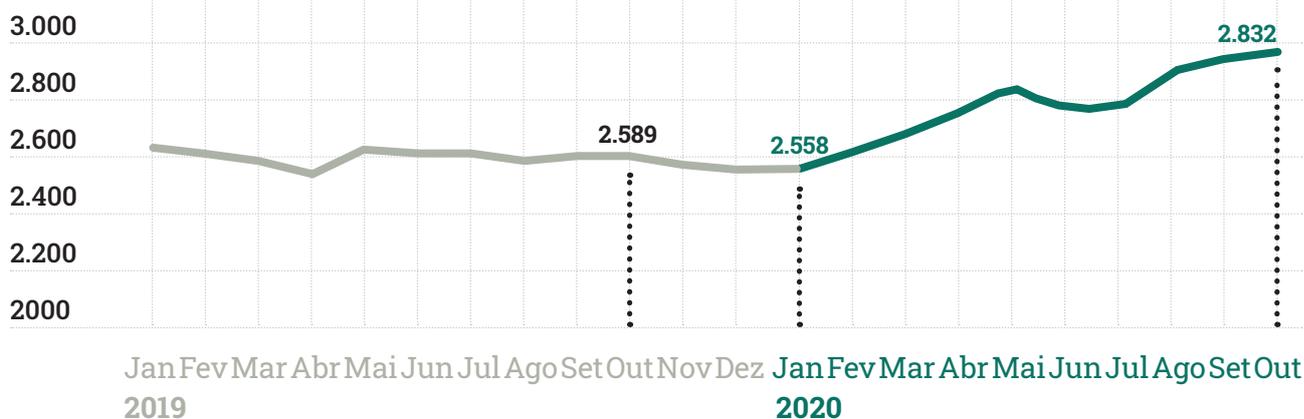
priedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

1.2.4 Trigo

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é imprescindível para avaliar a atividade rural no longo prazo. Na comparação do COT de outubro de 2020 com o mesmo período do ano anterior, houve um aumento de 9,38% e, na evolução do mesmo indicador somente no ano de 2020 (janeiro a outubro), o avanço do custo foi ainda maior (+10,59%). Se considerarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) esse comportamento fica ainda mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresentou alta 8,17%. O comportamento mensal do COT pode ser analisado no gráfico seguinte.

Gráfico 24 Evolução mensal do Custo Operacional Total do Trigo no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Na composição do Custo Operacional Total do Trigo, os principais destaques de alta, se comparados os meses de outubro de 2019 e 2020, foram: fertilizantes, responsáveis por 27% do COT, que subiram 35%; inseticidas, que apresentaram alta de 4%; os fungicidas, que representam 11% do total do COT, apresentou acréscimo de 4% no custo; e tributos de comercialização que aumentou 76% do custo, devido ao avanço da receita puxada pelo preço recorde do grão. Os destaques de diminuição do custo no período analisado foram: herbicidas, que representam 6% do COT, com queda de 2%; e o custo com frete, que caiu 5%.

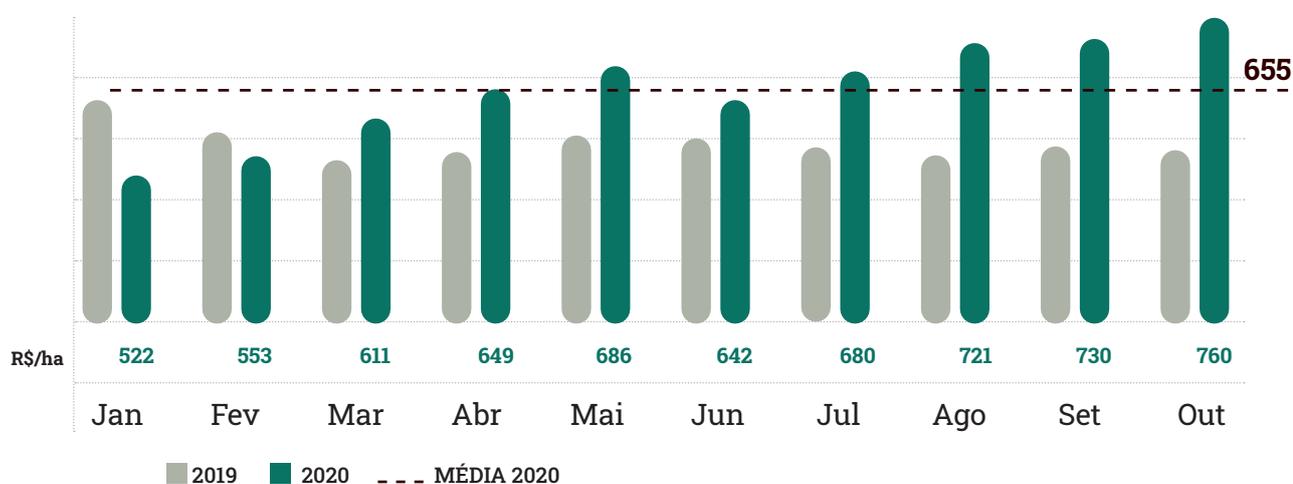
A melhor hora de comprar insumos: fertilizantes e agroquímicos

A análise do custo de produção do Trigo demonstra que fertilizantes, agroquímicos, sementes e *royalties* representam 57% do total do COT. Assim, na gestão da atividade rural mais da metade dos componentes do custo de produção é suscetível a estratégia de aquisição do produtor. Os componentes do custo como óleo diesel, mão de obra, frete, tributos, seguro e financiamento do capital de giro (31% do COT) não são possíveis ou viáveis de serem adquiridos em épocas alternativas.

A gestão dos riscos da atividade remete ao estado do melhor momento para aquisição dos insumos. Em razão disso, analisamos as últimas safras com a finalidade de sinalizar o melhor momento para a compra dos fertilizantes e agroquímicos. Isso permite que o produtor rural tenha a oportunidade de melhorar a gestão dos custos de produção e, conseqüentemente, aumentar sua lucratividade.

Gráfico 25 Custo dos fertilizantes para Trigo no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul

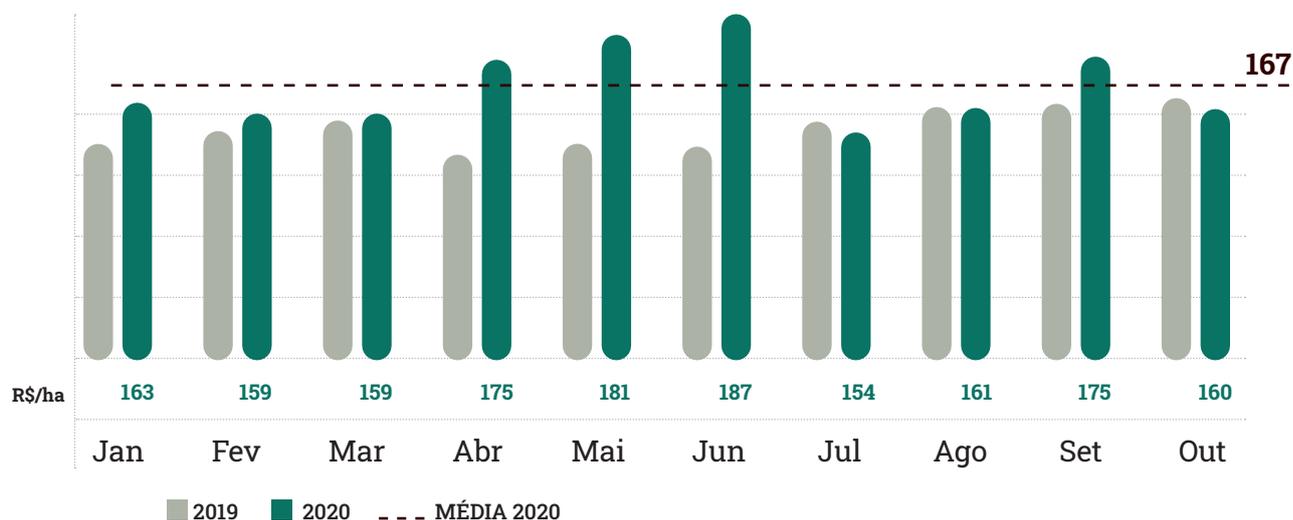


Nos últimos anos, **o melhor resultado para a aquisição dos fertilizantes foi no primeiro semestre do ano**. Conforme pode ser observado no gráfico anterior, no ano de 2020 o mês de janeiro foi o que apresentou o melhor preço. Como foi destacado anteriormente, fertilizante é um insumo que reage muito às flutuações cambiais, ou seja, a desvalorização cambial do Real frente à moeda americana influenciou o comportamento do custo deste insumo.

A análise, nos agroquímicos, para **o melhor momento da aquisição remete ao meio do ano** para os herbicidas. Em 2020 a estratégia se manteve e o mês de julho despontou como o melhor período para a aquisição. Os produtores que conseguiram comprar o insumo em julho obtiveram uma economia no seu custo por hectare de 8%, em relação à média anual.

Gráfico 26 Custo dos herbicidas para Trigo no RS, em R\$/ha

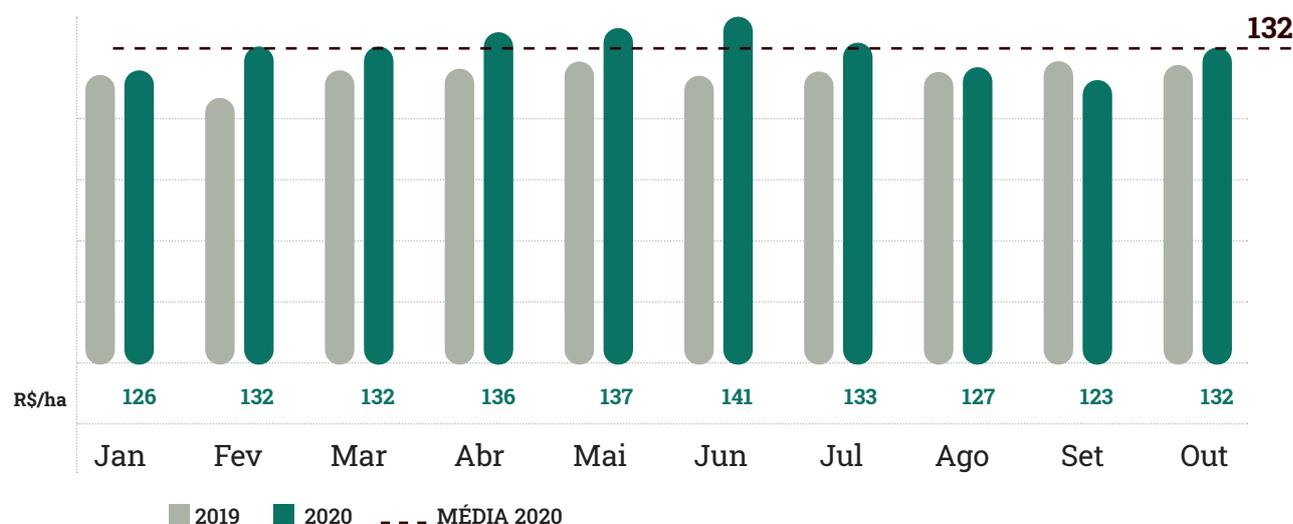
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Nos últimos anos **o melhor momento de compra dos inseticidas foi durante os primeiros meses do ano**. No ano de 2020 a estratégia foi um pouco diferente, pois janeiro apresentou preço abaixo da média anual – porém, a melhor cotação foi no mês de setembro de 2020.

Gráfico 27 Custo dos inseticidas para Trigo no RS, em R\$/ha

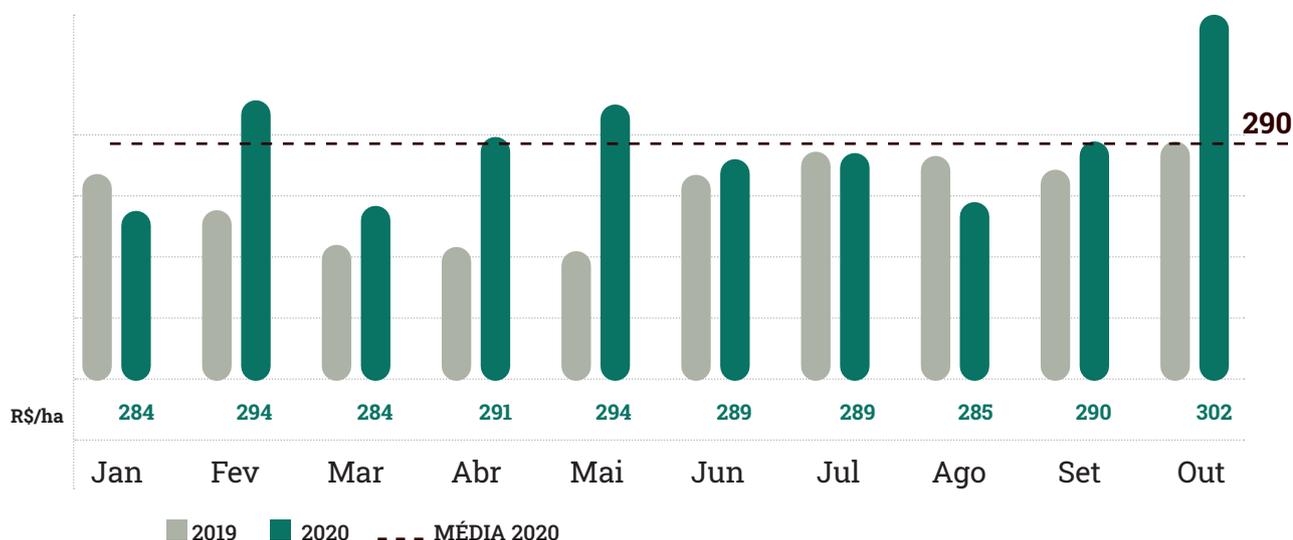
Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Os fungicidas possuem tendência de melhor compra em maio, contudo, neste ano, os meses de janeiro e março apresentaram o melhor preço. O produtor que adquiriu o insumo em janeiro ou março conseguiu realizar uma economia de 2% no custo se comparado com a média anual. Isso pode ser observado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 28 Custo dos fungicidas para Trigo no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul



Margem de Lucratividade do Trigo

Conforme o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), neste ano a lavoura de Trigo no Brasil não apresentou mudanças na área colhida, porém problemas climáticos devem afetar o rendimento da lavoura nacional. A expectativa para a safra 2020 é de queda de 5% da oferta total brasileira, puxada por uma expectativa de produção de trigo 4% menor, segundo dados da USDA. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) já começou a revisar a sua expectativa de rentabilidade para o trigo na atualização do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de outubro de 2020, pois já pode ser observado um cenário de queda de 10% na produtividade comparado com o levantamento de setembro – então, existe uma conjuntura de queda na produção comparado com 2019.

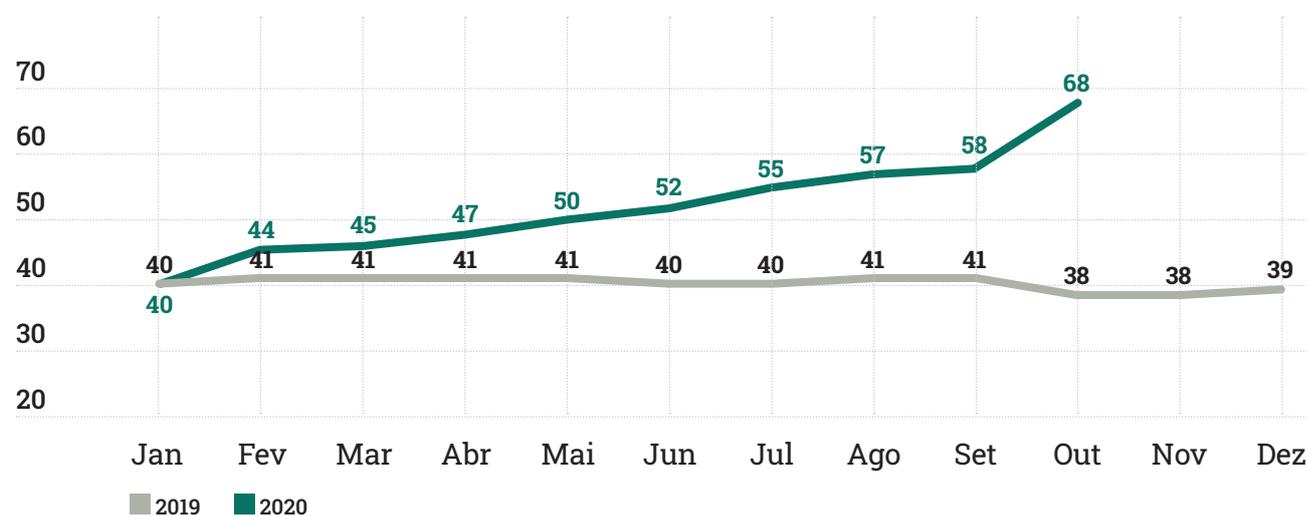
O USDA estima, atualmente, que o consumo Brasileiro do cereal se mantenha estável se comparado com a safra anterior – assim, com uma perspectiva de menor produção, os estoques devem reduzir 11%. Embora tenhamos uma retração da economia puxada pela crise, reflexo do afastamento social gerado pela pandemia global de COVID-19, a Farsul visualiza uma conjuntura de aumento da demanda pelo cereal na safra 2019/2020. Essa circunstância foi resultado da política de Auxílio Emergencial lançada pelo Governo Brasileiro que garante uma renda mínima às camadas mais vulneráveis da sociedade, o que deve refletir em ampliação do consumo de trigo em 2020⁵. Então, quedas mais acentuadas nos estoques finais devem ocorrer para anteceder essa demanda maior.

5 De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para *despesas com alimentação*.

Esse panorama de desvalorização cambial, perspectiva de queda na produção, elevação da demanda em decorrência do programa de Auxílio Emergencial e expectativa de recorrer aos estoques, causou um cenário de valorização dos preços. Em 2020, o preço médio do cereal em janeiro foi R\$ 40,44/sc 60 kg, enquanto em outubro o preço médio está na casa de R\$ 67,65/sc 60 kg, representando uma elevação de **54% da cotação** no período. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR) esse cenário fica mais evidente: no acumulado no ano (janeiro a outubro), o IIPR apresentou uma alta de 91,24%.

Gráfico 29 Preço do Trigo no RS, em R\$/sc 60kg

Fonte: Cepea/Esalq



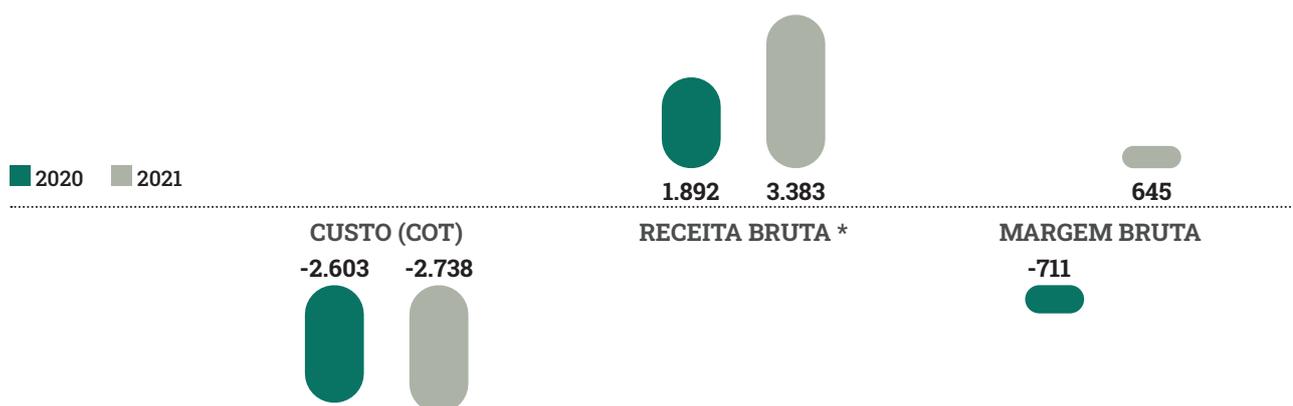
O comparativo da rentabilidade do Trigo na safra 2020 versus safra 2019 pode ser verificado no **gráfico seguinte**. Há elevação no COT (maio como mês de referência) de 5%, principalmente via aumento nos custos de fertilizantes (+17%), fungicidas (+5%), e herbicidas (+20%).

Para orçamentação do Trigo em 2020, houve um avanço forte da Receita Bruta resultado de um preço 72% maior que o preço da orçamentação da safra passada, que provavelmente resultará em margem positiva para o trigo neste ano. O cenário é de um resultado positivo em termos da margem, mesmo com aumento no custo de produção - a crescente valorização do preço em patamares recordes está proporcionando lucratividade, depois de anos de margens negativas. **É importante destacar que os estudos que produzimos são uma “fotografia” do preço em outubro de 2020 - no período em que a safra está sendo colhida, então é possível que as cotações cedam nos últimos meses do ano com a finalização da colheita. Porém, a expectativa do USDA é de que a produção caia levemente, contribuindo para uma queda nos estoques finais e um cenário de margem positiva em dezembro de 2020.** A propriedade analisada na metodologia leva em consideração os rendimentos médios por hectare dos levantamentos do Campo Futuro na região de Carazinho.

Gráfico 30 Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da safra 2020 do Trigo no RS, em R\$/ha

Fonte: Cepea/Esalq

(*) Receita Bruta a partir dos preços de dez/19: R\$ 39,41/saca 60kg; out/20: R\$ 67,65/saca 60kg.



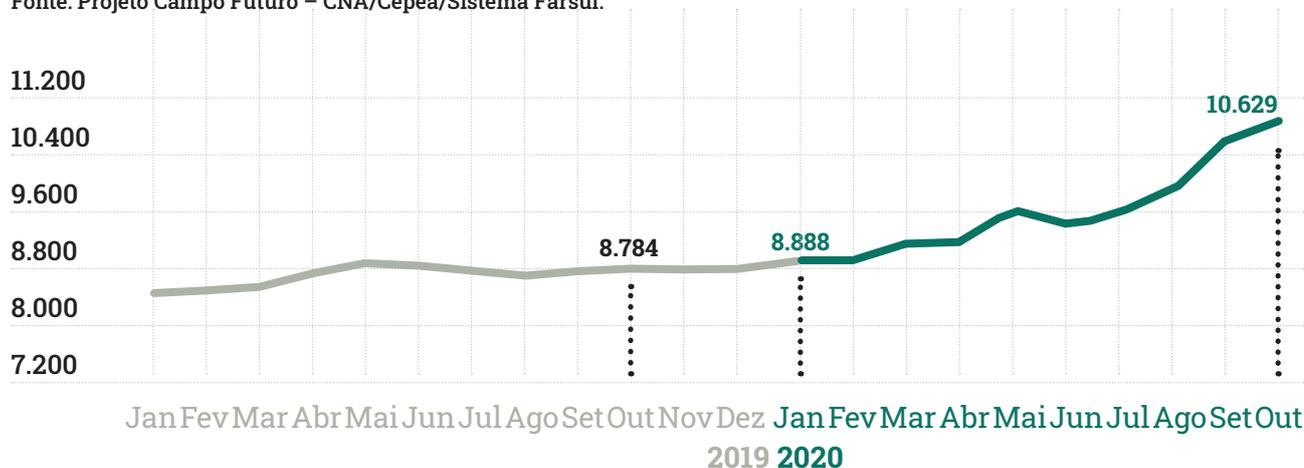
1.2.5

Leite

O Custo Operacional Total (COT), que compreende o Custo Operacional Efetivo mais as Depreciações (benfeitorias, máquinas e etc.), é o indicador mais importante para avaliar a atividade rural no longo prazo. Ao analisar os custos de outubro de 2020 para com o mesmo período do ano anterior, foi registrado um aumento de 21%. Já no acumulado do ano (janeiro até outubro), o COT demonstrou uma alta de 20%. Se considerarmos o Índice de Inflação do Custo de Produção (IICP) esse comportamento fica ainda mais evidente: no acumulado de 12 meses o IICP apresentou alta 8,17%. O comportamento mensal do COT poderá ser analisado no **gráfico seguinte**.

Gráfico 31 Evolução mensal do Custo Operacional Total do Leite no RS, em R\$/ha

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Cepea/Sistema Farsul.



O ano de 2020 foi complicado em termos de custo de produção e produtividade para os produtores de leite. O Rio Grande do Sul passou por uma forte estiagem no primeiro trimestre do ano, o que comprometeu a lavoura de milho e consequentemente afetou a silagem feita pelo

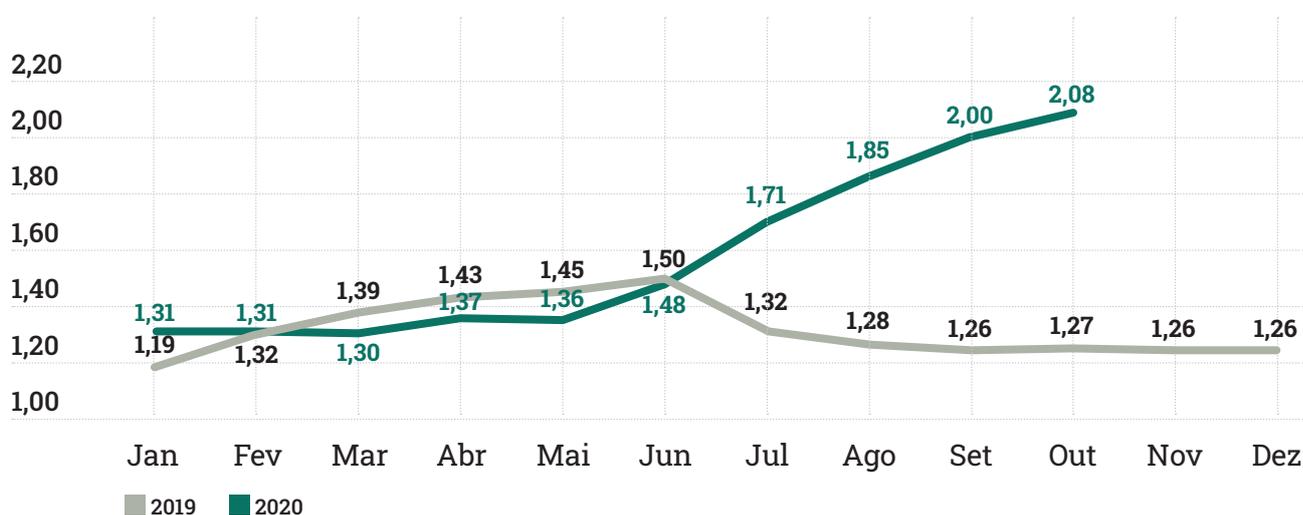
produtor de leite. Com baixa oferta de grão e uma conjuntura de desvalorização cambial por conta da pandemia global do Coronavírus, as cotações de milho – principal insumo de alimentação da pecuária leiteira – tiveram uma alta recorde dentro do estado. O preço do milho aumentou 61% somente no período entre janeiro e outubro de 2020, e tal cenário contribuiu frontalmente para um rápido aumento do custo de produção.

Margem de Lucratividade do Leite

O setor de lácteos vem sofrendo uma crise de demanda interna nos últimos anos, que comprometeu todos os elos da cadeia produtiva e impactou as margens de lucratividade do leite, tanto da indústria como do produtor. Entretanto, neste ano houve uma retomada do consumo interno: a pandemia da COVID-19 causou fortes impactos na demanda de leite e derivados, consequência das mudanças nos hábitos de consumo das famílias brasileiras durante o período de distanciamento social e pelo Auxílio Emergencial do governo, que estimulou o setor. O cenário projetado para 2020 é de queda modesta na produção - depois de dois anos de consumo estagnado -, e a expectativa é de uma oferta ainda muito ajustada à demanda, contribuindo para uma sustentação nas cotações ao produtor. O preço no Rio Grande do Sul registrou alta de 59% na comparação de janeiro com outubro de 2020.

Gráfico 32 Preço médio mensal líquido do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$ por litros

Fonte: Cepea/Esalq



O preço do litro de Leite no Rio Grande do Sul, em outubro de 2020, foi de R\$ 2,08/litro. Esse valor foi 64% maior do que a cotação em outubro de 2019 (R\$ 1,26/litro). Além disso, como pode-se observar no gráfico do preço, a partir do mês de maio de 2020 os preços iniciam sua trajetória de valorização, exatamente no mesmo período em que a influência do Auxílio Emergencial começa a ser sentida na demanda por alimentos⁶, em conjunto com o recrudescimento das

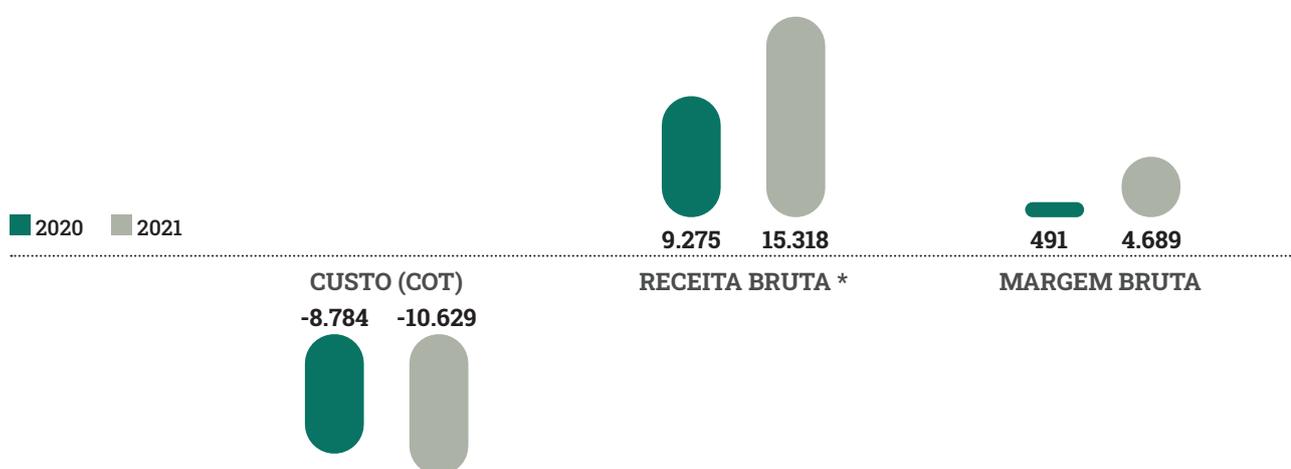
⁶ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual para *despesas com alimentação*.

medidas de quarentena para conter a crise da COVID-19. Se analisarmos o Índice de Inflação dos Preços Recebidos ao Produtor (IIPR) esse cenário fica mais evidente: no acumulado de 12 meses, o IIPR apresentou uma alta de 98,11%.

Gráfico 33 Orçamentação do Custo Operacional Total, Receita Bruta* e Margem Bruta da Safra 2019 e 2020 de Leite no RS (R\$/ha)

Fonte: Cepea/Esalq

(*) Receita Bruta a partir dos preços de out/19: R\$ 1,26/litro; out/20: R\$ 2,08/litro



Para 2020, estima-se um aumento expressivo da margem bruta. Projeta-se um avanço de 65% na receita bruta, que advém da valorização recorde do preço ao produtor registrado a partir do início da pandemia no RS. É importante destacarmos que se deve sempre ter muita cautela com **essas projeções, pois ainda temos um cenário de estiagem nos últimos meses deste ano que podem afetar o rendimento do produtor. Contudo, o cenário que vem se configurando para 2020 é de uma rentabilidade superior ao do ano passado, porém temos uma tendência de queda leve no preço até dezembro de 2020.**

1.3

Análise do Crédito Rural do Rio Grande do Sul

Por Ruy Augusto da Silveira Neto

O volume total dos recursos anunciados pelo Governo Federal para o Plano Safra 2020/21 é de R\$ 236 bilhões, aumento de 6,1% em relação ao montante anunciado na safra anterior. As taxas de juros de custeio e comercialização diminuíram em um ponto percentual, chegando a 5% a.a. para os médios produtores (renda bruta anual até R\$ 2 milhões) e caíram de 8% para 6% ao ano para os demais. Mesmo com uma queda nas taxas de juros controlados, o Plano Agrícola 2020/21 segue demonstrando um desalinhamento com a política monetária do Governo Federal. O atual cenário de taxa Selic, a 2% ao ano permite que os produtores que apresentem renda bruta superior a R\$ 2 milhões tenham acesso a recursos livres abaixo do controlado.

O número de contratos segue a tendência de queda neste ano safra, em função da baixa procura pelos mecanismos de comercialização e a continuidade da tendência de redução dos contratos de custeios. Por outro lado, observou-se aumento nos valores totais tomados através do Crédito Rural em comparação com o ano anterior, em especial para custeio e investimento.

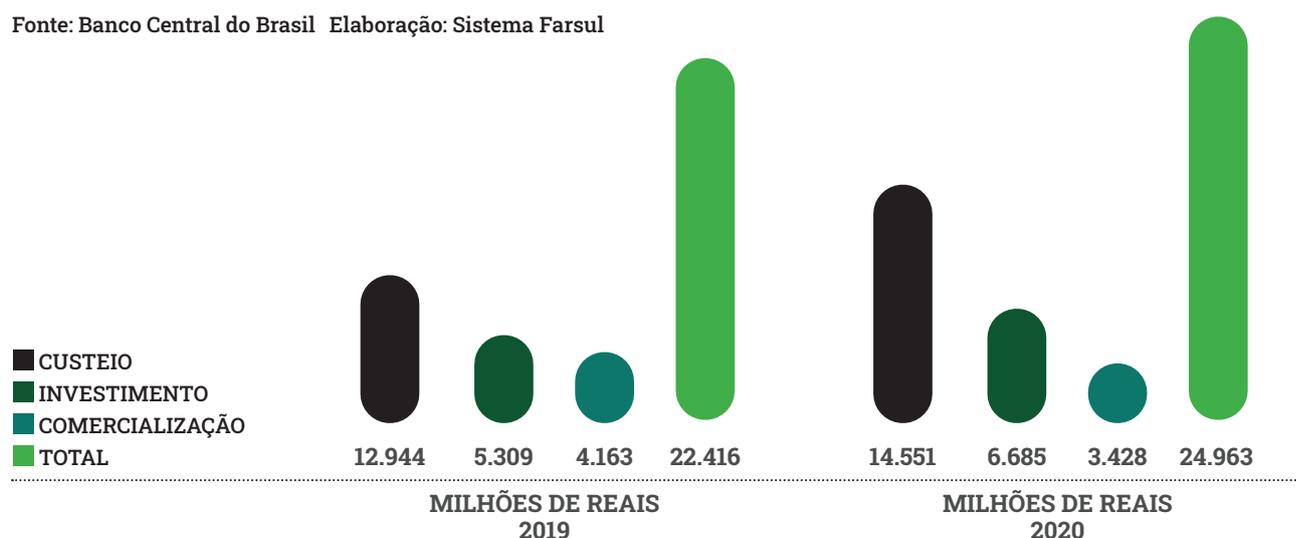
Dentre as razões para a queda dos contratos totais destaca-se a redução no número de contratos de custeio, embora tenha apresentado uma elevação nos valores tomados, seguindo uma conjuntura semelhante à de outros anos, onde ainda persiste uma parcela de produtores que não conseguem mais acessar esse mecanismo do crédito controlado.

O menor número de contratos de comercialização foi outro fator que corroborou para a redução do número total de contratos. Esta conjuntura é um reflexo do menor acesso a esta modalidade de crédito diante da forte elevação das cotações dos produtos agrícolas, em especial Arroz e Soja.

O investimento, por outro lado, apresentou uma elevação nos contratos e nos valores tomados, reflexo de uma queda dos juros praticados na carteira para esta safra e da melhora do ambiente para se investir, com os produtores mais confiantes. Porém, no final do ano de 2020 essa modalidade já apresenta falta de recursos e os produtores têm mais dificuldades para o acesso. Esses são os reflexos de um sistema de crédito que já apresenta desgastes e defasagem dos seus modelos creditícios. A cada ano fica mais evidente a necessidade do setor para evoluirmos para novas modalidades de crédito no Brasil.

Gráfico 34 Comparativo do Crédito Rural tomado pelos produtores do RS entre janeiro e outubro de 2019 e 2020, em R\$ milhões.

Fonte: Banco Central do Brasil Elaboração: Sistema Farsul



No período entre janeiro e outubro de 2020 observamos que o total tomado atingiu R\$ 24,9 bilhões para o RS, ou seja, um aumento de 11% em relação ao mesmo período de 2019, que é um resultado alto se comparado com o avanço do ano anterior. Todavia, os números de contratos seguem em baixa de 6% no mesmo período, reflexo da queda massiva nos contratos de comercialização neste ano.

Tabela 8 Total de Crédito Rural tomado até outubro de 2020 no RS, em R\$ milhões

MÊS / ANO	FINALIDADE						TOTAL	
	CUSTEIO		INVESTIMENTO		COMERCIALIZAÇÃO		Contrato	Valor (R\$)
	Contrato	Valor (R\$)	Contrato	Valor (R\$)	Contrato	Valor (R\$)		
Janeiro	4.569	318,24	3.038	493,67	530	229,58	8.137	1.041,48
Fevereiro	6.966	423,26	2.006	322,84	336	126,79	9.308	872,89
Março	12.578	870,80	3.880	612,05	496	409,10	16.954	1.891,95
Abril	12.203	922,24	3.180	620,05	578	650,30	15.961	2.192,59
Mai	13.347	1.093,70	3.575	427,94	627	738,01	17.549	2.259,64
Junho	10.971	1.130,63	3.455	379,85	500	494,16	14.926	2.004,65
Julho	47.190	3.415,36	3.773	810,22	317	213,60	51.280	4.439,17
Aagosto	45.798	3.402,56	7.260	1.217,35	285	147,03	53.343	4.766,95
Setembro	26.177	1.792,46	7.507	1.117,40	285	247,38	33.969	3.157,24
Outubro	18.398	1.181,78	5.685	983,30	330	171,75	24.413	2.336,83
TOTAL	198.197	14.551,03	43.359	6.984,66	4.284	3.427,69	245.840	24.963,39

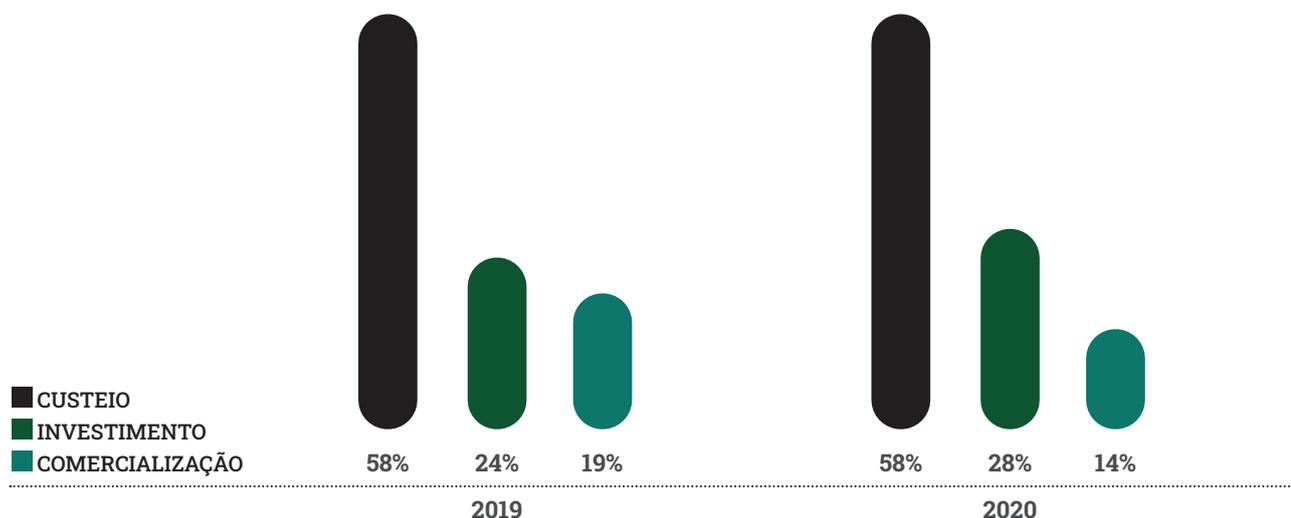
Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE

Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul

A participação do Custeio no total do crédito se manteve estável no Estado do RS, tendo representado, até outubro, 58% do total tomado de Crédito Rural. O Investimento foi a modalidade de crédito que mais cresceu em 2020, ganhando quatro pontos percentuais na sua participação em relação ao ano passado. A comercialização, em contrapartida, diminuiu em quatro pontos percentuais a sua participação na carteira do Crédito Rural, como pode ser analisado no gráfico a seguir.

Gráfico 35 Participação do Custeio, Investimento e Comercialização dentro da Carteira de Crédito Rural tomado no RS em 2019 e 2020, em percentual

Fonte: Banco Central do Brasil Elaboração: Sistema Farsul



1.3.1 Análise de Custeio

O valor tomado para Custeio no período de janeiro até outubro de 2020 apresentou um avanço de 12%, se comparado com igual período de 2019. Os contratos diminuíram 7% na comparação com o mesmo período de 2019. A queda no número de contratos segue a tendência vista nos últimos anos de seletividade maior do sistema bancário nos períodos de crise e a própria falta de estímulo por parte do produtor de tomar crédito com juros controlados em um patamar muito superior a taxa básica de juros.

Na comparação entre os resultados do crédito tomado no primeiro semestre com os do segundo, observamos que os contratos recuaram 19% no segundo semestre do ano se comparado com o mesmo período de 2019. Houve um aumento dos contratos logo após o anúncio do Plano Safra 2020/21, porém essa conjuntura não se repetiu nos meses subsequentes, se manteve a queda no número de contratos. Essa realidade se deteriora ano após ano, fazendo com que muitos produtores tenham de recorrer a outros mecanismos de financiamento e a demanda por modelos alternativos e mais modernos de crédito se tornam cada vez mais evidentes.

Tabela 9 Crédito Rural tomado para Custeio no RS entre janeiro e outubro de 2019 e 2020

MÊS / ANO	CONTRATOS		VALOR (R\$ MILHÕES)		VARIÇÃO (19/20)	
	2019	2020	2019	2020	Contratos	Valor (R\$)
Janeiro	3.499	4.569	213,95	318,24	31%	49%
Fevereiro	5.310	6.966	298,70	423,26	31%	42%
Março	8.537	12.578	558,51	870,80	47%	56%
Abril	12.720	12.203	799,17	922,24	-4%	15%
Maió	15.643	13.347	1.208,94	1.093,70	-15%	-10%
Junho	11.794	10.971	1.354,62	1.130,63	-7%	-17%
Julho	41.721	47.190	2.484,15	3.415,36	13%	37%
Aagosto	64.473	45.798	3.322,73	3.402,56	-29%	2%
Setembro	29.599	26.177	1.617,91	1.792,46	-12%	11%
Outubro	20.427	18.398	1.085,11	1.181,78	-10%	9%
TOTAL	213.723	198.197	12.943,79	14.551,03	-7%	12%

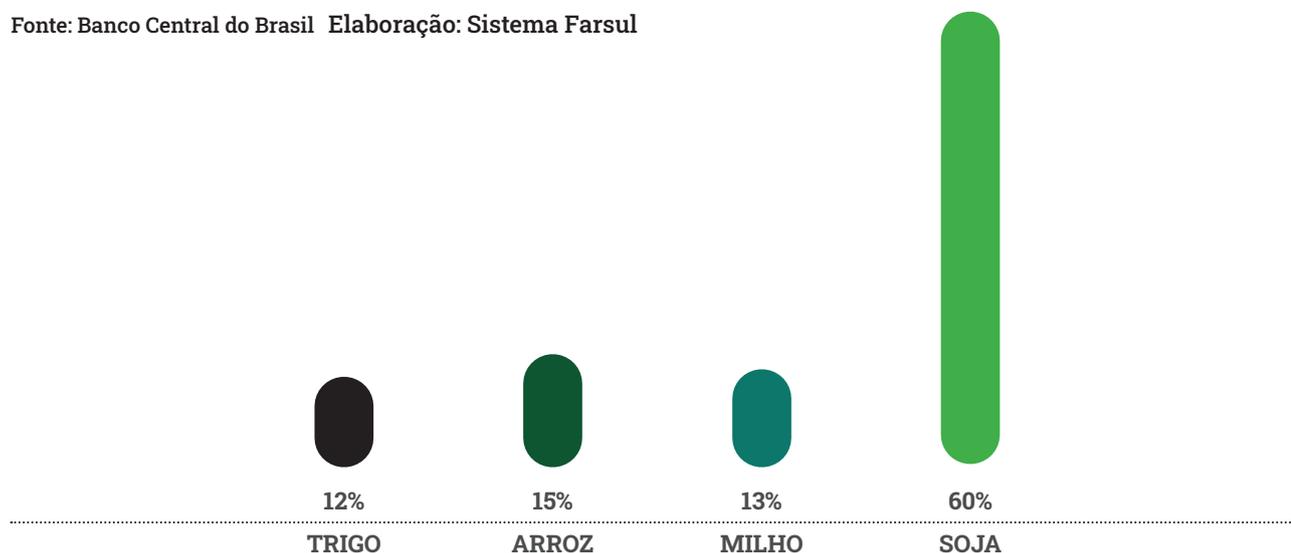
Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE
Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul

Devido ao aumento considerável nos valores sacados, apesar da queda no número de contratantes, o valor médio tomado pelos produtores aumentou em 21%. A média do saque de custeio por produtor subiu de R\$ 60,5 mil em 2019 para R\$ 73,4 mil em 2020, o que ilustra a persistente seletividade dentro do Custeio.

Dentre os grãos, a Soja continua sendo responsável pela captura da maior parte do crédito em 2020. A sua participação teve um decréscimo de 3 pontos percentuais, sendo o destino de 60% do crédito, seguido do Arroz, Milho e Trigo que apresentaram percentuais similares de participação nesse ano.

Gráfico 36 Participação dos principais grãos no Custeio da carteira de Crédito Rural do Estado em 2020 (jan-out), em percentual

Fonte: Banco Central do Brasil Elaboração: Sistema Farsul

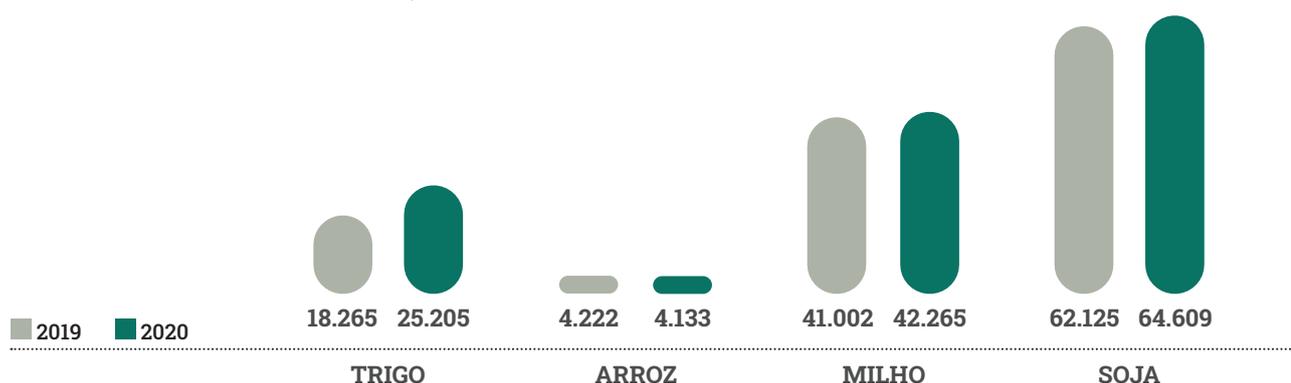


No custeio da carteira de crédito rural do RS, o Arroz diminuiu a sua participação, perdendo 1 ponto percentual. Por sua vez, o Milho e o Trigo avançaram a participação em 3 e 1 pontos percentuais, respectivamente, em relação ao ano passado.

Os números de contratos tomados no período de janeiro a outubro de 2020 aumentaram quase todos os principais grãos em relação ao ano passado: Milho (3%), Soja (4%) e Trigo (38%). A única exceção foi o Arroz que apresentou queda de 2% nos contratos. Esse aumento dos contratos, principalmente o Trigo, é um reflexo das boas cotações que vem apresentando todos os grãos em 2020. Com uma expectativa de preços ainda elevados para a safra 2020/21 a confiança dos agentes financeiros aumentou e conseqüentemente se refletiu nos contratos dos principais grãos, entretanto as outras culturas acabaram firmando menos contratos em comparação ao ano passado e, portanto, houve uma queda do total de contratos do Custeio.

Gráfico 37 Número de contratos tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2019 e 2020

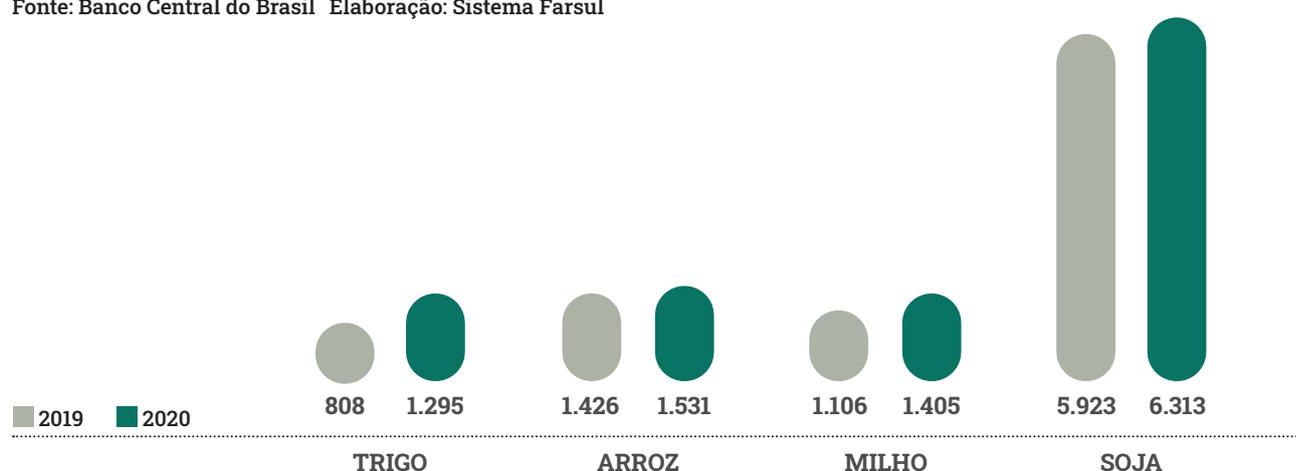
Fonte: Banco Central do Brasil Elaboração: Sistema Farsul



Os valores totais sacados no Estado para custeio, no período de janeiro a outubro de 2020, apresentaram aumentos em todos os grãos analisados: Arroz (10%), Milho (27%), Soja (11%) e Trigo (60%).

Gráfico 38 Total de valores tomados para os principais grãos do Estado entre janeiro e outubro de 2019 e 2020, em R\$ milhões

Fonte: Banco Central do Brasil Elaboração: Sistema Farsul



1.3.2

Análise de Investimento

O valor total no período de janeiro a outubro de 2020 aumentou 32% na relação com igual período de 2019. No que diz respeito ao número de contratos, houve aumento de 9% frente ao mesmo período de 2019.

Os produtores estão mais confiantes para investir no ano 2020, a queda nas taxas praticadas nas principais linhas de crédito e uma conjuntura de preços recordes para as principais commodities contribuíram para um aumento da demanda por essa modalidade de crédito. Em 2020 os produtores rurais investiram mais principalmente em irrigação – depois da estiagem que o Estado passou na safra 2019/20 –, benfeitorias e armazenagem. Contudo, já no mês de outubro desse ano notamos escassez de recursos e suspensão de linhas por conta do mau dimensionamento do crédito destinado a esta modalidade.

Tabela 10 Crédito Rural tomado para Investimento entre janeiro e outubro de 2019 e 2020.

MÊS / ANO	CONTRATOS		VALOR (R\$ MILHÕES)		VARIÇÃO (19/20)	
	2019	2020	2019	2020	Contratos	Valor (R\$)
Janeiro	2.126	3.038	234,14	493,67	43%	111%
Fevereiro	3.100	2.006	303,22	322,84	-35%	6%
Março	2.854	3.880	445,82	612,05	36%	37%
Abril	3.478	3.180	451,71	620,05	-9%	37%
Maio	2.451	3.575	398,47	427,94	46%	7%
Junho	1.456	3.455	326,59	379,85	137%	16%
Julho	2.418	3.773	478,74	810,22	56%	69%
Aagosto	5.740	7.260	814,50	1.217,35	26%	49%
Setembro	6.760	7.507	788,25	1.117,40	11%	42%
Outubro	9.471	5.685	1.067,78	983,30	-40%	-8%
TOTAL	39.854	43.359	5.309,21	6.984,66	9%	32%

Fonte: BCB/DIORF/DEROP/DIORE

Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul

As taxas de juros praticadas no investimento para a Plano Safra 2020/21 caíram em média 15%, o que resultou em um ambiente de investimentos mais atrativo para esse ano. Com uma queda considerável nos juros, os produtores acabaram recuperando a sua confiança na hora de investir em capital fixo.

Com a grande ampliação tanto no número de contratos quanto no valor sacado, houve um aumento no valor médio tomado por contrato pelos produtores de 14% em 2020. Normalmente o mês de fevereiro é caracterizado pelo esgotamento das modalidades de crédito para investimento conforme a tabela anterior, porém neste ano os produtores foram às compras e notamos escassez de recursos já no mês de outubro de 2020.

Tabela 11 Comparativo das taxas de juros de Investimento dentro da carteira do Crédito Rural de 2019 para 2020.

FINALIDADE	TAXA DE JUROS 2019	TAXA DE JUROS 2020	VAR. (19/20)
Moderfrota	8,5%	7,5%	-11,8%
Programa ABC	7,0%	6,0%	-14,3%
PCA	7,0%	6,0%	-14,3%
Inovagro	7,0%	6,0%	-14,3%
Pronamp	7,0%	6,0%	-14,3%
Moderinfra	8,0%	6,0%	-25,0%
Moderagro	8,0%	7,0%	-12,5%
Prodecoop	8,0%	7,0%	-12,5%

Fonte: Ministério da Agricultura e Abastecimento Elaboração: Sistema Farsul

Analisando os principais produtos que compõem a carteira de investimento no período de janeiro a outubro de 2020, os contratos apresentaram aumento nos seguintes produtos: adubação intensiva do solo (1%), armazém (30%), veículos (28%), irrigação (300%), colheitadeiras (1%), tratores (2%), frutas (3%), pecuária (5%), benfeitorias (71%) e agroindústria (3%). Somente silos (-76%), máquinas e implementos (-5%) e outros (-12%) apresentaram queda de contratos no período analisado.

Tabela 12 Participação dos principais tipos de produtos dentro da carteira de Investimento do Crédito Rural entre janeiro e outubro de 2019 e 2020

MÊS	CONTRATOS		VALOR (R\$ MILHÕES)	
	2019	2020	2019	2020
Adubação Intensiva do Solo	2.356	2.371	264,05	393,70
Armazém, Depósitos e Instalações	2.609	3.399	414,09	499,33
Caminhões, Veículos e Utilitários	1.802	2.314	136,54	148,57
Colheitadeiras	2.869	2.896	607,56	588,65
Irrigação	211	844	19,89	134,82
Máquinas, Equipamentos e Implementos	12.351	11.769	829,01	956,33
Silos	313	76	88,69	17,19
Trator	6.707	6.824	676,50	768,60
Frutas	761	786	44,44	48,03
Pecuária	5.672	5.977	560,10	863,48
Benfeitorias	2.826	4.841	175,39	270,73
Agroindústria	305	314	1.298,53	2.147,63
Outros	1.072	948	194,44	147,60
TOTAL GERAL	39.854	43.359	5.309,21	6.984,66

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE
Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul

Os principais investimentos que apresentaram resultados positivos em seus valores tomados neste período foram: adubação do solo (49%), armazém (21%), veículos (9%), tratores (14%), irrigação (578%), máquinas e implementos (15%), benfeitorias (54%), frutas (8%), pecuária (54%) e agroindústria (65%). Os únicos três produtos da carteira que demonstraram decréscimo nos valores retirados em relação ao ano passado foram: colheitadeiras (-3%), silos (-81%) e outros (-24%).

Taxas de juros menores e preços recordes para os principais produtos do agronegócio estimularam os produtores a realizarem mais investimentos em suas propriedades, principalmente em irrigação depois da estiagem da safra passada. E agora em outubro de 2020 já notamos falta de recursos e maiores dificuldades de acesso ao crédito, mais uma comprovação que o crédito rural hoje está mal dimensionado para os volumes atualmente demandados.

1.3.3

Análise de Comercialização

A comercialização teve uma queda significativa no valor de 18% entre janeiro e outubro de 2020, se comparado com igual período de 2019. Os contratos apresentaram uma queda ainda maior de 46%, evidenciando que a menor disponibilidade de produto por conta da estiagem aliado a preços recordes das commodities (resultado do aumento da demanda), aliado a desvalorização cambial, contribuiu para que os produtores fizessem menos contratos de comercialização para o ano de 2020.

Tabela 13 Crédito Rural tomado para Comercialização entre janeiro e outubro de 2019 e 2020.

MÊS / ANO	CONTRATOS		VALOR (R\$ MILHÕES)		VARIAÇÃO (19/20)	
	2019	2020	2019	2020	Contratos	Valor (R\$)
Janeiro	707	530	303,11	229,58	-25%	-24%
Fevereiro	464	336	277,16	126,79	-28%	-54%
Março	659	496	272,40	409,10	-25%	50%
Abril	1.083	578	660,94	650,30	-47%	-2%
Maio	1.482	627	787,12	738,01	-58%	-6%
Junho	1.013	500	532,78	494,16	-51%	-7%
Julho	924	317	377,02	213,60	-66%	-43%
Aagosto	521	285	274,27	147,03	-45%	-46%
Setembro	464	285	278,80	247,38	-39%	-11%
Outubro	675	330	399,59	171,75	-51%	-57%
TOTAL	7.992	4.284	4.163,18	3.427,69	-46%	-18%

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE

Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul

Dentro da carteira de comercialização do Crédito Rural, historicamente os principais produtos continuam sendo: Arroz, Milho, Soja e Trigo, que possuem a maior participação em termos de contratos e valores tomados. Nesse ano as quatro principais culturas do Estado aumentaram sua participação de 75% da carteira para 80%. Com uma queda considerável nos valores, a participação das quatro principais culturas dentro carteira do Estado acabou aumentando, onde se destacam a Soja e o Trigo como as culturas que ganharam mais participação na comercialização.

Tabela 14 Comparativo do Crédito Rural tomado para comercialização dos principais grãos do Rio Grande do Sul, entre 2019* e 2020*, em R\$ mil

MÊS / ANO	CONTRATOS			VALORES		
	2019	2020	Variação (19/20)	2019	2020	Variação (19/20)
Arroz	2.292	1.311	-43%	1.374.434	1.001.089	-27%
Milho	398	412	4%	232.990	238.016	2%
Soja	2.687	987	-63%	1.297.180	1.190.513	-8%
Trigo	288	359	25%	237.548	317.851	34%

Fonte: BDB/DIORF/DEROP/DIORE
Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR) Elaboração: Sistema Farsul
(*) acumulado entre janeiro e outubro

Milho e Trigo registraram aumento nos valores comercializados dentre os grãos analisados, apresentando uma ampliação de 2% e 34%, respectivamente. Os valores contratados caíram 27% para o Arroz e 8% para a Soja. Com preços internos recordes em 2020 em razão do aumento do consumo e do desequilíbrio cambial, foi natural a queda na procura por contratos de comercialização principalmente no Arroz e Soja.

Por outro lado, Milho e Trigo registraram aumento nos contratos de comercialização dentre os grãos analisados, apresentando uma ampliação de 4% e 25%, respectivamente. O Trigo apresentou um aumento expressivo na comercialização tanto em contratos quanto em valores retirados por conta do desempenho da lavoura de inverno desse ano no RS. O número de contratos caiu drasticamente para Arroz (-43%) e Soja (-63%), natural visto que esses grãos são os que mais aumentaram de cotação neste ano, além disso, a Soja sofreu graves perdas por conta da estiagem em 2020 e os produtores acabaram comercializando a maior parte do grão na entrada da safra.

Devido à queda nos contratos de mais da metade do volume contratado em relação ao ano passado, e uma queda em menor proporção dos valores retirados, o valor médio tomado por produtor subiu incríveis 60%, isto é, foram sacados, em média, valores muito superiores por contratos do que no ano passado.

1.4 Análise e Perspectivas da Agropecuária Mundial e Brasileira

Por Danielle Guimarães e Nicolas Fenner

1.4.1

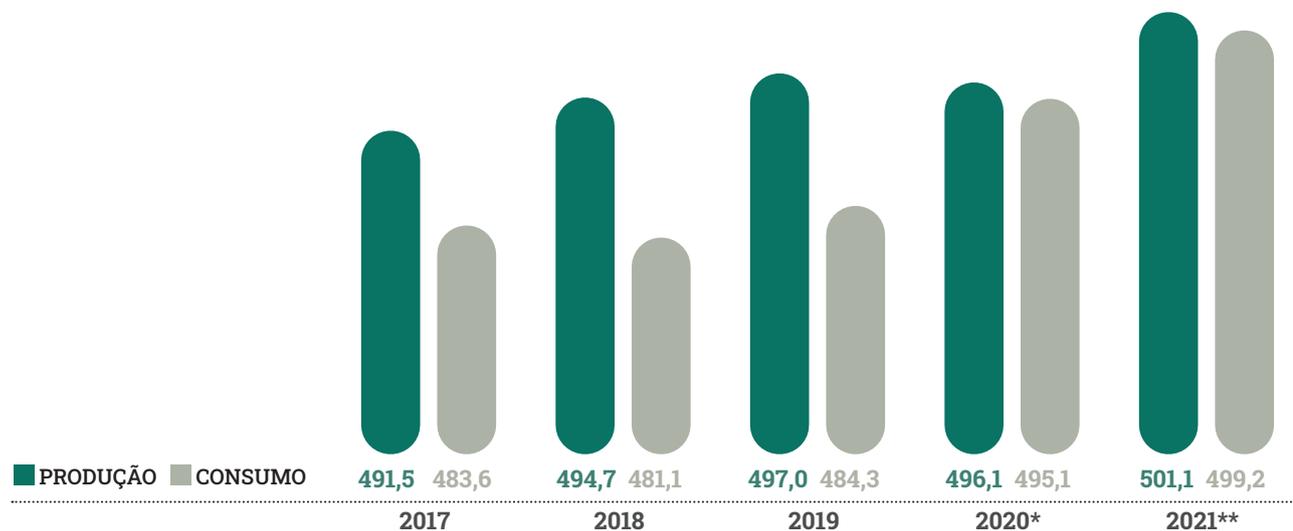
Arroz

A safra mundial de arroz em 2019/20 apresentou queda de 0,2% em relação à anterior, mas ainda tende a ser maior que 2018/19. Contribui para este cenário a queda da produção no Sudeste Asiático, especialmente na Tailândia, reflexo da seca que prejudicou o rendimento. Nos Estados Unidos o fator climático também afetou o desempenho da safra. Em contraste, observou-se expansão da produção de arroz no Sul da Ásia, especialmente na Índia e Bangladesh, e no Brasil.

Gráfico 39 Produção e consumo mundiais de arroz beneficiado, em milhões de toneladas

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA



Se de um lado observa-se retração da produção, do outro o consumo expande 1,8% em 2020 em relação ao ano anterior, equivalente a um acréscimo de quase 9 milhões de toneladas. Os principais destaques são as maiores demandas na Índia e China. Dessa forma, o ano de 2020 está sendo marcado pelo estreitamento entre produção e consumo, conforme ilustra o gráfico anterior.

Tabela 15 Produção e consumo de arroz beneficiado, por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
China	147,8	148,9	148,5	146,7	147,0	-1,2%	0,2%	29%
Índia	109,7	112,8	116,5	118,4	120,0	1,7%	1,3%	24%
Bangladesh	34,6	32,7	34,9	35,9	35,3	2,7%	-1,5%	7%
Indonésia	36,9	37,0	34,2	34,0	34,9	-0,6%	2,6%	7%
Vietnã	27,4	27,7	27,3	27,2	27,0	-0,7%	-0,6%	5%
Tailândia	19,2	20,6	20,3	17,7	18,6	-13,2%	5,4%	4%
Burma	12,7	13,2	13,2	12,7	12,9	-3,8%	1,6%	3%
Filipinas	11,7	12,2	11,7	11,9	11,7	1,7%	-1,9%	2%
Japão	7,9	7,8	7,7	7,6	7,6	-0,6%	0,1%	2%
Paquistão	6,8	7,5	7,3	7,2	7,6	-1,4%	5,6%	2%
Brasil	8,4	8,2	7,1	7,6	7,5	6,5%	-1,6%	1%
Outros	68	66	68	69	71	1,4%	2,6%	14%
TOTAL	491,5	494,7	497,0	496,1	501,1	-0,2%	1,0%	100%

CONSUMO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
China	141,8	142,5	142,9	145,0	146,5	1,5%	1,0%	29%
Índia	95,8	98,7	99,2	105,9	106,0	6,8%	0,1%	21%
Bangladesh	35,0	35,2	35,4	35,5	35,8	0,3%	0,8%	7%
Indonésia	37,5	37,0	36,3	35,5	35,4	-2,2%	-0,3%	7%
Vietnã	22,0	21,5	21,2	21,1	21,2	-0,5%	0,5%	4%
Filipinas	12,9	13,3	14,1	14,3	14,4	1,4%	0,7%	3%
Tailândia	12,0	11,0	11,8	12,0	12,0	1,7%	0,0%	2%
Burma	10,0	10,2	10,3	10,4	10,5	1,0%	1,4%	2%
Japão	8,7	8,6	8,4	8,4	8,3	-0,6%	-1,2%	2%
Brasil	7,9	7,7	7,4	7,2	7,2	-2,0%	0,0%	1%
Outros	100	96	97	100	102	2,4%	2,2%	20%
TOTAL	483,6	481,1	484,3	495,1	499,2	2,2%	0,8%	100%

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Apesar da oferta estreita, a estimativa é de que os estoques aumentem em 0,6%. Destaque para a retração de 36% dos estoques dos Estados Unidos, que foi necessário para atender a demanda diante da restrição de oferta interna. Este movimento deve ser, em parte, contrabalanceado com as estimativas de aumentos de 1,3% e 9,6% dos estoques da China e da Tailândia, respectivamente.

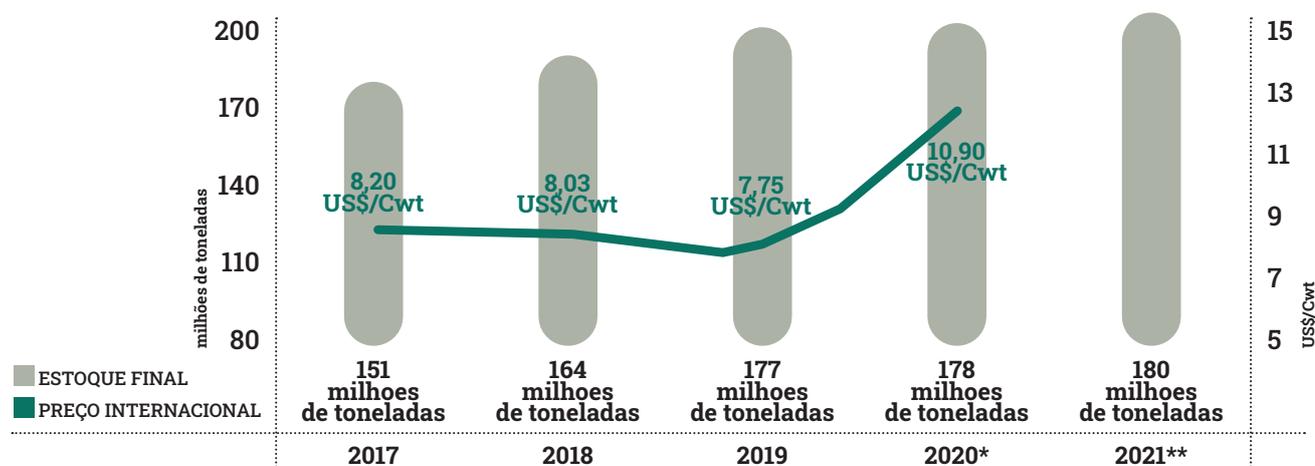
Apesar da pouca alteração dos estoques, observou-se forte valorização do preço do arroz no mercado internacional no decorrer do ano de 2020. Isso porque este ano foi marcado pelo advento da pandemia do Covid-19 e algumas medidas restritivas foram adotadas ao redor do mundo para conter o vírus e acabaram interferindo no comércio internacional de arroz. Desde o começo do ano o preço do arroz exportado tem se valorizado significativamente, com au-

mento mais acentuado quando as restrições para exportação foram implementadas. Apesar da reversão da maioria destas políticas, ainda assim o preço se mantém em patamar elevado, em função da reação do mercado diante do estreitamento entre a oferta e a demanda de arroz.

Gráfico 40 Comparação entre o estoque final mundial de arroz beneficiado e o preço internacional

Fonte: FAS/USDA (Nov/20); CBOT. Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA; Preços até Nov/20 ** Projeção USDA



Apesar do cenário de pandemia global, as exportações se mantêm praticamente estáveis. Apesar da Tailândia não ter restringido o comércio exterior deve apresentar forte queda de suas exportações, atingindo o menor volume exportado desde 1998, reflexo da menor disponibilidade do produto. Por outro lado, a Índia deve exportar 33% a mais em 2020, se mantendo como maior exportador mundial, em função da maior safra e preços mais competitivos que do arroz tailandês, seu maior competidor.

As importações mundiais também devem se manter praticamente estáveis em 2020, com aumento de 0,2%. A China, que recentemente passou de importador líquido para exportador líquido, graças ao preço mais atrativo e estoques abundantes, deve importar 18% a menos que no ano anterior.

A projeção é de aumento de 1,0% da produção na safra 2020/21, registrando uma safra recorde. Este cenário deve contar com a recuperação das safras da Tailândia e Estados Unidos e com mais um ano de safra boa na Índia. O consumo deve crescer pouco menos de 1%, com destaque para maiores demandas esperadas na China, Índia e África Subsaariana.

Depois de contrações em 2019 e 2020, o comércio global deve crescer em 2021. As exportações devem crescer 1,3%, especialmente na Tailândia. A Índia deve se manter como maior exportador, apesar da projeção de queda de 4% de suas exportações.

Diante da maior demanda, a África Subsaariana deve ser responsável por boa parte deste aumento das importações globais. O Sudeste Asiático também deve contribuir para o aumento das importações, especialmente Filipinas. Reduções das importações devem ser esperadas na região do Leste Asiático e nas demais regiões não devem ocorrer grandes mudanças.

Os estoques finais também devem crescer em 2021 e atingir seu recorde, pois a produção deve crescer de forma mais acelerada que a demanda. Destaque para o aumento do estoque da Índia, que excede a necessidade interna e deve garantir sua ampla capacidade de exportação. Nos Estados Unidos a expectativa de maior safra deve refletir em maiores estoques finais.

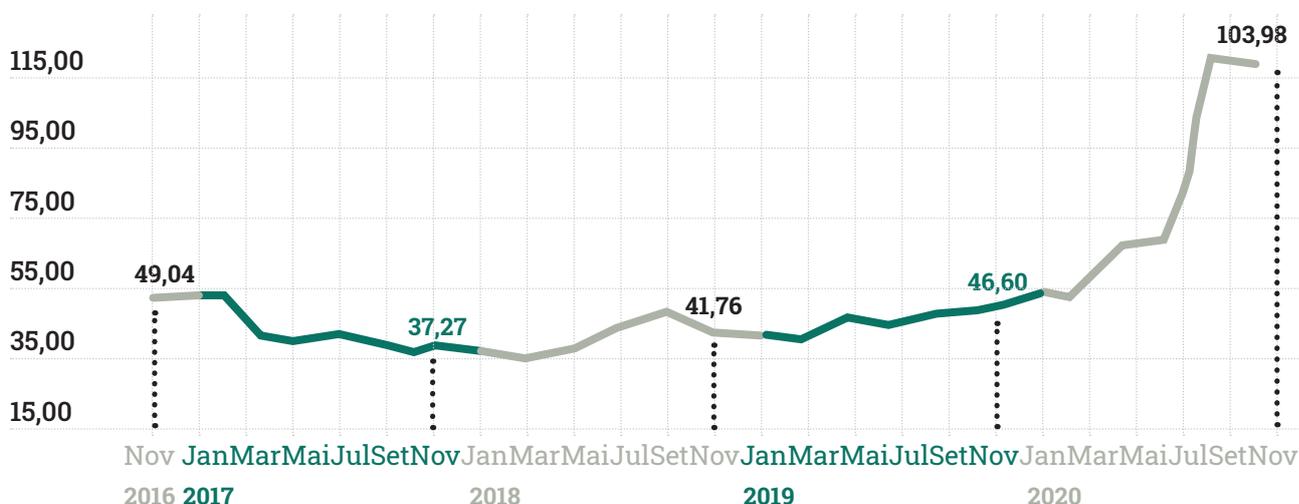
No Brasil, a safra de 2020 apresentou, mais uma vez, redução da área plantada. Isso porque os custos da lavoura de arroz irrigado crescem de forma mais acelerada que os preços, estreitando as margens desta atividade, o que vem desestimulando a produção. Apesar da menor área, o clima seco e com muita incidência de luz solar permitiu bons rendimentos e uma expansão de 6,5% da produção.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima retração de 2% do consumo de arroz no Brasil em 2020. A Farsul acredita que, na verdade, haverá um aumento de 6% do consumo, atingindo uma demanda interna de 11,5 milhões de toneladas de arroz. Isso porque a pandemia da Covid-19 causou impactos na demanda de arroz neste ano. Além das mudanças nos hábitos de consumo dos brasileiros durante o distanciamento social observou-se outro fator que contribuiu para a maior demanda interna, o Auxílio Emergencial. Este programa do Governo Federal concedeu um suporte financeiro às famílias brasileiras de baixa renda, cujo boa parte foi destinada para a compra de produtos alimentícios⁷.

Além da expansão do consumo interno, o ambiente de grande incerteza econômica, gerado pela pandemia da Covid-19, gerou desvalorização do real em relação ao dólar, na magnitude de 31% de janeiro a novembro deste ano, o que tornou arroz brasileiro mais competitivo no mercado externo, exportando especialmente para o Ocidente e África Ocidental.

Gráfico 41 Preço do Arroz no Rio Grande do Sul, em R\$/50 kg

Fonte: Indicador Cepea Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



⁷ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das despesas totais para despesas com alimentação; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual com despesas com alimentação.

Dessa forma, o crescimento da demanda acabou avançando de forma mais acelerada que o aumento da produção, resultando na forte queda dos estoques e na valorização dos preços. Em novembro, o preço médio da saca de arroz (50kg) no Rio Grande do Sul atingiu R\$103,98, valor 123% superior ao mesmo período do ano passado, conforme ilustra o gráfico anterior.

Também como reflexo do crescimento mais acentuado do consumo, projeta-se aumento das importações de arroz em 2020, atingindo o maior nível desde 2003. Tradicionalmente, o Brasil importa arroz dos países membros do Mercosul, que entram no mercado brasileiro livre de impostos. Neste ambiente de valorização histórica dos preços surgiu a discussão sobre a retirada da Tarifa Externa Comum (TEC) sobre o arroz com o argumento de facilitar a entrada de arroz importado de países não membros do Mercosul. A Farsul se posicionou publicamente contra a retirada da TEC, uma vez que a valorização dos preços é resultado de uma conjuntura nacional – queda da área plantada - e internacional - pandemia e subida da taxa de câmbio. Além do mais, os estoques da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam para 537,5 mil toneladas de arroz⁸, o que significa que não temos ameaça do desabastecimento, portanto não somos favoráveis a políticas que possam distorcer o equilíbrio do mercado, afetando negativamente o setor produtivo.

Tabela 16 Fundamentos do mercado brasileiro de arroz em casca, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2017	2018	2019	2020*	2021**	Varição 19/20	Varição 20/21
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	1,98	1,97	1,70	1,67	1,72	-2,1%	3,3%
Estoque Inicial	0,45	0,92	0,87	0,36	0,59	-57,9%	61,3%
Produção	12,33	12,07	10,50	11,18	11,00	6,5%	-1,6%
Importação	1,11	0,79	1,02	1,25	1,18	23,0%	-5,9%
OFERTA TOTAL	13,90	13,77	12,38	12,79	12,76	3,3%	-0,2%
Consumo Interno	11,54	11,25	10,80	10,58	10,58	-2,0%	0,0%
Exportação	0,87	1,83	1,40	1,76	1,32	25,8%	-25,0%
DEMANDA TOTAL	12,42	13,08	12,21	12,35	11,91	1,2%	-3,6%
ESTOQUE FINAL	0,92	0,87	0,36	0,59	0,85	61,3%	45,0%
Estoque/Consumo	0,08	0,08	0,03	0,06	0,08	64,7%	45,0%

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Diante da recente valorização dos preços, a projeção é de ampliação da área plantada na safra 2020/21. Apesar da maior área, a produção deve ser menor uma vez que não se espera que se repita o mesmo rendimento obtido em 2020. Do lado do consumo, o USDA projeta o mesmo nível de consumo que 2020, de 10,58 milhões de toneladas. A Farsul acredita que, depois da nossa projeção de 11,5 milhões de toneladas consumidas em 2020, deve haver retração do consumo em 2021 atingindo 11 milhões de toneladas, portanto, acreditamos em um consumo superior que o projetado pelo USDA.

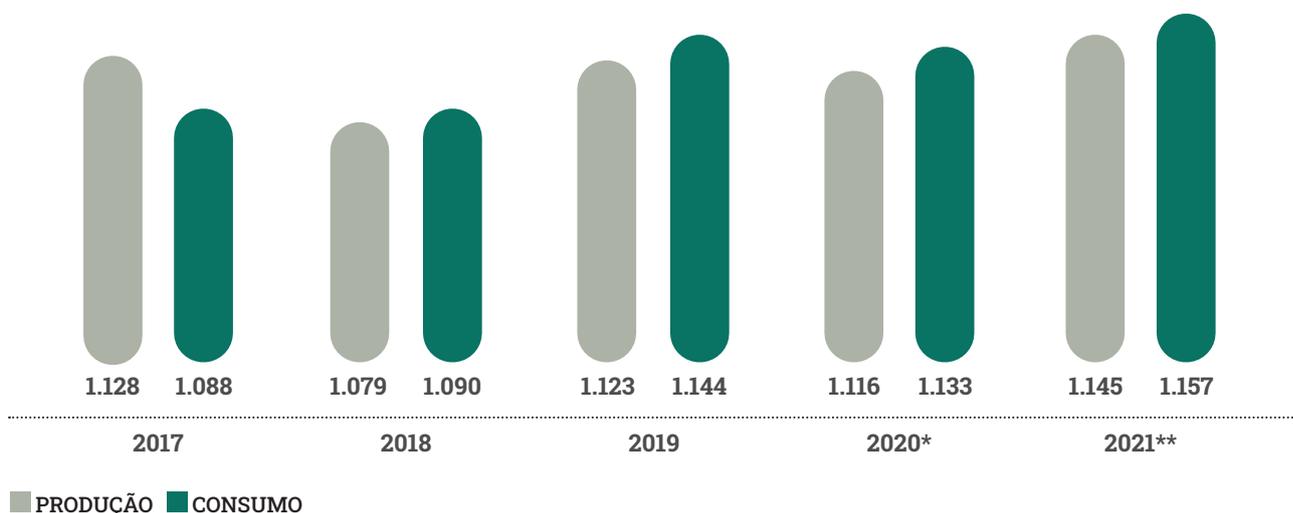
Em relação ao mercado externo, de acordo com o USDA, as importações devem contrair 5,9%, mas ainda se manter em patamares elevados. Enquanto as exportações devem reduzir 25%, retornando a patamar semelhante a 2019. A Farsul concorda com a projeção de queda das importações, mas observando a conjuntura atual não acreditamos em razões para a queda da taxa de câmbio, o que deve permitir que as exportações brasileiras de arroz se mantenham com bom desempenho em 2021, semelhante ao que verificamos neste ano.

1.4.2 Milho

Nesta safra 2019/20 observou-se maiores produções em importantes produtores mundiais como China, Brasil, União Europeia e Índia. Entretanto, a queda da produção dos Estados Unidos, reflexo do clima desfavorável, fez com que o país atingisse o menor nível produzido nos últimos quatro anos e contribuiu para que a produção global apresentasse retração de 0,6%. Diante da menor produção, Estados Unidos deve exportar volume 5% inferior de milho em comparação com o a safra passada. Entretanto, as maiores exportações da Rússia e União Europeia devem mais que compensar a queda nos EUA, resultando num aumento de 1,4% das exportações globais de milho.

Gráfico 42 Comparação entre produção e consumo mundiais de milho, em milhões de toneladas

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA



Assim como a produção, o consumo mundial também diminuiu na safra 2019/20, reflexo da menor demanda dos Estados Unidos e da União Europeia. Apesar da retração, o consumo segue ultrapassando a produção pelo terceiro ano consecutivo, conforme ilustra o gráfico anterior. Destaque para a expectativa de aumento do consumo de milho da China diante da recuperação mais rápida que o esperado do setor de suínos depois da Gripe Suína Africana.

Tabela 17 Produção e consumo de milho por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
Estados Unidos	384,8	371,1	364,3	346,0	368,5	-5,0%	6,5%	32%
China	263,6	259,1	257,2	260,8	260,0	1,4%	-0,3%	23%
Brasil	98,5	82,0	101,0	102,0	110,0	1,0%	7,8%	10%
União Europeia	61,9	62,0	64,4	66,7	64,2	3,6%	-3,7%	6%
Argentina	41,0	32,0	51,0	51,0	50,0	0,0%	-2,0%	4%
Ucrânia	28,0	24,1	35,8	35,9	28,5	0,2%	-20,6%	2%
Índia	25,9	28,8	27,7	28,6	28,0	3,3%	-2,2%	2%
Outros	224	219	222	225	235	1,4%	4,5%	21%
TOTAL	1.127,8	1.078,6	1.123,4	1.116,2	1.144,6	-0,6%	2,5%	100%

CONSUMO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
Estados Unidos	313,8	314,0	310,4	307,6	309,3	-0,9%	0,5%	27%
China	255,0	263,0	274,0	278,0	282,0	1,5%	1,4%	24%
União Europeia	74,1	77,2	87,5	81,4	81,5	-7,0%	0,1%	7%
Brasil	60,5	63,5	67,0	69,0	70,0	3,0%	1,4%	6%
México	40,4	42,5	44,1	43,8	44,3	-0,7%	1,0%	4%
Índia	24,9	26,7	28,5	28,0	28,2	-1,8%	0,7%	2%
Egito	15,1	15,9	16,2	17,1	17,3	5,6%	1,2%	1%
Outros	304	287	317	308	324	-2,8%	5,3%	28%
TOTAL	1.088,0	1.090,0	1.144,3	1.132,7	1.156,5	-1,0%	2,1%	100%

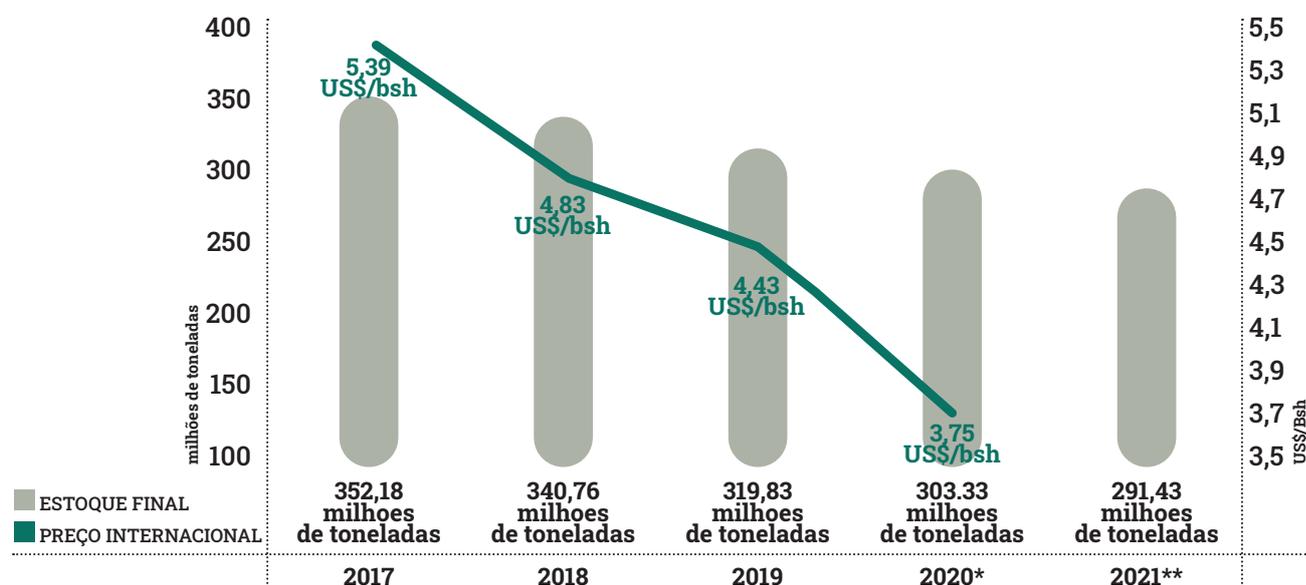
Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Neste cenário de consumo superando a produção, a expectativa é de que esta safra 2019/20 finalize com estoques 5,2% inferiores à anterior. As maiores quedas devem ocorrer nos Estados Unidos, diante da necessidade de recorrer aos estoques para suprir a demanda interna, e na China, que deve ter demanda superior aos níveis de produção. Apesar da expectativa de retração em 2019/20 e da projeção de que os estoques se mantenham baixos em 2020/21, ainda assim o preço internacional permanece em patamares baixos.

Gráfico 43 Comparação entre o estoque final mundial de milho e o preço internacional

Fonte: FAS/USDA (Nov/20); CBOT Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA; Preços até Nov/20 ** Projeção USDA



A projeção para 2020/21 é de expansão da produção mundial, estimulada pela expectativa de recuperação da produção dos Estados Unidos e safra maior no Brasil. Entretanto, deve haver quedas em importantes produtores mundiais, como a União Europeia, Ucrânia, Argentina e Índia. Se esta projeção se confirmar, mais uma vez o consumo será superior à produção, mas desta vez em menor magnitude. O consumo deve crescer sob preços internacionais baixos, o que deve estimular o comércio global em 2021.

Diante da expectativa de mais um ano de consumo mundial superior à produção, se espera retração dos estoques mundiais. Menores estoques na China e Estados Unidos devem mais que compensar os maiores acúmulos de estoques projetados para o Brasil.

Tabela 18 Fundamentos do mercado brasileiro de milho, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2017	2018	2019	2020*	2021**	Variação 19/20	Variação 20/21
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	17,60	16,60	17,50	18,50	19,50	5,7%	5,4%
Estoque Inicial	6,77	14,02	9,32	5,29	5,49	-43,2%	3,8%
Produção	98,50	82,00	101,00	102,00	110,00	1,0%	7,8%
Importação	2,44	0,94	1,19	1,35	2,00	13,2%	48,6%
OFERTA TOTAL	107,71	96,96	109,50	108,64	117,49	-0,8%	8,2%
Consumo Interno	60,50	63,50	67,00	69,00	70,00	3,0%	1,4%
Exportação	19,79	25,12	38,77	34,52	39,00	-11,0%	13,0%
DEMANDA TOTAL	80,29	88,62	105,77	103,52	109,00	-2,1%	5,3%
ESTOQUE FINAL	14,02	9,32	5,29	5,49	7,99	3,8%	45,5%
Estoque/Consumo	0,23	0,15	0,08	0,08	0,11	0,8%	43,4%

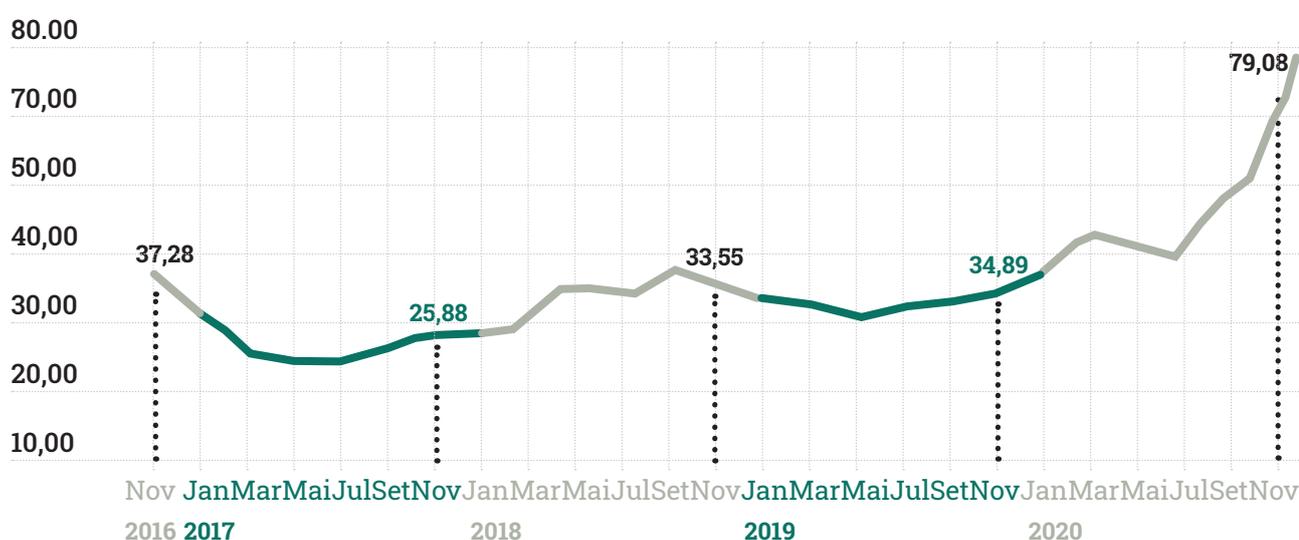
Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Apesar do bom desempenho da produção brasileira nesta safra 2019/20, ainda assim estima-se retração da oferta de milho, reflexo dos menores estoques iniciais. A demanda pelo milho brasileiro deve ser menor nesta safra comparado com a anterior. Isso porque a queda estimada para as exportações brasileiras deve mais que compensar a expansão do consumo interno. Com redução da demanda mais acentuada, o resultado deve ser estoques superiores aos observados ao final da safra 2018/19.

Com a retirada da TEC para importação de milho dos países não membro do Mercosul, a projeção é de aumento das importações de milho na safra 2020/21. Soma-se a este fator a projeção de safra recorde, resultando em um aumento expressivo de mais de 8,2% da oferta de milho. Apesar da projeção de aumento da demanda, tanto via maior consumo interno quanto externo, ainda assim devemos esperar um acúmulo de estoques 45,5% superior na safra 2020/21 em relação a 2019/20.

Gráfico 44 Preço do milho em Passo Fundo - RS, em R\$/60 kg

Fonte: Broadcast | Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



Apesar da projeção de maiores estoques, o preço do milho no Brasil está em patamar historicamente elevado. O preço do milho em Passo Fundo/RS, por exemplo, registrou média de R\$ 79,08/60kg em novembro, valor 127% superior ao mesmo período do ano passado. Dentre as principais razões para a valorização do preço do milho podem ser citados o aumento do consumo interno, a menor safra norte-americana e, principalmente, a elevação da taxa de câmbio.

1.4.3 Soja

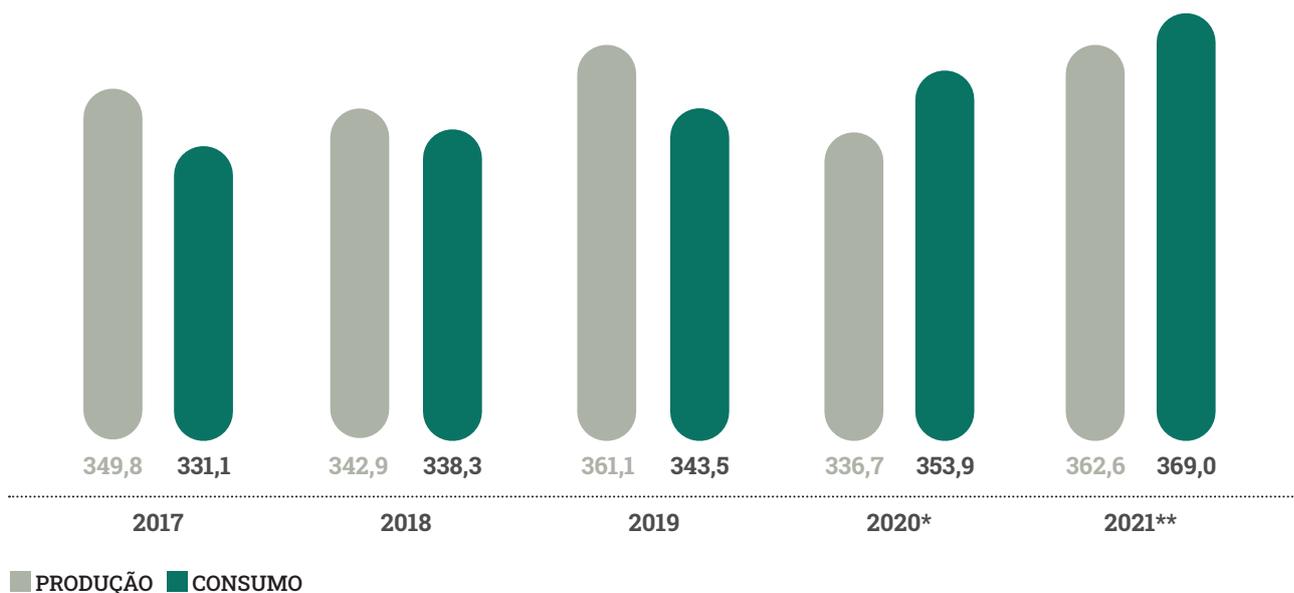
Nesse ano safra 2019/20 a produção de soja dos Estados Unidos apresentou retração de 20% em relação à safra anterior. A queda é reflexo da menor área colhida, resposta aos preços internacionais baixos e incertezas no comércio com a China, bem como reflexo do menor rendimento

médio, em função dos problemas climáticos enfrentados pela região. A menor produção norte-americana acabou mais que compensando os aumentos no Brasil, China e Paraguai, refletindo em retração de 6,8% da produção global de soja.

O baixo nível do preço internacional da soja e o aumento da produção de carnes estimularam a maior demanda mundial por soja em grão neste ano. Além do mais, a Gripe Suína Africana, detectada na metade 2018 na China comprometeu grande parte do rebanho suíno da região, entretanto, a recuperação mais rápida que o esperado possibilitou o aumento da demanda chinesa neste ano. Dessa forma, o consumo global deve superar a produção, algo que não ocorria desde 2016, mas, desta vez, com significativa diferença.

Gráfico 45 Comparação entre produção e consumo mundiais de soja, em milhões de toneladas

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA



Apesar do consumo superar a produção, ainda assim a oferta mundial de soja deve ser superior à demanda mundial em 2019/20. Isso porque, apesar da queda da produção, os estoques iniciais desta safra foram 14,2% superiores, permitindo oferta suficiente para atender à demanda, apesar da margem mais apertada. Diante do estreitamento entre oferta e demanda, os estoques finais mundiais devem retrair 15,5% a fim de atender a demanda crescente. Quedas significativas devem ocorrer nos Estados Unidos, em resposta à menor produção, e no Brasil que, apesar da boa safra, viu sua demanda externa aumentar de forma expressiva.

Tabela 19 Produção e consumo de soja por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
Brasil	114,9	123,4	119,7	126,0	133,0	5%	6%	37%
Estados Unidos	116,9	120,1	120,5	96,7	113,5	-20%	17%	31%
Argentina	55,0	37,8	55,3	49,0	51,0	-11%	4%	14%
China	13,6	15,3	16,0	18,1	17,5	13%	-3%	5%
Índia	11,0	8,4	10,9	9,3	10,5	-15%	13%	3%
Paraguai	10,3	10,3	8,5	9,9	10,3	16%	4%	3%
Canadá	6,6	7,7	7,4	6,1	6,1	-17%	-1%	2%
Outros	21	20	23	22	21	-5%	-4%	6%
TOTAL	349,8	342,9	361,1	336,7	362,6	-7%	8%	100%

CONSUMO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
China	103,5	106,3	102,0	109,2	117,4	7%	8%	32%
Estados Unidos	55,7	58,9	60,4	62,0	63,1	3%	2%	17%
Brasil	43,1	46,9	45,2	46,5	48,1	3%	3%	13%
Argentina	49,8	43,6	47,4	45,8	47,2	-3%	3%	13%
União Europeia	16,0	16,6	17,3	18,0	18,5	4%	3%	5%
Índia	10,3	8,8	10,9	9,7	10,8	-11%	12%	3%
México	4,6	5,3	6,2	6,3	6,5	1%	3%	2%
Rússia	4,9	5,1	5,3	5,2	5,5	-1%	5%	1%
Egito	2,2	3,2	3,4	4,3	4,2	26%	-3%	1%
Paraguai	4,0	4,1	3,8	3,8	4,1	-2%	9%	1%
Outros	37	40	42	43	44	4%	1%	12%
TOTAL	331,1	338,3	343,5	353,9	369,0	3%	4%	100%

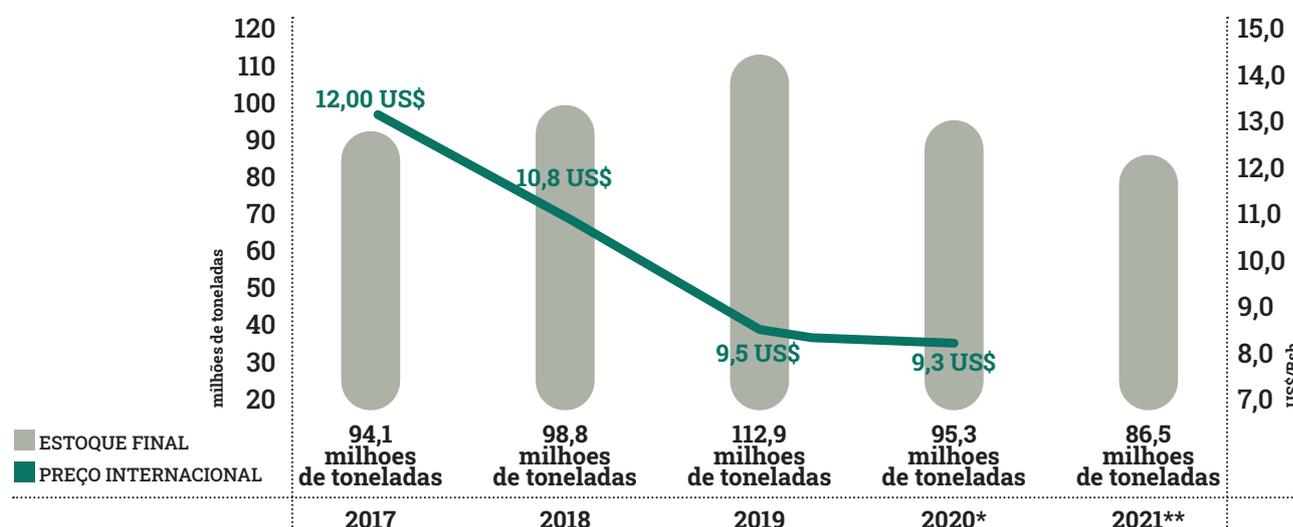
Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Nos últimos 10 anos as exportações globais de soja praticamente dobraram e grande parte deste aumento se deve à maior importação de soja por parte da China. Com a estimativa de maior consumo, as importações chinesas do grão devem expandir em 19,4% em 2020. O Brasil deve ser o seu principal fornecedor, com estimativa de expansão de 23,2% das exportações, o que manterá o Brasil na posição de maior exportador mundial de soja, com vasta diferença do segundo colocado, Estados Unidos.

Gráfico 46 Comparação entre o estoque final mundial de soja e o preço internacional

Fonte: FAS/USDA (Nov/20); CBOT Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA; Preços até Nov/20 ** Projeção USDA



Para a safra 2020/21 é projetada produção global recorde de 362,6 milhões de toneladas, equivalente a um aumento de 8% em relação à safra 2019/20. Este aumento deve ser reflexo de maiores safras esperadas no Brasil e na Argentina e da recuperação da produção nos Estados Unidos depois de uma safra marcada com problemas relacionados ao clima. O consumo deve continuar expandindo, atingindo o recorde de 369 milhões de toneladas, 4% superior a 2019/20. Apesar do crescimento mais expressivo da produção, ainda assim o consumo deve superar a produção na safra 2020/21, o que causará retração dos estoques finais.

Tabela 20 Fundamentos do mercado brasileiro de soja, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2017	2018	2019	2020*	2021**	Variação 19/20	Variação 20/21
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	33,90	35,15	35,90	36,90	38,60	2,8%	4,6%
Estoque Inicial	23,16	32,11	32,70	32,47	20,30	-0,7%	-37,5%
Produção	114,90	123,40	119,70	126,00	133,00	5,3%	5,6%
Importação	0,25	0,18	0,14	0,55	0,40	292,1%	-27,1%
OFERTA TOTAL	138,31	155,69	152,54	159,02	153,70	4,3%	-3,3%
Consumo Interno	43,06	46,86	45,18	46,48	48,10	2,9%	3,5%
Exportação	63,14	76,14	74,89	92,24	85,00	23,2%	-7,8%
DEMANDA TOTAL	106,20	122,99	120,06	138,72	133,10	15,5%	-4,1%
ESTOQUE FINAL	32,11	32,70	32,47	20,30	20,60	-37,5%	1,5%
Estoque/Consumo	0,75	0,70	0,72	0,44	0,43	-39,2%	-1,9%

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

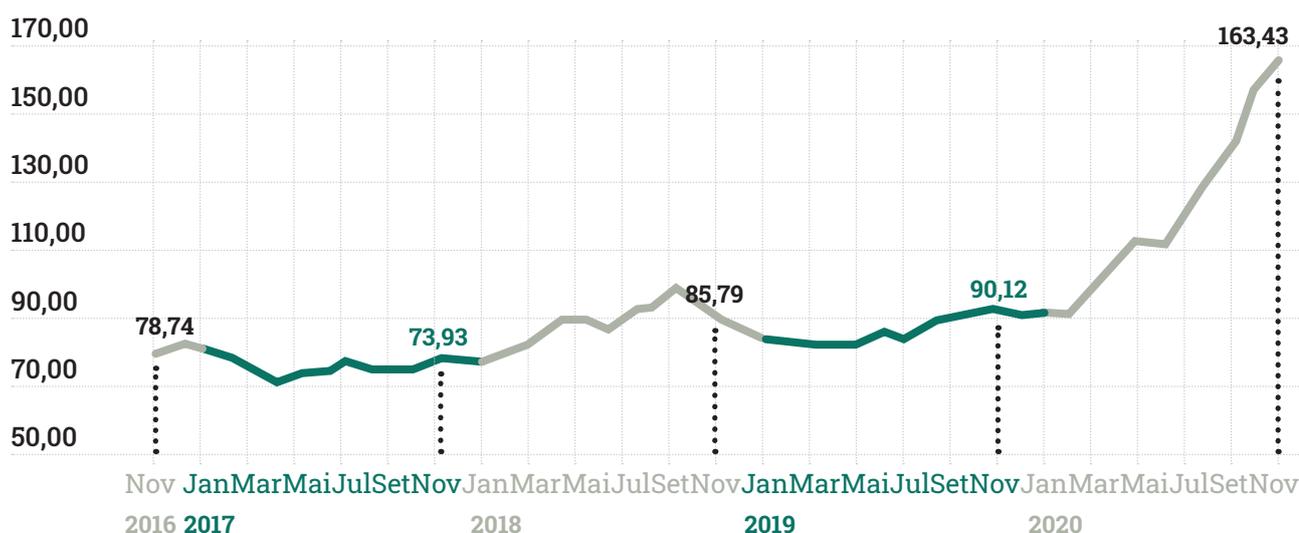
A safra brasileira de soja em 2019/20 contou com produção maior que a anterior, diante da maior área colhida e bom desempenho das lavouras, apesar da seca no sul do país. Este au-

mento produtivo permitiu uma expansão da oferta, estimada em 159,0 milhões de toneladas. Entretanto, apesar da expansão da oferta, a demanda deve crescer em ritmo mais acelerado, estimulado pelo avanço do consumo interno e pelo significativo aumento do consumo externo (exportações), totalizando uma demanda total de 138,7 milhões de toneladas. Os estoques estão estimados em 20,3 milhões de toneladas, volume 37,5% inferior ao ano anterior.

O Brasil deve atingir seu recorde de exportação de soja na safra 2019/20. Este desempenho foi reflexo de diversos fatores: vasta oferta brasileira; problemas climáticos no Estados Unidos, concorrente direto do Brasil no mercado externo; aumento da demanda chinesa, importante importador; e, principalmente, o desequilíbrio cambial, reflexo do ambiente de incertezas gerado pela pandemia da Covid-19.

Gráfico 47 Preço da soja em Rio Grande/RS, em R\$/60 kg

Fonte: Broadcast• Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



Esta conjuntura permitiu a valorização dos preços da soja no Brasil, atingindo um patamar recorde. O preço da saca de soja em Rio Grande, por exemplo, atingiu R\$163,43/60kg em novembro de 2020, valor 81% superior ao mesmo período do ano passado. Este ambiente criou um estímulo para a safra 2020/21, onde se espera um avanço de 4,6% da área colhida. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) projeta retração de 8% das exportações brasileira em 2020/21, entretanto a Farsul não projeta desaceleração tão acentuada uma vez que não vislumbramos um cenário de taxa de câmbio muito diferente para o próximo ano.

1.4.4

Trigo

A produção global de trigo deve crescer 5% em 2019/20 em relação à safra anterior, resultado da combinação de ganhos no rendimento médio e leve aumento da área plantada. O aumento da produção deve estar principalmente concentrado em regiões exportadoras como União Eu-

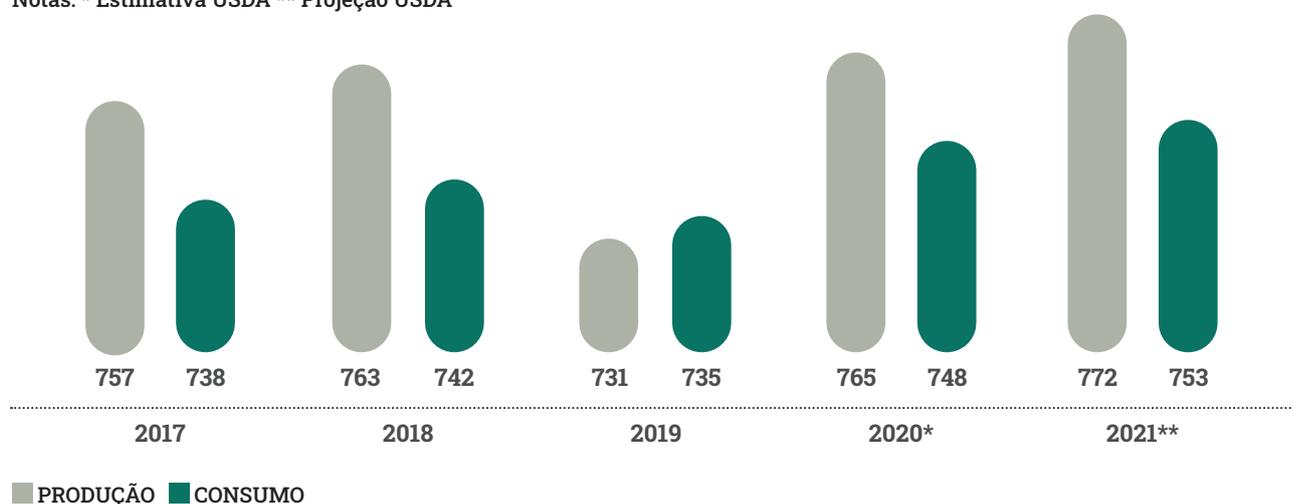
ropeia, Rússia, Estados Unidos, Canadá e Ucrânia, que devem mais que compensar a queda da produção da Austrália que, mais uma vez, teve sua produção prejudicada pelo clima.

O consumo de trigo é majoritariamente composto pelo uso para alimentação e uso para ração. O uso para alimentação tende a aumentar à medida que a população cresce e a economia global se desenvolve, gerando ganhos de renda per capita. Por outro lado, o uso para ração tem comportamento mais variável uma vez que depende da demanda de carnes e dos preços dos produtos substitutos ao trigo para ração, em especial o milho. Apesar da menor oferta global de milho, a demanda de trigo para ração teve leve queda em 2019/20, com redução de 5% da demanda chinesa mais que compensando aumentos nos Estados Unidos.

Entretanto, apesar da leve queda da demanda de trigo para ração, a demanda de trigo para industrialização de alimentos deve crescer diante da vasta oferta, o que explica o aumento de 2% do consumo total em 2019/20 em relação ao ano safra anterior. A mudança do comportamento alimentar em conjunto com o crescimento da renda em algumas regiões, especialmente na Ásia e África, tem sido os principais fatores para o aumento do consumo de trigo para alimento.

Gráfico 48 Comparação entre produção e consumo mundiais de trigo, em milhões de toneladas

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA



Apesar do surgimento de algumas barreiras comerciais na tentativa de conter a pandemia, o comércio internacional deve expandir em 2020. Isso porque grande parte da demanda deve vir de países importadores, enquanto o aumento da produção deve se concentrar, majoritariamente, nas regiões exportadoras.

As exportações mundiais devem atingir 191 milhões de toneladas, 9% superior ao ano anterior. A União Europeia, depois de ter enfrentado forte redução de suas exportações em 2018/19 diante da menor oferta, deve concentrar a maior parte do aumento de volume exportado global em função da boa safra, propiciando um preço mais competitivo no mercado internacional. Apesar da maior exportação da Rússia, ainda assim o aumento significativo das exportações da União Europeia deve recolocar a região na posição de maior exportador mundial.

Tabela 21 Produção e consumo de trigo por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
União Europeia	145,4	151,1	136,6	155,0	136,6	13%	-12%	18%
China	133,3	134,3	131,4	133,6	136,0	2%	2%	18%
Índia	87,0	98,5	99,9	103,6	107,6	4%	4%	14%
Rússia	72,5	85,2	71,7	73,6	83,5	3%	13%	11%
Estados Unidos	62,8	47,4	51,3	52,6	49,7	2%	-5%	6%
Canadá	32,1	30,4	32,4	32,7	35,0	1%	7%	5%
Austrália	31,8	20,9	17,6	15,2	28,5	-14%	88%	4%
Outros	192	195	190	199	196	5%	-2%	25%
TOTAL	756,5	762,8	730,9	764,9	772,4	5%	1%	100%

CONSUMO	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
China	119,0	121,0	125,0	126,0	131,0	1%	4%	17%
União Europeia	128,0	130,4	121,1	122,5	118,0	1%	-4%	16%
Índia	97,2	95,7	95,6	96,1	99,5	1%	4%	13%
Rússia	40,0	43,0	40,5	40,0	41,0	-1%	2%	5%
Estados Unidos	31,9	29,2	30,0	30,6	30,7	2%	0%	4%
Paquistão	24,5	25,0	25,3	25,2	25,8	0%	2%	3%
Egito	19,4	19,8	20,1	20,3	20,8	1%	2%	3%
Outros	278	278	277	288	286	4%	-1%	38%
TOTAL	738,0	741,8	734,8	748,3	752,7	2%	1%	100%

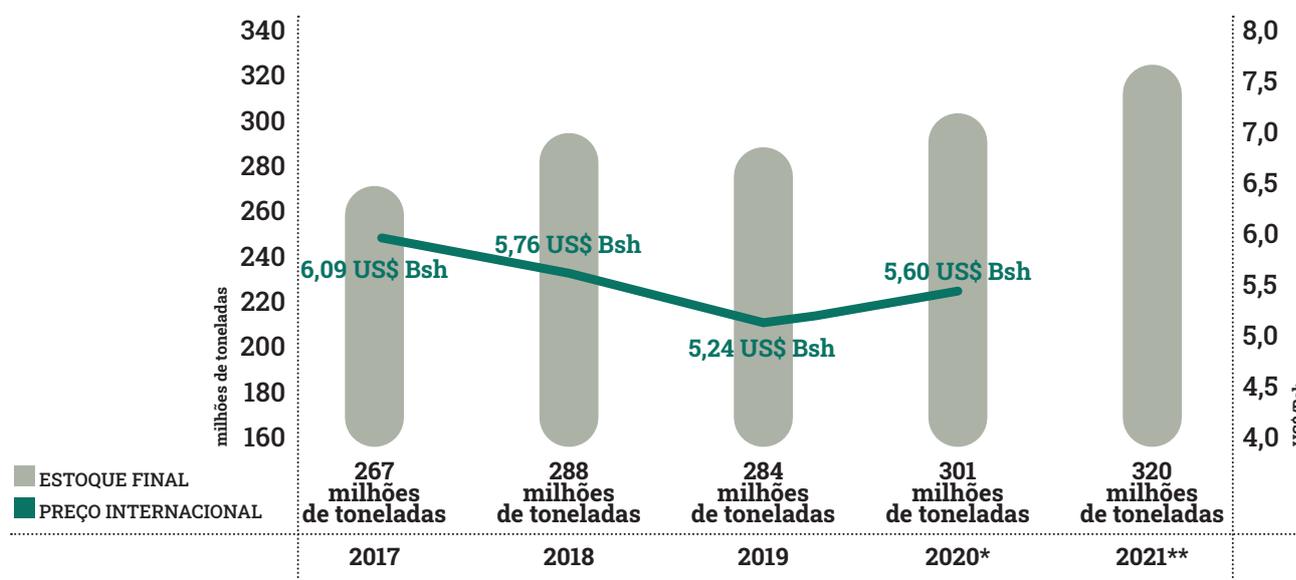
Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

Diante do aumento mais acelerado da produção em relação ao consumo, os estoques finais mundiais devem crescer 6% em 2019/20 em relação ao ano anterior. O maior aumento deve ocorrer na Índia, resultado da vasta oferta e da baixa competitividade dos preços para exportação, que se destina majoritariamente a países vizinhos e sensíveis aos preços. A China, que contempla o maior estoque mundial (cerca de 50% dos estoques globais) deve aumentar em 8,5% apesar do aumento do consumo.

Gráfico 49 Comparação entre o estoque final mundial de trigo e o preço internacional

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA; Preços até Nov/20 ** Projeção USDA



A projeção para a safra 2020/21 é de aumento da produção global atingindo nível recorde. Este aumento deve ser alavancado pela recuperação da produção da Austrália, frente à expectativa de clima favorável e maior produção na Rússia, reflexo do aumento da área plantada e melhor rendimento médio da safra. Canadá, China e Índia também devem apresentar maiores safras em função do aumento das áreas colhidas. Por outro lado, a projeção de menor área colhida e menor rendimento na União Europeia, especialmente na França e Reino Unido, deve refletir em menor produção.

O consumo global também deve atingir seu recorde em 2020/21, apesar da expectativa não tão animadora para a economia global em 2021. O crescimento do consumo é particularmente significativo na Ásia, especialmente na China e Índia. O consumo para uso industrial deve crescer 1,6% e o consumo para ração deve retrair 1,5%.

Como a projeção é de mais um ano de produção crescendo acima do consumo, a safra 2020/21 deve acumular estoques ainda maiores que 2019/20. O maior acúmulo de volume de estoques deve ocorrer na Rússia em função da expectativa de boa safra, apesar de ser estimado aumento das exportações. Deve haver aumentos também na China, devido ao aumento da produção ser mais expressivo que a do consumo, e na Índia, em função da abundante safra projetada.

Apesar da projeção de crescimento da produção, as exportações mundiais devem retrair 0,5% em 2020/21. Isso porque a menor oferta na União Europeia deve refletir em exportações 32% inferiores, mais que compensando o aumento das exportações estimadas para Rússia, Estados Unidos, Canadá e Austrália. A importação mundial deve aumentar 0,6% em relação à 2019/20, destaque para o aumento de quase 50% das importações chinesas que deve ser parcialmente compensada por menores importações de Bangladesh, Brasil e Turquia.

Tabela 22 Fundamentos do mercado brasileiro de trigo, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2017	2018	2019	2020*	2021**	Variação 19/20	Variação 20/21
ÁREA COLHIDA (milhões de ha)	2,12	1,92	2,04	2,04	2,32	-0,1%	13,7%
Estoque Inicial	1,00	2,26	1,31	1,06	0,94	-19,4%	-11,4%
Produção	6,73	4,26	5,43	5,20	6,60	-4,2%	26,9%
Importação	7,79	6,70	7,44	7,18	6,70	-3,5%	-6,7%
OFERTA TOTAL	15,51	13,22	14,18	13,44	14,24	-5,3%	6,0%
Consumo Interno	12,20	12,00	12,10	12,10	12,20	0,0%	0,8%
Exportação	0,61	0,25	0,59	0,41	0,70	-31,3%	71,6%
DEMANDA TOTAL	12,81	12,25	12,69	12,51	12,90	-1,5%	3,1%
ESTOQUE FINAL	2,26	1,31	1,06	0,94	1,34	-11,4%	42,7%
Estoque/Consumo	0,18	0,11	0,09	0,08	0,11	-11,4%	41,5%

Fonte: FAS/USDA (Nov/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

A safra brasileira 2019/20 tem enfrentado problemas climáticos que estão afetando o rendimento médio das lavouras e a expectativa é de que a produção seja 4,2% inferior que a safra anterior. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que o consumo brasileiro de trigo se mantenha nos patamares da safra anterior. Diante da menor produção e consumo inalterado os estoques devem reduzir em 11,4%.

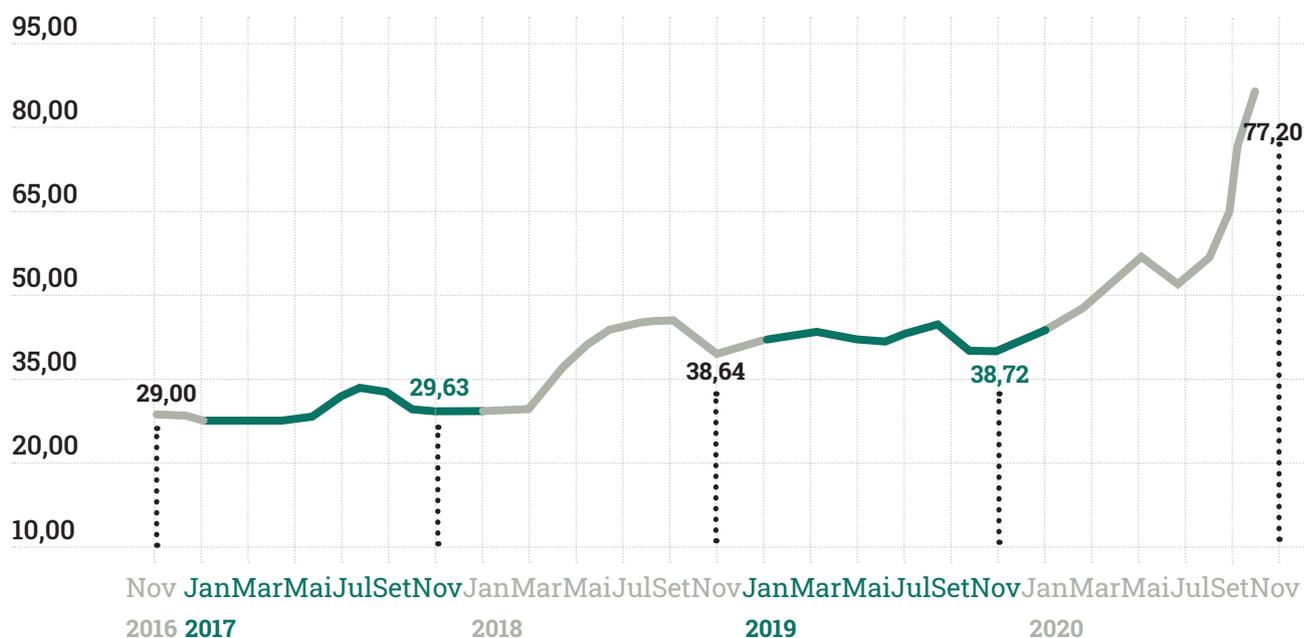
No Brasil a demanda de trigo é reagente à renda per capita do país. Apesar do enfraquecimento da economia diante da crise, reflexo das medidas protetivas contra a Covid-19, a estimativa da Farsul de que haja um aumento do consumo de trigo em 2019/20. Isso porque o Governo Brasileiro concedeu auxílio de renda às camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira (Auxílio Emergencial) para enfrentar a pandemia, o que deve refletir em aumento da demanda de trigo⁹. Dessa forma, a queda nos estoques finais deve ser ainda mais acentuada a fim de atender à demanda crescente.

Este cenário que combina desequilíbrio cambial, menor produção, aumento do consumo em função do Auxílio Emergencial e necessidade de recorrer aos estoques gerou um ambiente de valorização dos preços. O preço do trigo em Passo Fundo/RS chegou a atingir a alta de R\$ 77,20/60 kg em novembro deste ano, valor 99% superior ao preço registrado no mesmo período do ano anterior.

⁹ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual com *despesas com alimentação*.

Gráfico 50 Preço do trigo em Passo Fundo/RS, em R\$/60kg

Fonte: Broadcast • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



Com a expectativa de clima favorável, a produção brasileira deve crescer em 2020/21 refletindo a recuperação do rendimento médio. Apesar da projeção de leve aumento do consumo e retomada das exportações, ainda assim os estoques finais devem aumentar diante da vasta oferta. Caso este cenário se confirme, o aumento significativo dos estoques finais pode ter impacto negativo nos preços. Porém, é importante lembrar que os preços observados no mercado brasileiro atualmente são reflexo de uma conjuntura que combina uma série de fatores, dentre eles o desequilíbrio cambial. Com a atual projeção do dólar para 2021 ainda em patamares elevados, é provável que, apesar do aumento estimado para os estoques finais, o preço do trigo apresente níveis historicamente elevados mesmo que possam ser inferiores aos níveis de 2020.

1.4.5

Carne Bovina

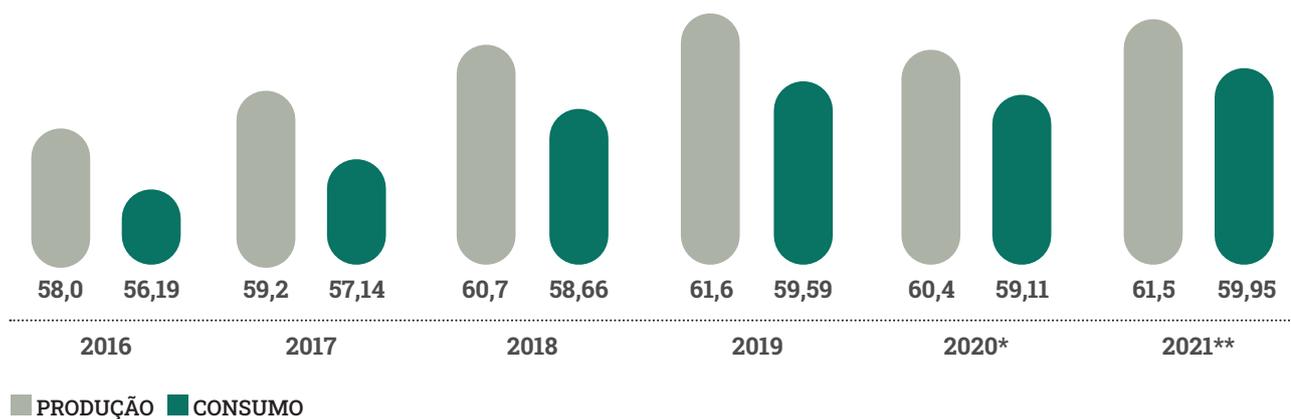
As medidas restritivas para conter a pandemia da Covid-19 tiveram impacto na economia global e afetaram a demanda de carne bovina em 2020, especialmente na primeira metade do ano e o consumo mundial deve retrair 0,8% em 2020 em relação ao ano passado. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima menores demandas do Brasil, União Europeia e Índia, que devem compensar as expectativas de aumento do consumo na China e Estados Unidos.

Também houve reflexos desta conjuntura na oferta, uma vez que os principais produtores mundiais reajustaram sua expectativa de produção diante do enfraquecimento da demanda e a expectativa é de retração de 2% da produção mundial. Menores produções devem ser observadas em importantes produtores, como Estados Unidos, Brasil, União Europeia e Índia.

Gráfico 51 Comparação entre produção e consumo mundiais de carne bovina, em milhões de toneladas

Fonte: FAS/USDA (Out/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA



A produção de carnes deve crescer 1,7% em 2021, especialmente nos países exportadores como Estados Unidos e Brasil, diante da expectativa de aumento do fluxo de comércio internacional. O consumo mundial, assim como a produção, também deve retomar a trajetória de crescimento em 2021. A expansão do consumo deve ocorrer, principalmente, na China, Brasil e Índia.

Tabela 23 Produção e consumo de carne bovina por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2016	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
Estados Unidos	11,51	11,94	12,26	12,38	12,37	12,48	-0,1%	0,8%	20%
Brasil	9,28	9,55	9,90	10,20	10,10	10,47	-1,0%	3,7%	17%
União Europeia	7,88	7,87	8,00	7,88	7,80	7,73	-1,0%	-0,9%	13%
China	6,17	6,35	6,44	6,67	6,78	6,90	1,6%	1,8%	11%
Índia	4,17	4,23	4,24	4,27	3,65	3,95	-14,5%	8,2%	6%
Argentina	2,65	2,84	3,05	3,13	3,18	3,10	1,8%	-2,5%	5%
México	1,88	1,93	1,98	2,03	2,09	2,13	3,0%	1,9%	3%
Austrália	2,13	2,15	2,31	2,43	2,09	2,05	-14,3%	-1,7%	3%
Outros	12,30	12,33	12,50	12,65	12,37	12,64	-2,2%	2,2%	21%
TOTAL	57,97	59,18	60,67	61,64	60,43	61,45	-2,0%	1,7%	100%

CONSUMO	2016	2017	2018	2019	2020*	2021**	VARIAÇÃO 19/20	VARIAÇÃO 20/21	PARTICIPAÇÃO
Estados Unidos	11,68	12,05	12,18	12,41	12,61	12,51	1,6%	-0,8%	21,3%
China	6,87	7,24	7,81	8,83	9,52	9,73	7,8%	2,3%	16,1%
Brasil	7,70	7,80	7,93	7,93	7,60	7,84	-4,1%	3,2%	12,9%
União Europeia	7,94	7,88	8,07	7,89	7,75	7,71	-1,8%	-0,5%	13,1%
Índia	2,46	2,44	2,73	2,78	2,60	2,75	-6,3%	5,8%	4,4%
Argentina	2,44	2,56	2,57	2,38	2,39	2,34	0,3%	-1,7%	4,0%
México	1,83	1,87	1,90	1,90	1,87	1,91	-1,8%	1,9%	3,2%
Paquistão	1,70	1,74	1,75	1,76	1,76	1,78	0,0%	1,4%	3,0%
Outros	13,57	13,56	13,72	13,72	13,02	13,38	-5,1%	2,8%	22,0%
TOTAL	56,19	57,14	58,66	59,59	59,11	59,95	-0,8%	1,4%	100,0%

Fonte: FAS/USDA (Out/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

No mercado brasileiro, destaque para o aumento das exportações brasileiras, reflexo da desvalorização do real ante o dólar tornou nossos produtos mais competitivos no mercado externo. Entretanto, apesar USDA estimar aumento de 10,2% das exportações brasileiras em 2020 ante 2019, ainda assim espera-se retração da demanda total, uma vez que estima queda de 4,1% do consumo interno. Diante deste cenário de menor demanda, do USDA espera queda de 1% da produção brasileira.

Tabela 24 Fundamentos do mercado brasileiro de carne bovina, em milhões de toneladas

FUNDAMENTOS	2016	2017	2018	2019	2020*	2021**	Variação 19/20	Variação 20/21
Produção	9,28	9,55	9,90	10,20	10,10	10,47	-1,0%	3,7%
Importação	0,06	0,05	0,05	0,04	0,05	0,04	16%	-20%
OFERTA TOTAL	9,35	9,60	9,95	10,24	10,15	10,51	-1%	4%
Consumo	7,70	7,80	7,93	7,93	7,60	7,84	-4,1%	3,2%
Exportação	1,65	1,80	2,02	2,31	2,55	2,67	10,2%	4,7%
DEMANDA TOTAL	9,35	9,60	9,95	10,24	10,15	10,51	-1%	4%

Fonte: FAS/USDA (Out/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul

Notas: * Estimativa USDA ** Projeção USDA

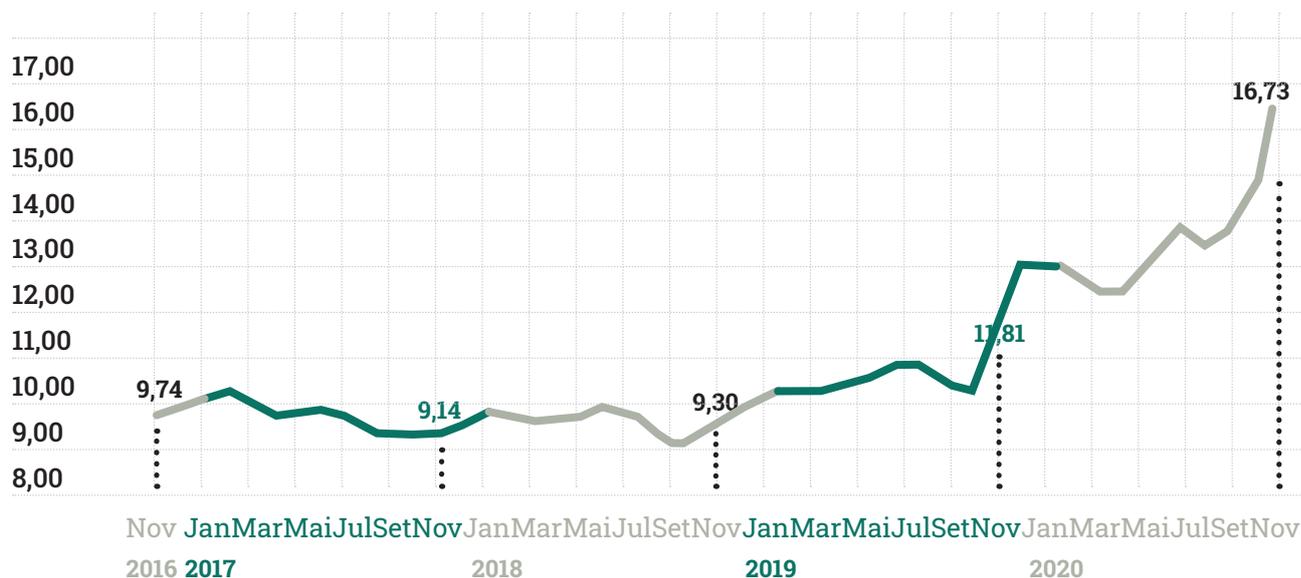
Entretanto, a Farsul não acredita que este cenário para o mercado brasileiro de carnes em 2020 irá se confirmar. Isso porque no Brasil as famílias das camadas mais baixas de renda per capita tendem a destinar maior percentual do seu salário ao consumo de alimentos e, neste ano, o Governo Brasileiro concedeu o Auxílio Emergencial para o enfretamento da pandemia. Esta renda concedida às famílias mais vulneráveis deve se refletir em aumento do consumo de carne bovina¹⁰, gerando uma demanda interna inclusive superior ao registrado no ano passado. Diante de um cenário de alta da demanda é provável que a projeção da produção do USDA também não se confirme verdadeira. A Farsul acredita no aumento da produção de carne bovina para atender à demanda crescente superando, inclusive, a produção de 2019.

Para 2021, o USDA projeta aumento da demanda através da retomada do consumo interno e ampliação das exportações. A oferta também deve crescer, com projeção de aumento de 3,7% da produção. A Farsul concorda que a tendência para 2021 é de ampliação das exportações, uma vez que a taxa de câmbio deve se manter em patamares elevados. Entretanto, ficamos receosos em relação à expectativa de ampliação do consumo, já que acreditamos que o consumo já foi maior em 2020 e o aumento da demanda interna está, em grande parte, atrelada ao Auxílio Emergencial.

¹⁰ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das *despesas totais* para *despesas com alimentação*; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual com *despesas com alimentação*.

Gráfico 52 Preço médio do boi no Rio Grande do Sul, em R\$/kg carcaça

Fonte: Cepea • Elaboração: Assessoria Econômica/Sistema Farsul



O preço médio do boi no Rio Grande do Sul está em trajetória crescente, em novembro deste ano atingiu R\$ 16,73, valor 42% superior ao mesmo período do ano passado. A valorização do preço é reflexo da combinação do desequilíbrio cambial, que valoriza os preços no mercado interno e torna nossos produtos mais competitivos no mercado externo, com o aumento da demanda interna através do Auxílio Emergencial.

1.4.6 Leite

No mercado de leite fluído existe uma semelhança entre as quantidades ofertada e demandada em função da própria característica do produto, que impossibilita o estoque por longos períodos e fluxo de comércio intenso. Logo, a produção geralmente surge como uma resposta à demanda doméstica e quaisquer variações nestes fundamentos refletem em impactos nos preços.

Apesar do ano atípico marcado pela pandemia da Covid-19, ainda assim a produção mundial de leite fluído deve encerrar o ano com produção 1,6% superior que o ano anterior, alavancado pela expectativa de ampliação do consumo.

Dentre os principais mercados, o maior incremento de produção em 2020 deve ocorrer na Índia, estimulado pelo bom desempenho do mercado consumidor. Esta conjuntura deve manter o país na posição de maior produtor e maior consumidor mundial.

Aumentos significativos também são esperados na produção dos principais países exportadores como União Europeia, Austrália e Estados Unidos. Em termos relativos, o maior avanço deve ocorrer na Argentina, com incremento de 4,3% na produção.

Tabela 25 Produção de leite fluído por país, em milhões de toneladas

PRODUÇÃO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
Índia	155,5	165,1	176,1	187,7	191,0	195,0	2,1%	30%
União Europeia	154,6	155,6	158,0	159,3	159,9	161,3	0,9%	25%
Estados Unidos	94,6	96,4	97,8	98,7	99,1	100,5	1,4%	16%
China	33,3	32,2	31,9	32,3	33,5	34,5	3,0%	5%
Rússia	30,5	30,5	30,9	30,4	30,6	31,0	1,4%	5%
Brasil	25,7	25,9	26,8	26,7	27,5	28,0	1,8%	4%
Nova Zelândia	21,6	21,2	21,5	22,0	21,9	21,9	0,2%	3%
México	11,9	12,1	12,3	12,5	12,8	12,9	0,8%	2%
Argentina	11,6	10,2	10,1	10,8	10,6	11,1	4,3%	2%
Canadá	8,8	9,1	9,7	9,9	10,0	10,0	0,1%	2%
Ucrânia	10,9	10,6	10,5	10,3	10,1	9,9	-1,8%	2%
Austrália	10,1	9,5	9,5	9,5	8,8	9,2	4,2%	1%
Outros	17,0	17,0	17,1	17,1	17,2	17,6	2,1%	3%
TOTAL	585,9	595,4	612,1	627,3	633,0	642,9	1,6%	100%

Fonte: FAS/USDA (Jul/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA

A demanda de leite fluído tem dois principais destinos: o leite fluído para consumo e a demanda da indústria. Na Índia, a ampliação da demanda em 2020 deve contar com aumento da procura de leite fluído para consumo (+3%) e da demanda da indústria (+2%). Já na Argentina, o aumento de 4,3% estimado da demanda de leite deve ser reflexo da maior demanda por parte das indústrias, uma vez que a procura de leite fluído para consumo deve retrair em relação a 2019.

Tabela 26 Consumo de leite fluído por país, em milhões de toneladas

CONSUMO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	VARIAÇÃO 19/20	PARTICIPAÇÃO
Índia	155,5	165,1	176,1	187,7	191,0	195,0	2%	30%
União Europeia	153,8	154,7	157,2	158,5	159,0	160,4	1%	25%
Estados Unidos	94,5	96,3	97,7	98,6	99,0	100,4	1%	16%
China	33,7	32,9	32,5	32,9	34,4	35,4	3%	6%
Rússia	30,8	30,8	31,2	30,6	30,7	31,2	1%	5%
Brasil	25,6	25,9	26,8	26,7	27,5	28,0	2%	4%
Nova Zelândia	21,5	21,1	21,3	21,8	21,6	21,7	0%	3%
México	11,9	12,2	12,3	12,6	12,9	12,9	1%	2%
Argentina	11,6	10,2	10,1	10,8	10,6	11,1	4%	2%
Canadá	8,8	9,1	9,7	10,0	10,0	10,0	0%	2%
Ucrânia	10,9	10,6	10,5	10,3	10,1	9,9	-2%	2%
Austrália	9,9	9,3	9,3	9,2	8,6	9,0	4%	1%
Outros	17	17	17	17	17	18	2%	3%
TOTAL	585,4	594,9	611,6	626,7	632,5	642,4	2%	100%

Fonte: FAS/USDA (Jul/20) Elaboração: Assessoria Econômica/ Sistema Farsul
Notas: * Estimativa USDA

Nos últimos anos, o mercado brasileiro de leite sofreu com quedas da demanda nos anos de 2015 e 2016, reflexo da crise econômica que enfrentamos. Nos anos posteriores, observamos a lenta recuperação da economia, que permitiu a gradual retomada do setor. No ano de 2020, marcado pelas medidas restritivas para conter a pandemia e que afetam negativamente a economia, esperava-se mais um ano de retração da demanda de leite diante da queda da renda per capita da população; entretanto, o Auxílio Emergencial – programa de concessão de renda às camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira – possibilitou um aumento inesperado da demanda por diversos produtos alimentícios, entre eles o leite fluído¹¹. Por esta razão, a Farsul discorda dos números de consumo brasileiro de leite trazidos pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), pois sabemos que de 2015 em diante o setor sofreu com os baixos níveis de consumo e o ano de 2020 deve ser marcado por um aumento ainda mais expressivo que o projetado pelo USDA.

Este cenário de baixo consumo acabou prejudicando a confiança dos produtores, reduzindo os investimentos no setor e, conseqüentemente, resultando em queda da produção nos anos de 2015 e 2016. A partir de então, apesar da lenta recuperação da economia brasileira, houve uma tendência de aumento da produção. Em 2020 a produção deve avançar apenas 0,5% apesar da expectativa de aumento mais expressivo do consumo, isso porque não houve tempo de readaptar a produção à nossa realidade do mercado de demanda aquecida em função do Auxílio

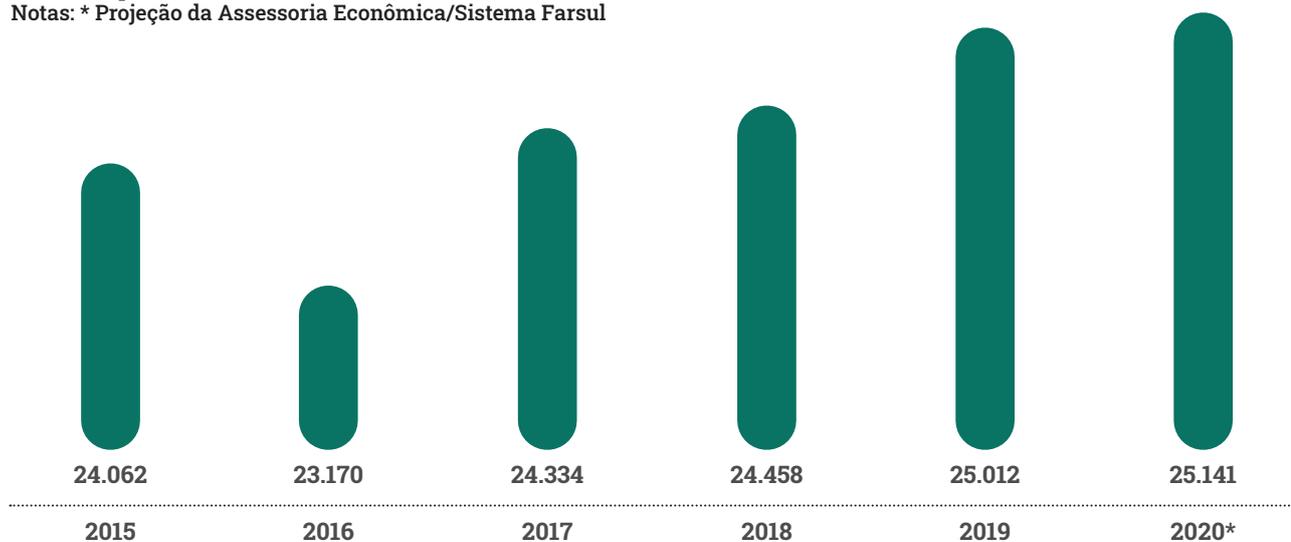
¹¹ De acordo com a Pesquisa Orçamentária Familiar (POF) do IBGE (referente a 2008), no Brasil, as famílias com salário de até R\$ 830 destinam 27,8% das despesas totais para despesas com alimentação; enquanto famílias com salário superior a R\$10.375 destinam apenas 8,5%. A pesquisa mostra que as faixas mais baixas de renda destinam maior percentual com despesas com alimentação.

Emergencial. Cabe lembrar também que a falta de chuvas vem acarretando prejuízos na produção, logo, é possível que a produção de 2020 possa ser reajustada para um volume inferior a este projetado.

Gráfico 53 Produção brasileira de leite adquirido, em mil litros

Fonte: Pesquisa Trimestral do Leite/ IBGE

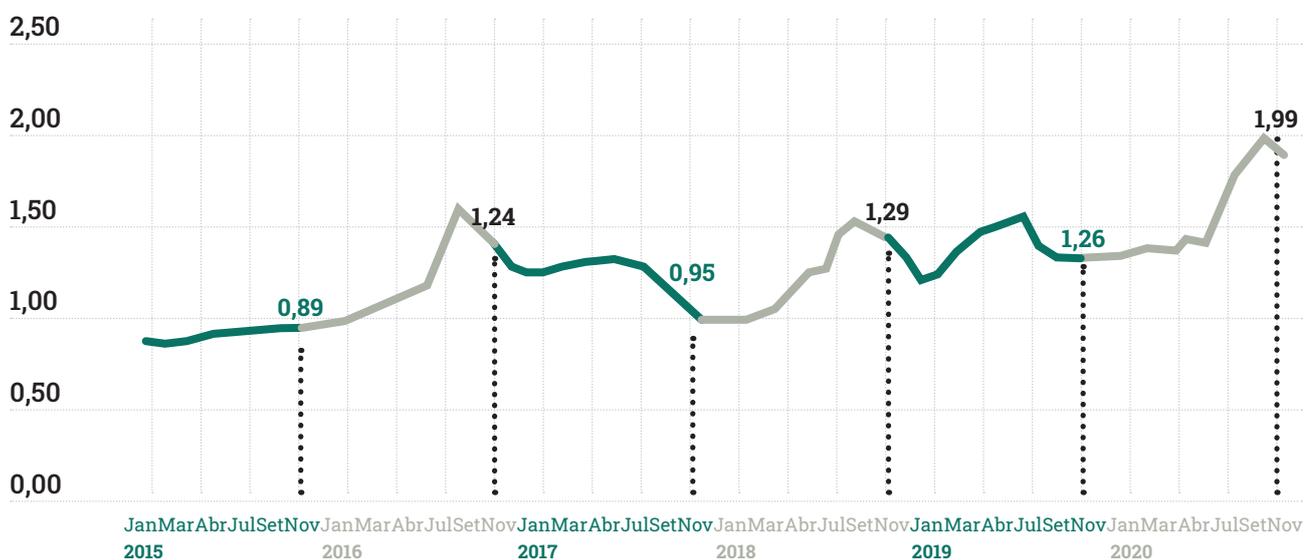
Notas: * Projeção da Assessoria Econômica/Sistema Farsul



Diante da nossa expectativa de demanda aquecida, reflexo do Auxílio Emergencial, vislumbramos um cenário de valorização do preço do leite no mercado interno. No Rio Grande do Sul, o preço médio do litro de leite atingiu a média de R\$ 1,99/ litro em novembro deste ano, valor 58% superior ao mesmo período do ano passado.

Gráfico 54 Preço médio mensal do Leite no Rio Grande do Sul, em R\$/litros

Fonte: Cepea/Esalq



2. Conjuntura Econômica

A análise de conjuntura econômica realizada pelos economistas da entidade baseia-se na leitura dos dados atuais. Nossas projeções e perspectivas são construídas a partir destes dados, podendo, portanto, serem alterados de acordo com a dinâmica da economia e da sociedade.

2.1 Economia Brasileira Por Antônio da Luz

Ao relermos o relatório do ano passado e nos confrontarmos com as perspectivas que tínhamos para 2020, não há como não sentir saudades daquelas expectativas completamente frustradas neste ano de pandemia. De acordo com os especialistas, os primeiros casos de infecção por Coronavírus surgiram na China quando escrevíamos o relatório. Quando a comunidade internacional percebeu sua existência – e amplitude – já tínhamos publicado e apresentado nossas perspectivas.

Ao longo de nossa análise o leitor perceberá que trataremos de duas dimensões, quais sejam: o que a pandemia impactou nesse ano e o legado negativo que ela deixa para ser consertado. A crise de saúde em si, associada, principalmente, às medidas de distanciamento, trouxeram enormes impactos econômicos mundo a fora e aqui não foi diferente. Não é nosso papel julgar as decisões de governantes perante o desconhecido, até porque reconhecemos as dificuldades e acreditamos que a maioria deles agiu da forma que lhe pareceu correta diante das informações que dispunham e carregados das melhores intenções, mas o que nos cabe é sim apresentar o impacto neste ano. A outra dimensão diz respeito ao legado. Por muitos anos, talvez décadas, teremos que conviver com indicadores em determinados patamares por consequência da pandemia. Como exemplo, citamos o excesso de liquidez que está inclinando a inflação e, por consequência, a curva de juros futuros, um grave problema causado, principalmente, pelo aumento do gasto público encabeçado pelo Auxílio Emergencial, o que levaremos alguns anos para normalizar. Temos, como outro exemplo, a forte elevação da dívida pública, o que levaremos talvez décadas para reduzir ou alongar para períodos melhor administráveis, sem falar do risco de dominância fiscal e o custo do convívio com taxas de inflação mais altas, dificuldades de rolagem da dívida e restrição severa de gastos.

Enfim, em economia sabemos que simples escolhas erradas podem ter grandes impactos cuja solução exige anos para recuperar, logo não podemos imaginar um cenário menos desafiador para um evento desta magnitude que estamos vivendo. A velocidade desta recuperação dependerá muito do “pavimento” pelo qual percorreremos. Se tivermos em pista múltipla, com estrada bem sinalizada e organizada, poderemos empreender uma determinada velocidade. Do contrário, se nossa estrada for simples, esburacada e mal sinalizada, andaremos em outra. Essas metáforas são relacionadas ao ambiente de reformas que o Brasil insiste em procrastinar. Será difícil a recuperação com o atual sistema tributário e com os gastos públicos exigindo reforma administrativa, por exemplo. Isso sem falarmos das privatizações, que poderiam contribuir em muito para o equilíbrio fiscal, mas que, até esse momento, encontram-se em letargia incompatível com o discurso de campanha do presidente e dos congressistas.

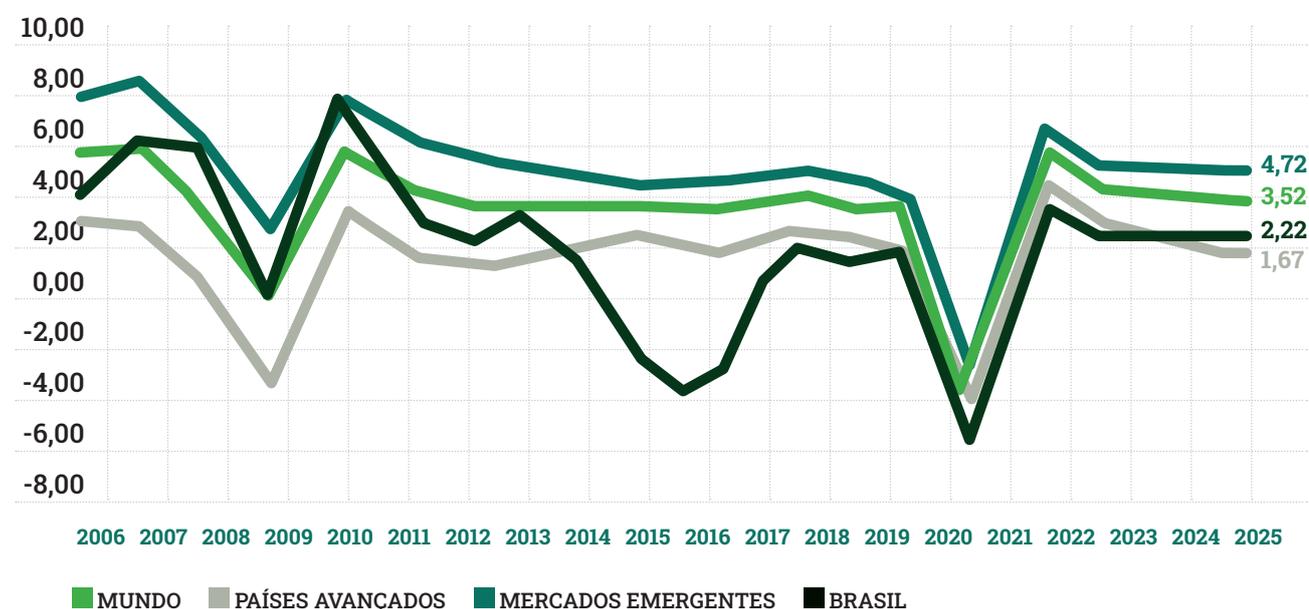
2.1.1 Economia Brasileira no Contexto Mundial

Infelizmente, se o mundo vai demorar para se recuperar, o Brasil deverá demorar ainda mais. Vejamos no gráfico a seguir o desempenho do Brasil desde 2006 até as projeções para 2025

comparando as médias mundiais dos países avançados e emergentes, grupo do qual o Brasil faz parte. Na comparação com todos os demais o Brasil já crescia menos antes da pandemia, sofreu uma forte depressão entre 2014 e 2017 e deve cair mais do que as médias comparadas no ano de 2020. Com esse fraco desempenho, seria como esperar por um milagre a expectativa de crescer mais nos próximos cinco anos.

Gráfico 55 Comparativo da evolução do PIB do Brasil com grupos de Países Ricos, Emergentes e o Mundo, taxa anual (%)

Fonte: FMI/ World Economic Outlook - Outubro de 2020

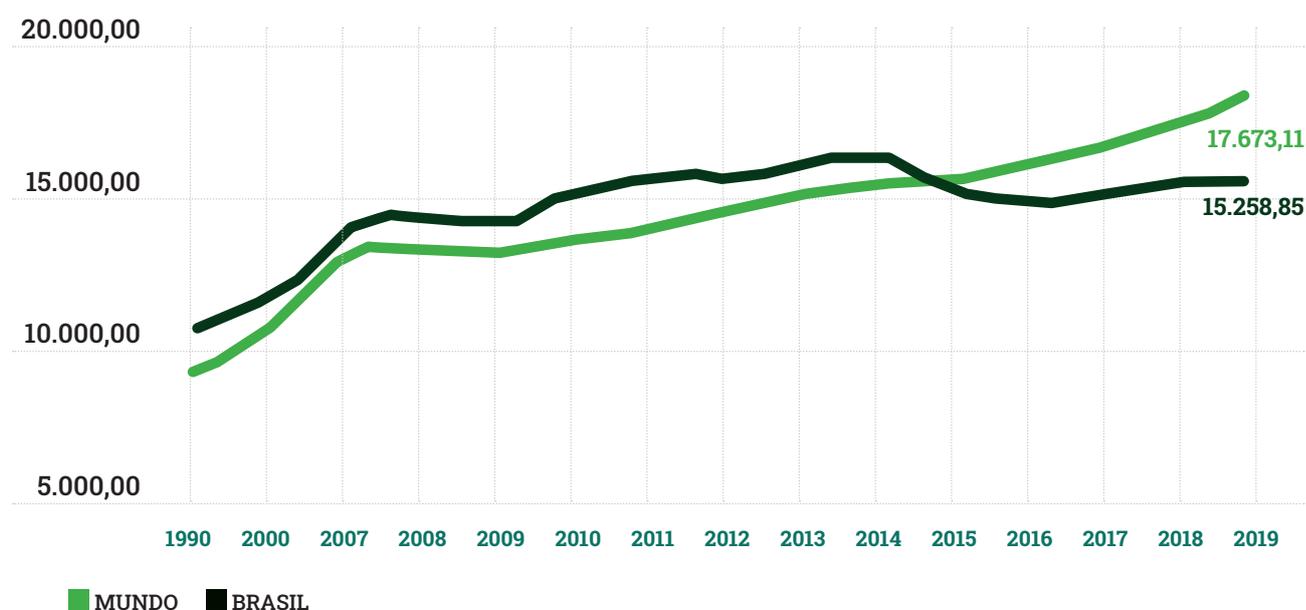


A pandemia é o menor dos problemas para a nossa economia, pois é conjuntural. Embora os danos sejam longevos, ela em si vai passar e não depende das nossas escolhas. A estrutura de nossa economia é ineficiente e frágil e, esta sim escolhemos ter. Daí a necessidade de fazermos reformas importantes, que mexam na forma como gastamos os recursos públicos, que deem competitividade, agilidade e leveza ao ambiente de negócios.

Outra preocupação permanente que temos relatado em nossos relatórios é o empobrecimento da população brasileira em relação à média mundial. Em 2015 passamos a ter uma renda média menor que a média mundial e percebemos um rápido distanciamento que hoje já está em quase 16%.

Gráfico 56 Comparativo da renda per capita PPP do Brasil e do mundo, em dólares constantes (base = 2011)

Fonte: World Bank / Outubro de 2020



Menor renda per capita tem grandes implicações no ritmo de crescimento do mercado interno, com conseqüente influência na dinâmica da economia. Por outro lado, ao analisarmos os impactos sociais e também ambientais, as perspectivas passam a ser piores ainda, pois estamos falando de redução relativa de bem-estar, de quantidade e qualidade de empregos e sim de preservação ambiental, pois há uma correlação direta entre crescimento da renda e preservação. Não são os países pobres que preservam mais, mas sim os ricos. O empobrecimento da renda média não é alvissareira para o meio ambiente em nenhum lugar, mas no Brasil encontram-se grandes reservas ambientais do planeta, logo, se queremos preservar e proteger o meio ambiente temos que incentivar o crescimento econômico e não o contrário.

2.1.2

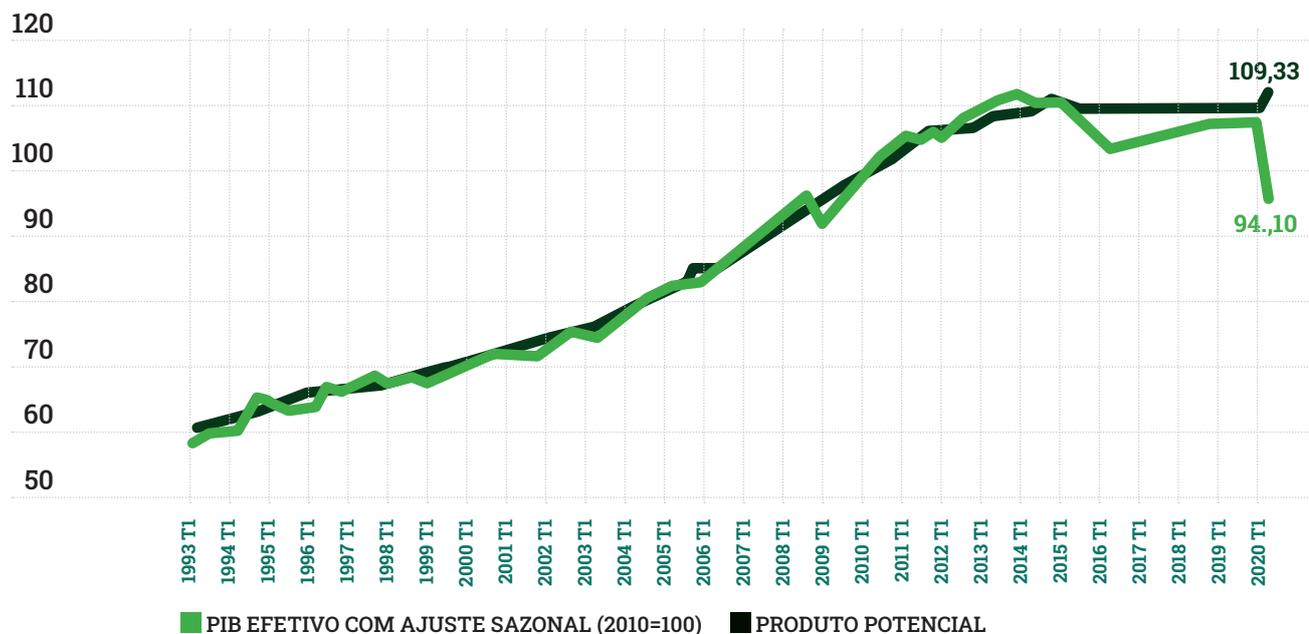
Economia Brasileira pela Ótica da Oferta

Mais uma vez, antes de avançar em nossas projeções insistiremos no argumento de que muito antes da pandemia a nossa economia já não vinha bem. Com a crise econômica vivida entre 2014-2016 houve uma ampliação do hiato do produto – diferença entre o PIB potencial e o real – que tendia ser fechado não fosse a pandemia, mas até então não havia. Com o surgimento desta passamos a ter o maior hiato já registrado, um *gap* de **13,9%**.

Esse hiato, grosso modo, nos informa que com os recursos disponíveis de capital e trabalho deveríamos estar produzindo muito mais, o que de certa forma retira velocidade da contratação de empregados e de novos investimentos, além de diversas outras interpretações que iremos explorá-las ao longo das próximas páginas.

Gráfico 57 Produto Real x Produto Potencial e Hiato do Produto no Brasil

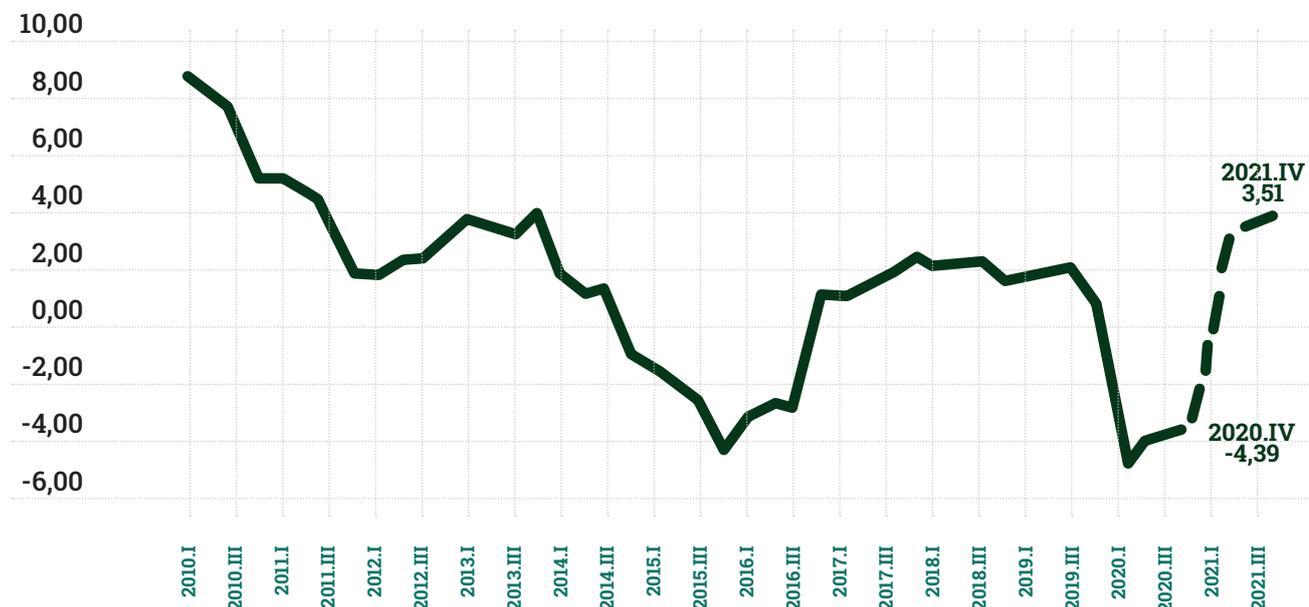
Fonte: Visão Geral da Conjuntura, Carta de Conjuntura nº 48, Dimac/Ipea



O PIB acumulado no terceiro trimestre de 2020 (último dado divulgado no período que escrevemos o relatório) trazia queda de -5,04%
Nossa projeção para o final de 2020 é de -4,39%.

Gráfico 58 PIB do Brasil, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: SCNT - IBGE / 2020.III. FARSUL (Projeções até 2021.IV)



Embora seja uma queda bastante acentuada, ainda assim é melhor do que as primeiras estimativas, o que demonstra o amortecimento da queda pelas políticas anticíclicas do Governo Federal, em particular o Auxílio Emergencial. Até o momento essa política já executou R\$ 254 Bilhões através de depósitos mensais inicialmente de R\$ 600 nas contas-correntes dos beneficiários. Não há dúvidas que esse apoio foi fundamental para amortecer a queda, mas, por outro lado, gerou grande expansão da base monetária, que combinada ao hiato do produto, temos os elementos básicos para abastecer a inflação.

Para 2021 nossa projeção é de crescimento de 3,51%.

2.1.2.1 Setor Agropecuário

A Agropecuária brasileira teve um desempenho oposto na comparação com os demais setores ao longo da pandemia. Sendo assim, além de apresentarmos os resultados vamos apontar as razões que nos parecem mais relevantes para explicar essa trajetória.

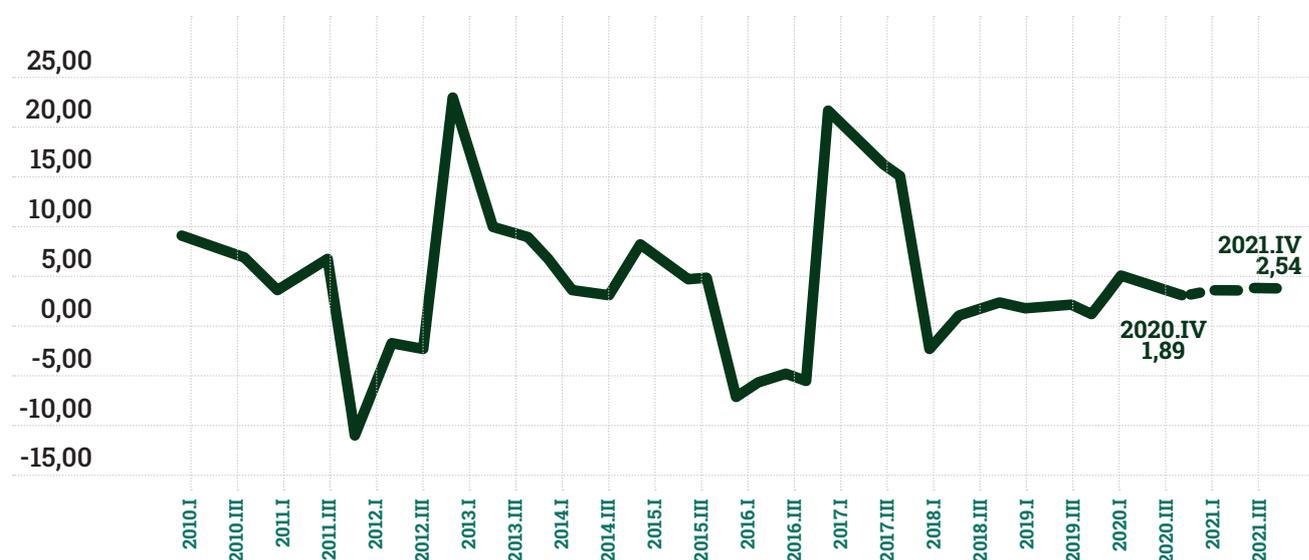
Apesar da forte estiagem que afetou principalmente o Rio Grande do Sul, cujas perdas já apresentamos na parte inicial desse relatório, o Brasil bateu novo recorde de safra em 2020. Uma produção maior, por si só, já enseja um aumento importante do Produto, entretanto, uma série de outros fatores contribuíram para que este setor se destacasse com crescimento.

Dentre os fatores temos o forte aumento do preço ocorrido nesse ano, como jamais visto. Estes aumentos, por sua vez, têm suas raízes em um processo estrutural, que é a redução da oferta. Os EUA, grande produtor e concorrente do Brasil, enfrentou enchentes no período de plantio da safra 2020, ocasionando menores produções e oferta ao longo do ano. Somado a isso, tivemos a pandemia que, dentre tantos efeitos, ocasionou um forte desequilíbrio cambial que permitiu o ajuste dos preços em Reais. Como medida anticíclica o Governo Federal lançou o Auxílio Emergencial cujos efeitos na demanda interna foram enormes.

Nossa projeção para o PIB Agropecuário para 2020 é de alta de 1,89% e para 2021 crescimento de 2,54%.

Gráfico 59 PIB Agropecuário do Brasil, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: SCNT - IBGE / 2020.III. FARSUL (Projeções até 2021.IV)



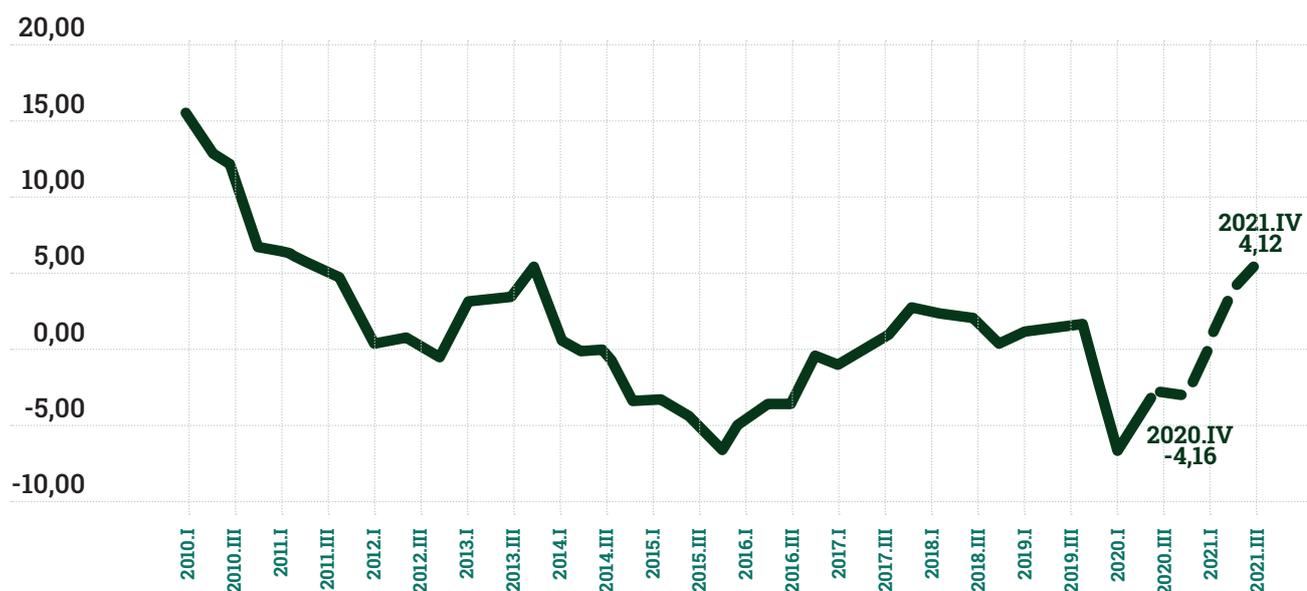
Estas principais razões, somados seus efeitos, contribuíram enormemente para que tivéssemos um desempenho econômico distinto dos demais setores que, infelizmente, atravessam um ano muito desafiador. Resta como lembrança de que esse desempenho do Agronegócio somente foi possível em razão da sua presença nos mercados internacionais e seu grau de abertura econômica.

2.1.2.2 Setor de Industrial

A indústria brasileira voltou a ter quedas de atividade aos níveis vistos em 2015 e 2016 em alguns segmentos, embora em termos de PIB a queda deva ser menor do que naquele período. **Nossa projeção para o PIB Industrial para 2020 é de queda de -4,16% e para 2021 alta de 4,12%.**

Gráfico 60 PIB Industrial do Brasil, taxa acumulada no ano (%)

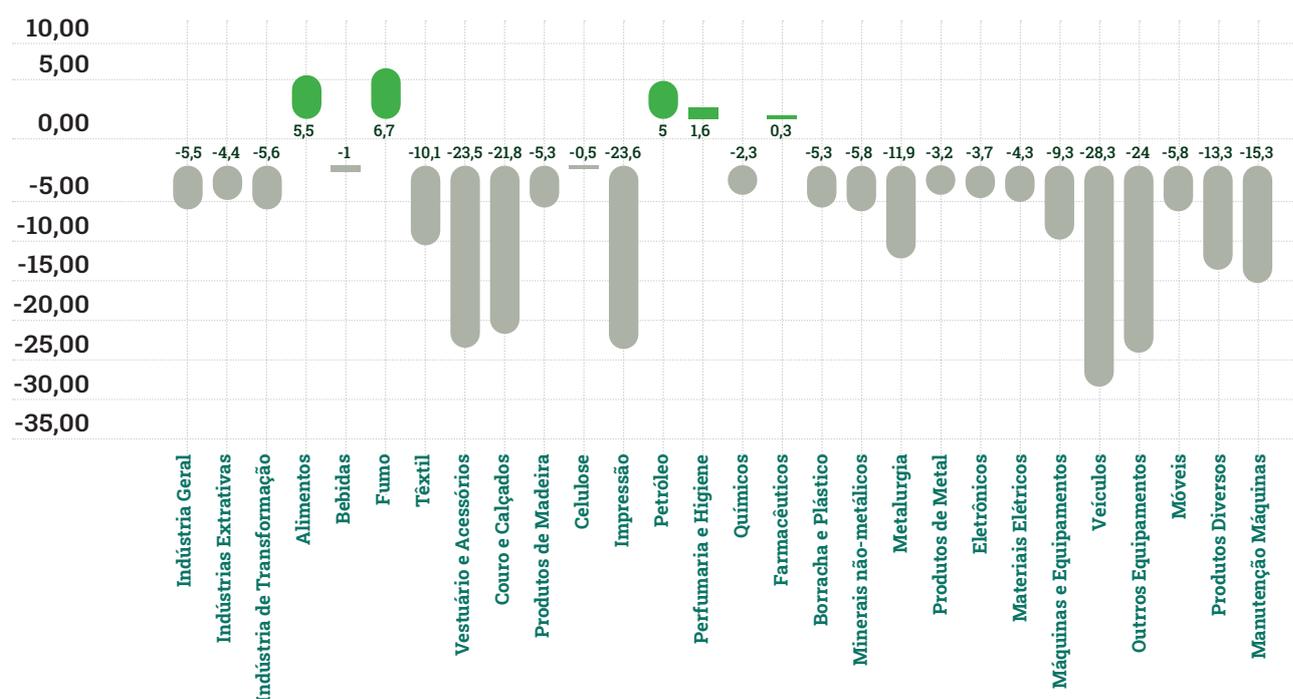
Fonte: SCNT - IBGE / 2020.III. FARSUL (Projeções até 2021.IV)



Fica bastante evidente que a heterogeneidade dos resultados dos segmentos ocorre não apenas pelo efeito de crise em si, mas pelos critérios de essencialidade definidos pelos protocolos de distanciamento social. É o caso de Vestuário, por exemplo, onde as lojas comerciais fechadas não geram compras das indústrias.

Gráfico 61 Produção Física Industrial por seções e atividades industriais, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

Fonte: PIM-PF/IBGE - set/20



Segmentos que obtiveram crescimento, como é o caso dos alimentos, possivelmente tiveram influência positiva do maior tempo em casa por parte da população e, certamente, o Auxílio Emergencial exerceu forte influência dada a elasticidade-renda da média do grupo dos alimentos. Para 2021 estamos projetando um ano regular para o setor e, portanto, de recuperação. Em que pese as diversas incertezas quanto a vacinação e ao ritmo da volta à normalidade, trabalhamos com cenário de normalidade para a indústria no próximo ano, uma vez que entendemos que este seja o cenário mais parcimonioso.

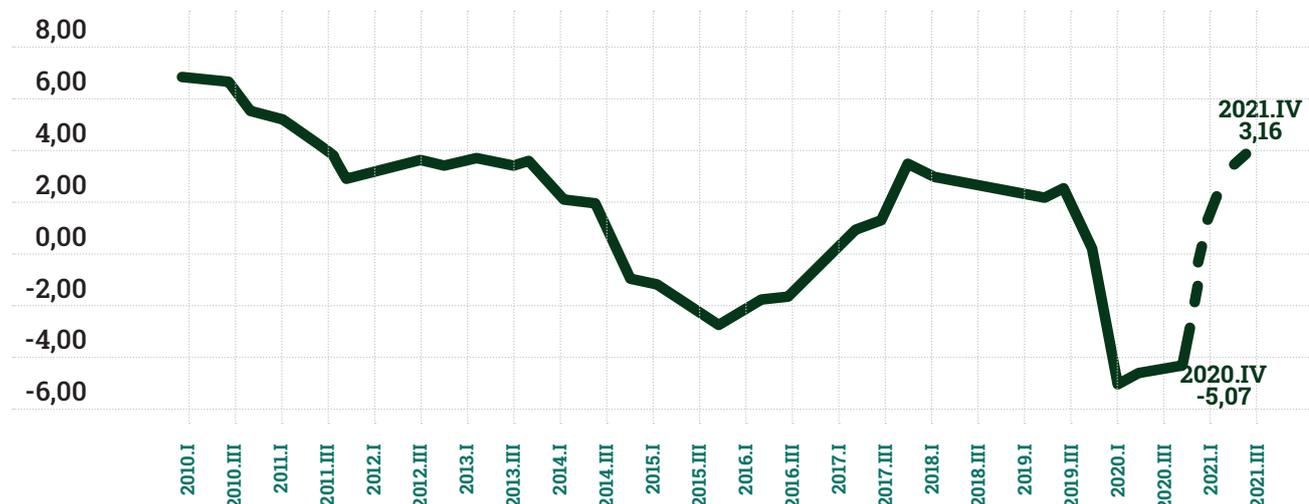
2.1.2.3 Setor de Serviços

Este setor além de ser o maior da economia, ainda foi o mais impactado, o que em boa medida determina os resultados negativos para o PIB total. Com boa parte dos serviços impedidos de funcionar, em particular aqueles voltados às famílias, as quedas entre os segmentos foram de fato muito fortes. No comércio, assim como na indústria, houve diferenças importantes de acordo com a essencialidade do segmento perante regras de distanciamento.

Nossa projeção para o PIB dos Serviços para 2020 é de queda de -5,07% e para 2021 alta de 3,16%.

Gráfico 62 PIB dos Serviços do Brasil, taxa acumulado no ano (%)

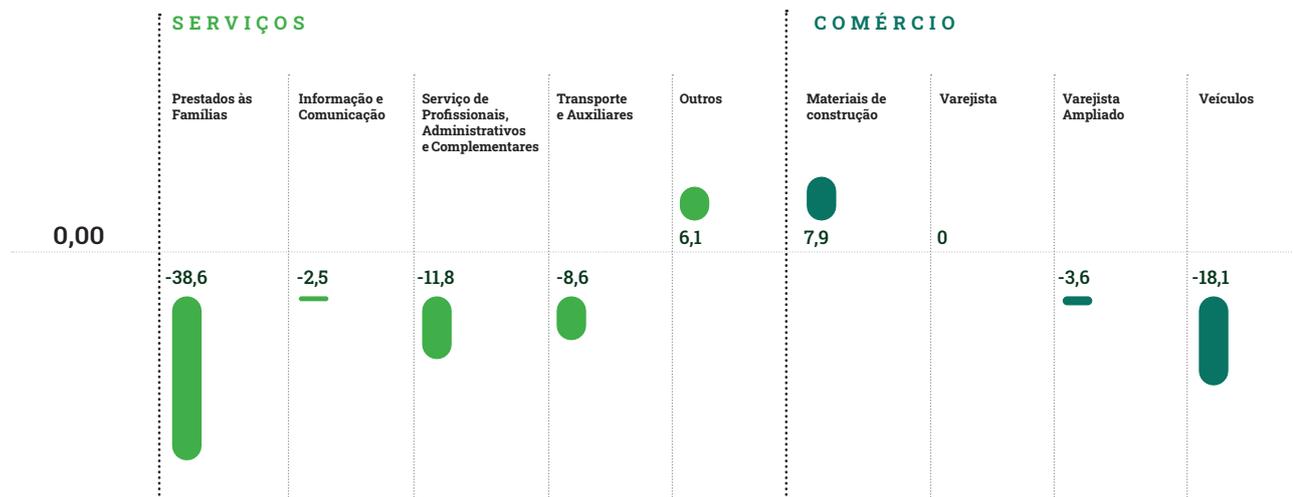
Fonte: SCNT - IBGE / 2020.III. FARSUL (Projeções até 2021.IV)



Observamos também nesse setor uma importante diferença de efeito do Auxílio Emergencial, sejam pelas elasticidades, sejam pelos hábitos. Por mais que o orçamento do auxílio seja robusto, dada sua dispersão na população e o perfil dos tomadores, os efeitos no segmento de veículos, por exemplo, são baixos ou próximos de nulo. Esperar-se-iam resultados melhores nos serviços prestados às famílias, no entanto, as medidas de distanciamento criaram receio entre as famílias no que diz respeito à circulação de pessoas estranhas ao núcleo familiar. Já o maior tempo em casa e as necessidades de adaptações para o trabalho remoto podem ter contribuído para o crescimento do volume de vendas de materiais de construção. Com isso queremos dizer que os impactos da pandemia são múltiplos e ocorrem por circunstâncias diferentes.

Gráfico 63 Volume de Serviços e de Vendas do Comércio do Brasil, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: PMC e PMS - set/20



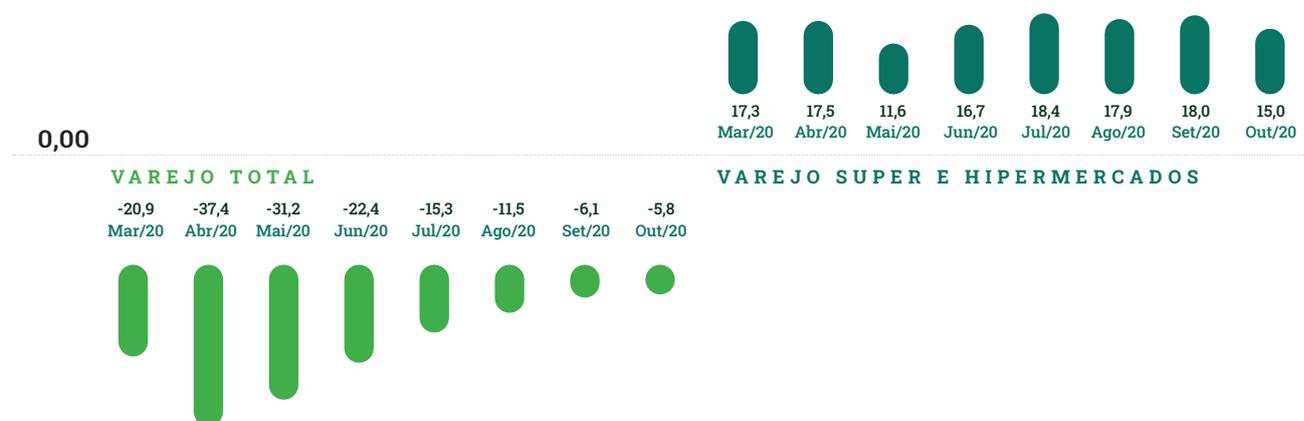
Com o objetivo de robustecer nossa análise do impacto do auxílio governamental trazemos no gráfico seguinte uma comparação entre os faturamentos nominais do varejo total e o recorte apenas dos supermercados e hipermercados no Brasil, monitorado pela Cielo.

Gráfico 64 Comparação entre os Faturamentos Nominais do Varejo Total e o recorte de Supermercados e Hipermercados no Brasil, desde o início da pandemia.

Fonte: Fonte: Cielo | ICVA - Índice Cielo do Varejo Ampliado

1) Período de 01/mar/20 a 24/out/20.

2) Comparação com dias equivalentes de fev/20, com ajuste de calendário (ex: Carnaval, Páscoa, feriados, semana do Dia das Mães).



As evidências empíricas são muito fortes, dado que o desempenho do varejo representado pelos supermercados teve não apenas trajetória oposta como também forte expansão em relação aos iguais períodos de 2019.

2.1.3

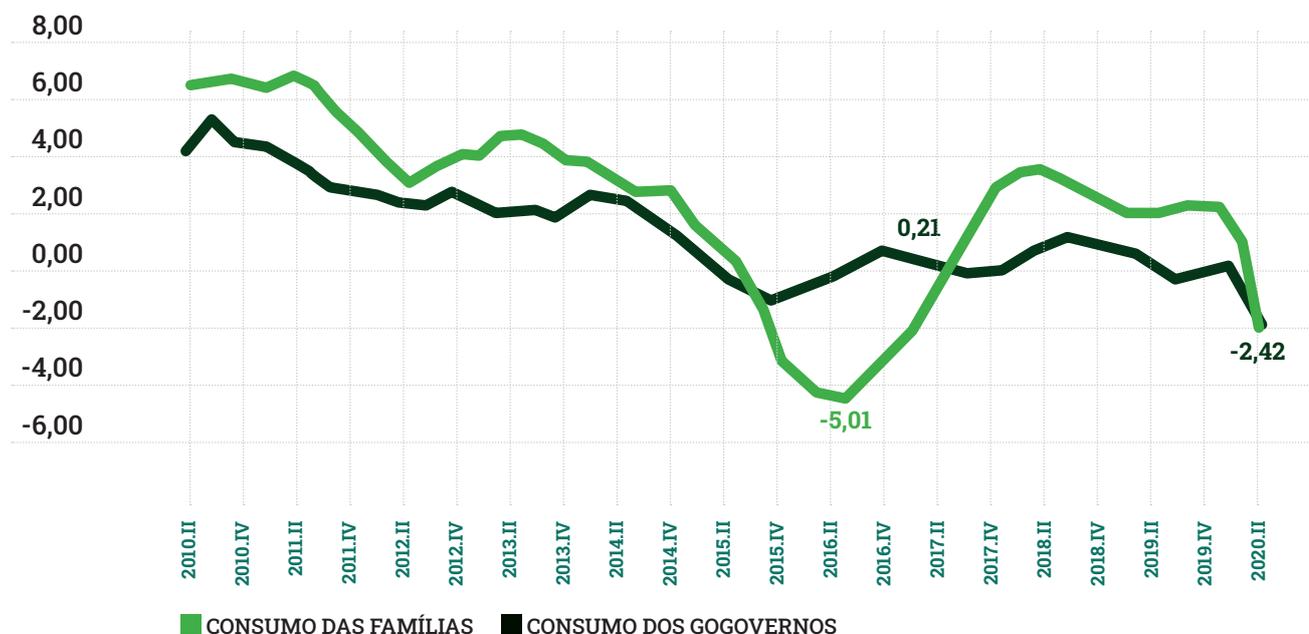
Economia Brasileira pela Ótica do Dispêndio

2.1.3.1 Desempenho do Consumo das Famílias e do Governo

O consumo representa mais de 2/3 do PIB, sendo que este se divide em consumo das famílias, que é o mais importante, e do governo. Com a forte redução da atividade econômica e queda no varejo, como demonstrado anteriormente, elevação dos níveis de desemprego e empresas fechando, era esperado que houvesse essa queda.

Gráfico 65 Consumo das Famílias e do Governo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

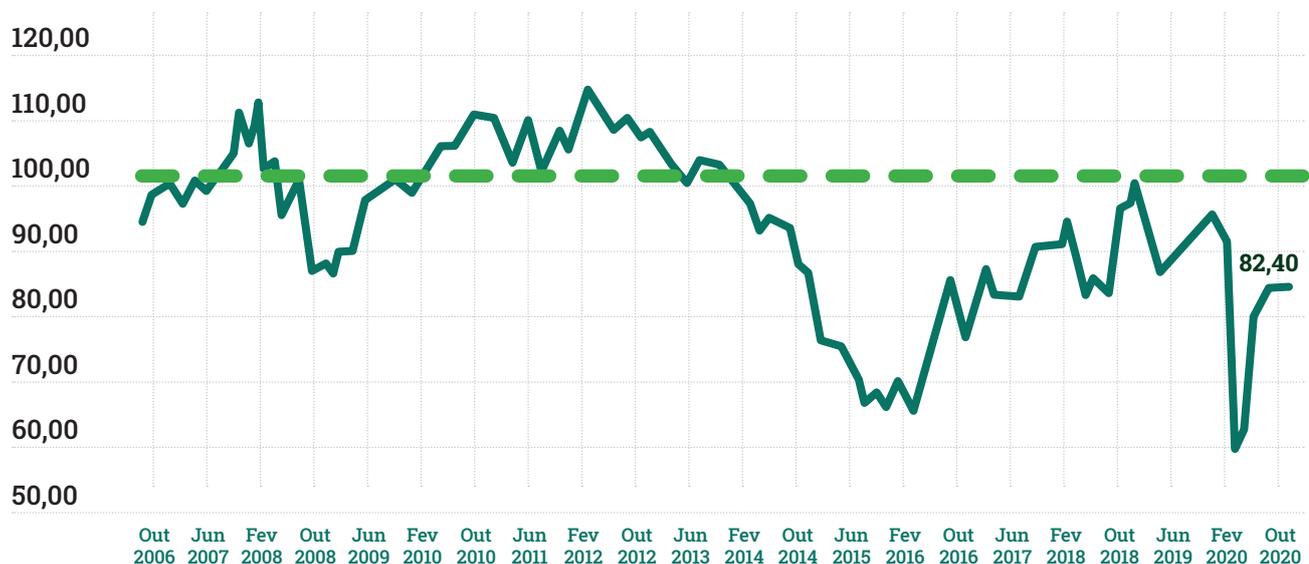
Fonte: SCNT - IBGE / 2020.II



Um ambiente econômico com graves deteriorações impõe uma grande restrição na confiança dos consumidores, que por sua vez antecede os movimentos de queda no consumo.

Gráfico 66 Índice de Confiança do Consumidor no Brasil (ICC)

Fonte: FGV/IBRE – Out/20



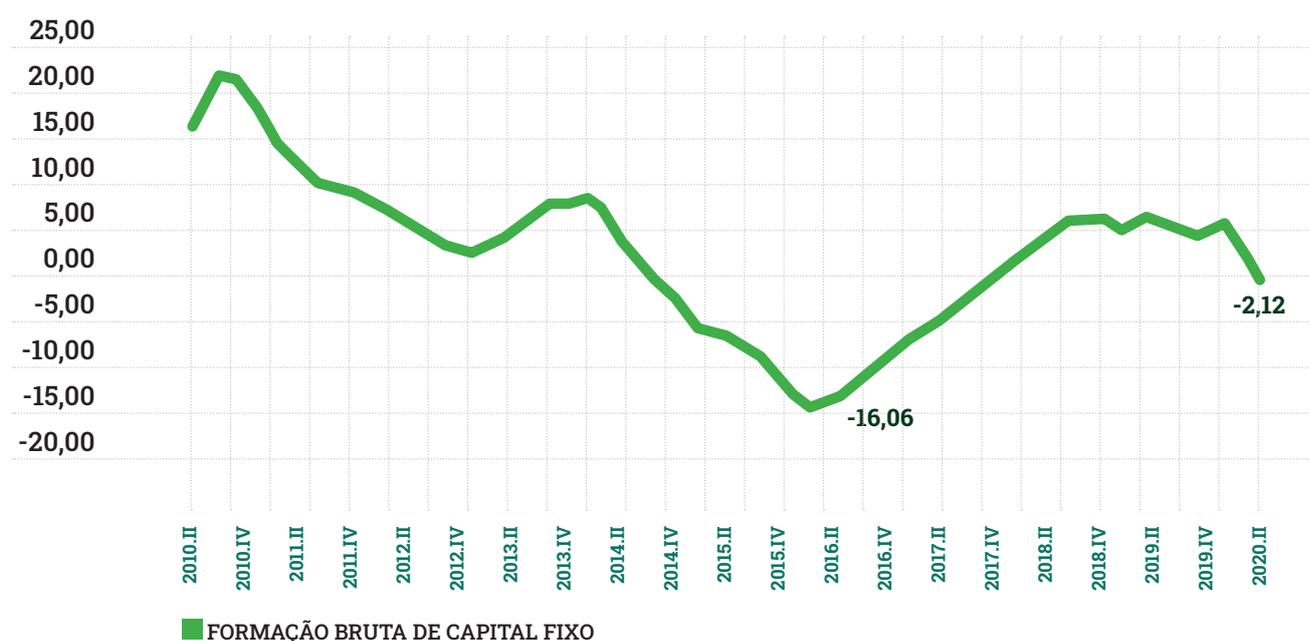
Como vemos no gráfico anterior, houve em abril uma queda de confiança para níveis abaixo daqueles registrados na crise de 2014-16. Não apenas a magnitude da queda chamou a atenção – dada a enorme incerteza – mas também a velocidade com a qual a confiança foi perdida. A boa notícia é que, apesar da remanescente baixa na confiança, tivemos uma rápida recuperação, o que possivelmente antecede um movimento de recuperação do consumo nos próximos trimestres.

2.1.3.2 Desempenho dos Investimentos (via Formação Bruta de Capital Fixo)

Os níveis de investimentos no Brasil também sofreram uma grande queda, com honrosa exceção ao agronegócio onde estes “explodiram”. Além da rápida deterioração do cenário econômico, as incertezas quanto à duração da pandemia e o “fundo do poço” da economia, por óbvio afugentaram os investimentos.

Gráfico 67 Formação Bruta de Capital Fixo no Brasil, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

Fonte: SCNT - IBGE / 2020.II



De maneira análoga ao consumo, os investimentos também são antecidos por confiança, no caso a confiança do empresário, a qual utilizamos como *proxy* o empresário industrial. Esse, por sua vez, também apresentou uma forte e rápida deterioração, antecedendo a queda dos investimentos que, no segundo trimestre de 2020, acumularam queda de -2,12%. Por outro lado, houve uma rápida e surpreendente recuperação da confiança no início do quarto trimestre, onde não só os níveis anteriores foram retomados, como também a confiança dos empresários, que é constatado quando os níveis estão acima de 50.

Gráfico 68 Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI)

Fonte: CNI – Out/20



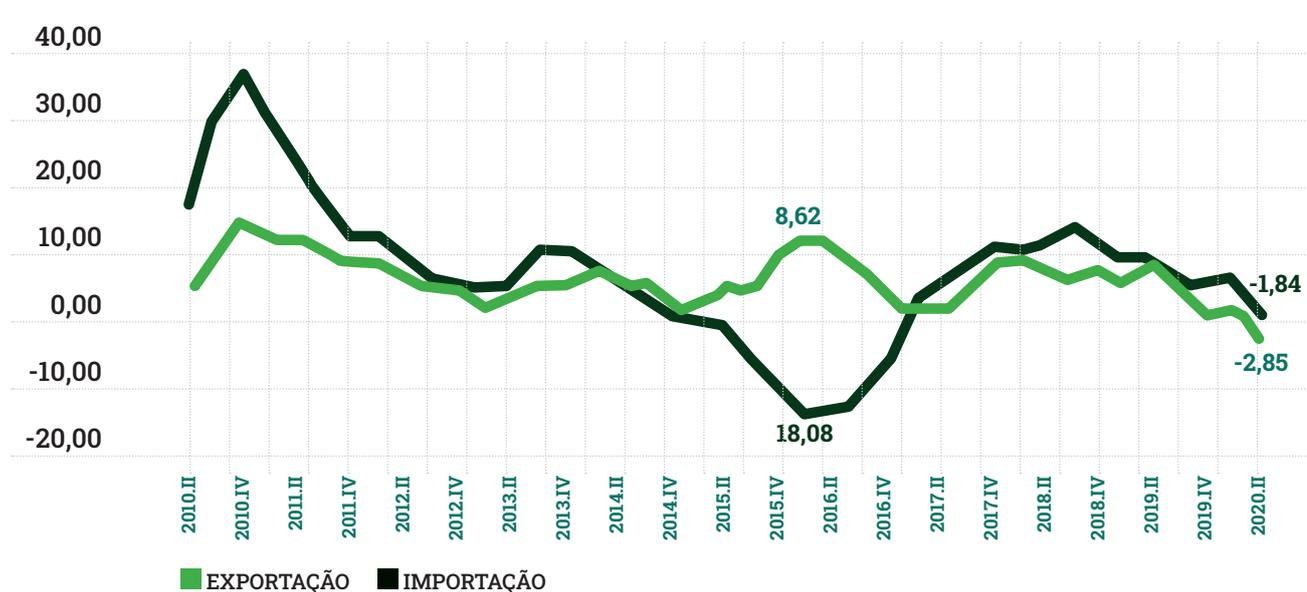
Dado que a confiança é um indicador antecedente aos investimentos, esperamos uma forte retomada deste indicador, o que junto com a confiança do consumidor, embasam em parte nosso cenário de crescimento para 2021.

2.1.3.3 Desempenho do Comércio Exterior (via Exportações e Importações)

Não há dúvidas que um dos maiores choques que uma economia pode sofrer é o cambial. Muito embora seus efeitos nem sempre sejam claros, pois para a maioria da população são sentidos de forma secundária, por exemplo: o atual choque cambial trouxe enorme variação na inflação, sobretudo a medida pelo IGP-M. As pessoas notam a alta dos preços, mas não vinculam diretamente as altas ao que ocorre com o câmbio.

Gráfico 69 Exportações e Importações Brasileiras, taxa acumulada em 4 trimestres (%)

Fonte: SCNT - IBGE / 2020.II

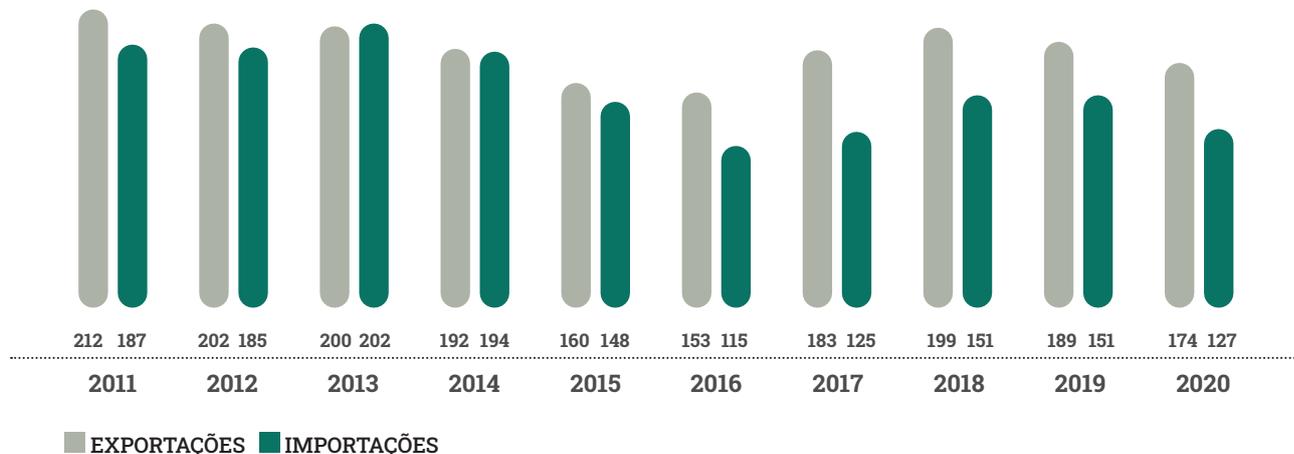


A Balança Comercial é a “válvula” por onde os efeitos cambiais se dissipam na economia. Como visto no gráfico anterior, que compreende até o segundo trimestre das Contas Nacionais, tanto importação quanto exportação apresentavam menor desempenho, ou seja, o país fez menos comércio.

No gráfico seguinte vemos a dinâmica da balança comercial com os dados fechados entre janeiro e outubro dos últimos anos. Ainda que em 2019 já houvesse redução da corrente de comércio, justamente pela volatilidade do câmbio, o problema em 2020 se acentuou em decorrência da piora da volatilidade. Mesmo com a taxa de câmbio mais elevada, ainda assim houve redução das exportações, o que comprova que taxa de câmbio sozinha não eleva as exportações, como muitos acreditam. Mas por óbvio que contribui para redução das importações, à medida que os preços em Reais dos produtos importados ficam mais caros, o que diminui o volume importado e gera inflação no mercado interno. A queda na corrente de comércio foi de 11%.

Gráfico 70 Comparação entre Exportações e Importações brasileiras, acumuladas entre os meses de janeiro e outubro. Em US\$ Bilhões FOB.

Fonte: Comex Stat



2.1.4

Expectativa para Inflação, Juros e Câmbio

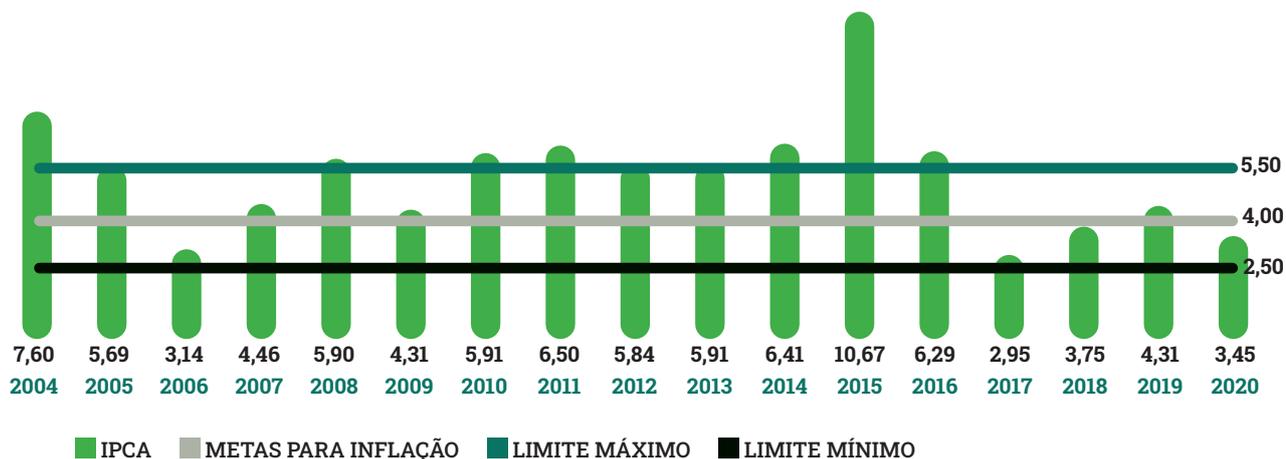
Como já mencionado no item anterior, a taxa de câmbio exerce grande influência nos preços, logo, o fato do câmbio ter mudado de patamar da casa dos R\$ 4,15 para R\$ 5,50 na pandemia, exerceu grande impacto nos preços. Mas certamente não foi somente isso: tivemos também uma forte expansão da base monetária, resultado da taxa de juros estar nos menores patamares já registrados e do aumento do gasto público, sobretudo com o Auxílio Emergencial.

2.1.4.1 Inflação

A inflação medida pelo IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – deverá fechar 2020 em 3,38% a.a. e 2021 em 3,33% a.a. de acordo com nossas projeções, portanto, dentro da meta estipulada pelo Bacen, cujo centro da meta em 2021 cai para 3,75% ao ano.

Gráfico 71 IPCA e Expectativa para 2020, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: IBGE - IPCA ; BCB/Boletim Focus (23/11/2020) - Projeções 2020 e 2021

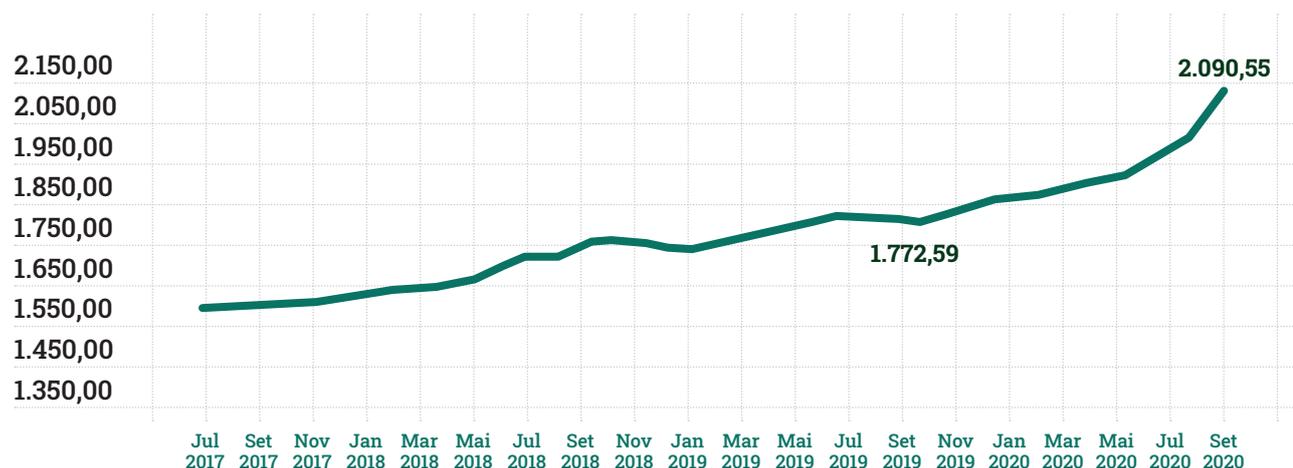


Como o próprio nome do índice sugere, o IPCA tem na sua amostra a representação de uma cesta de consumo bastante heterogênea e captura a variação dos preços dos produtos consumidos pelo brasileiro médio. Embora o IPCA seja um excelente indicador para orientar as ações do Banco Central, que vê os preços “de cima da colina”, ele não se propõe a capturar efeitos mais agudos que atingem determinados grupos.

Antes de apresentarmos os dados dos nossos índices de inflação, o Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) e o Índice de Preços dos Custos de Produção (IICP), mostraremos o IGP-M medido pela FGV, que por sua sensibilidade a insumos e câmbio traz um comportamento menos estável do que o IPCA.

Gráfico 72 IGP-M (Número Índice)

Fonte: FGV

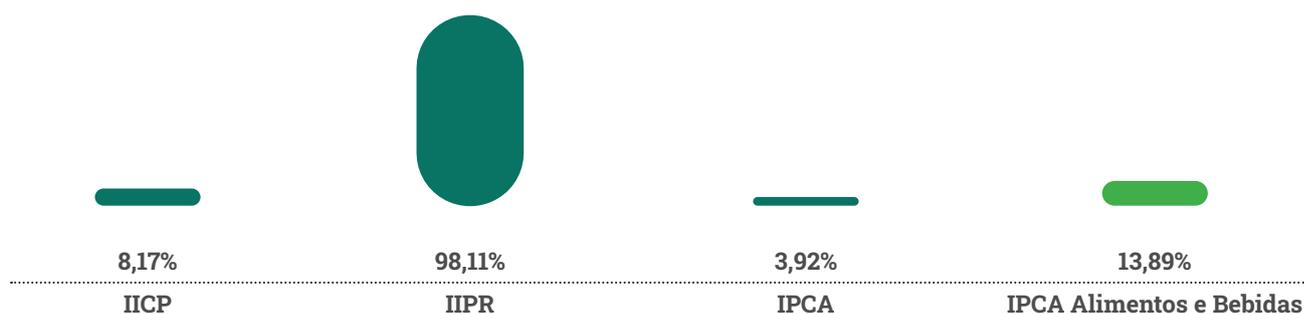


O IGP-M acumula em 12 meses um aumento de **17,94%**, demonstrando um comportamento bem distinto do IPCA. O Índice de Preços ao Produtor da Indústria (IPP) medido pelo IBGE apresenta alta acumulada de **15,89%**.

Dito isto, vemos que o processo inflacionário em diversos segmentos é bastante alto, não sendo esta uma característica exclusiva do agronegócio. Entretanto, o Índice de Preços Recebidos pelos produtores rurais (IIPR) medido pela Farsul apresenta o maior acumulado desde que a série começou a ser medida há 10 anos, atingindo incríveis 98,11% em 12 meses. O Custo de Produção, monitorado pelo IICP acumula alta de 8,17%.

Gráfico 73 Comparação entre o Índice de Inflação dos Custos de Produção (IICP), Índice de Inflação dos Preços Recebidos (IIPR) com IPCA e IPCA Alimentos, taxa acumulada em 12 meses (%)

Fonte: Assessoria Econômica/Sistema Farsul – IPCA/IBGE



Esta alta acumulada nos preços recebidos nos permite imaginar que as margens dentro das cadeias produtivas *ex-post* a agropecuária estão bastante apartadas, sobretudo pelo fato do IPCA Alimentos e Bebidas registrar alta de 13,89%. Isso posto, vemos mais uma vez, que é muito baixa a correlação entre preços recebidos pelos produtores e os pagos pelos consumidores.

Risco de Dominância Fiscal:

Decidimos tratar deste tema no nosso relatório por duas razões: a primeira é que se trata de algo grave e que sim, temos um risco crescente de ocorrência e porque muitas pessoas conectam a alta dos preços dos alimentos à altas nos preços recebidos pelos produtores ou volumes de safras. É inegável que há, ainda que bem baixa e por curtos períodos, correlação entre os preços agropecuários e preços dos alimentos, mas o que realmente eleva ou controla os preços são fatores monetários e/ou fiscais, pois a inflação é o aumento generalizado dos preços e não o aumento deste ou daquele produto.

A Dominância Fiscal é um problema grave e que foi responsável por, se não a totalidade, a imensa maioria dos processos de hiperinflação descritos na literatura. Ela ocorre quando o governo não consegue mais custear seus gastos com suas receitas e a dívida começa a ter um caráter explosivo, de modo que os agentes econômicos param de financiar a rolagem da dívida por medo de calote e então a autoridade fiscal se vê obrigada a fazer “senhoriagem”, ou seja, emitir papel moeda. Quando isso acontece a dinâmica inflacionária deixa de ser dada

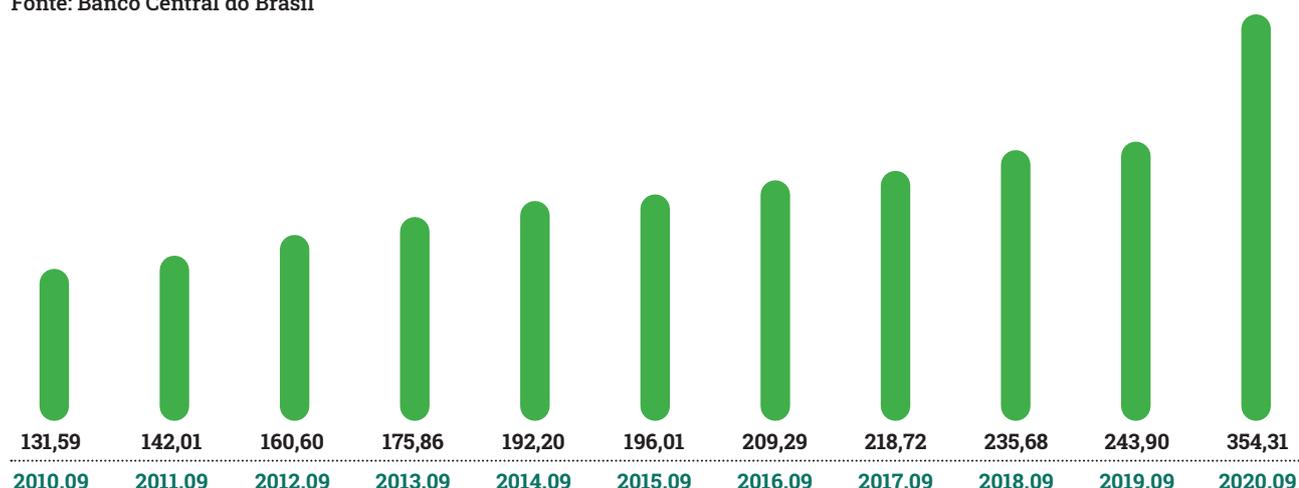
pelos instrumentos monetários e passa a ser dominada pelo lado fiscal, daí o termo “Domi-
nância Fiscal”.

O Brasil já começa a dar sinais de aparecimento desta “doença” na economia. O primeiro de-
les foi o repasse do “lucro” das operações de swap cambial realizadas pelo Bacen e que foram
repassadas para o Tesouro, o que de certa forma é um meio de emitir moeda não-papel. Em
seguida surgiram as dificuldades de rolagem da dívida, um aumento constante e preocupante
de emissão de papel-moeda e, por fim, declarações do Ministro da Economia sobre risco de
inflação no caso de as privatizações não deslançarem.

No gráfico a seguir temos o volume de papel-moeda emitido pelo Banco Central atingindo em
setembro de 2020 o montante de R\$ 354,31 Bilhões, um crescimento de 45,27% em relação ao
igual período do ano passado.

Gráfico 74 M0 - base monetária - papel-moeda emitido - fim período - R\$ (bilhões) – Em setembro.

Fonte: Banco Central do Brasil



As taxas de crescimento anuais habituais eram semelhantes às taxas de inflação, sendo que
a média anual de crescimento entre setembro de 2010 e setembro de 2019 tinha sido de 7%
a.a., o que demonstra que as emissões em 2020 de fato foram completamente diferentes do
padrão usual.

2.1.4.2 Taxa de Juros

A Taxa Selic em 2020 atingiu o mais baixo nível histórico, fruto da combinação de diversos fa-
tores, como por exemplo, o movimentos dos principais bancos centrais no sentido de redução
dos juros, abrindo espaço para baixas maiores em todas as regiões, bem como o arrefecimento
da inflação no país e a aprovação de reformas como teto dos gastos e previdência, que criou um
controle salutar sobre os gastos públicos.

No entanto, a aceleração da inflação, como mostrado no item anterior, o excesso de liquidez ve-
rificado na economia brasileira e o aumento dos gastos públicos com o desenfreado aumento
da Dívida/PIB, devem forçar o Banco Central a aumentar a Taxa Selic ao longo do próximo ano,
seja por razões monetárias, seja pela necessidade de rolar a dívida.

Gráfico 75 M1 - Depósitos a vista + dinheiro em poder do público - final do período no Brasil. Em R\$ Bilhões.

Fonte: Bacen

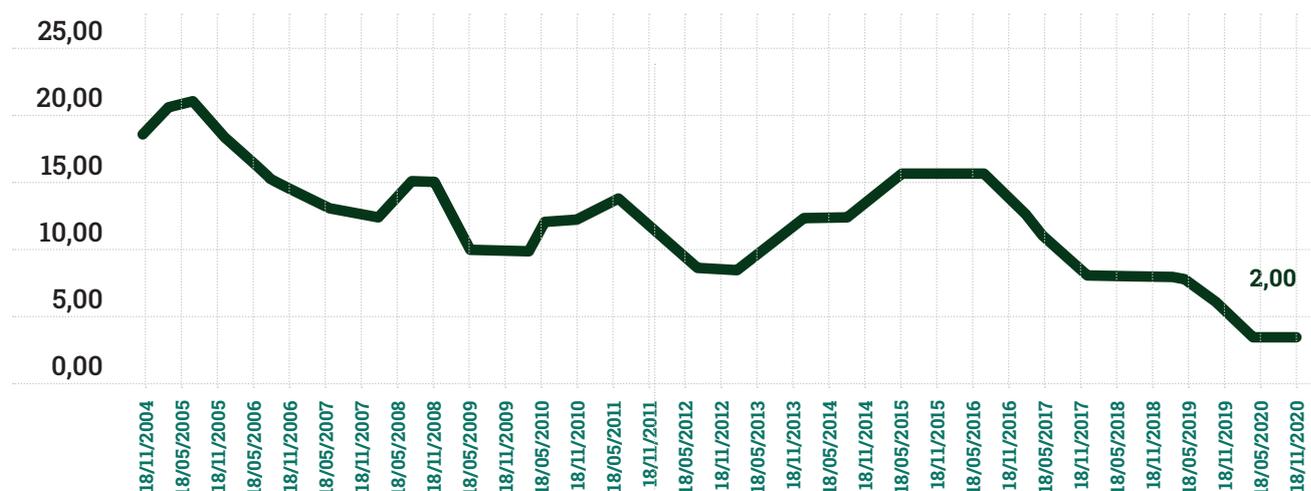


No gráfico anterior vemos o “superaquecimento do motor” monetário da economia brasileira, com uma forte expansão em 2020 quando comparamos o último dado divulgado – setembro de 2020 – contra igual período do ano passado, quando o crescimento foi de 45,6% e atingiu R\$ 565 bilhões de papel-moeda em poder do público e depósitos à vista. Este superaquecimento é ocasionado, sobretudo, pela emissão de moeda que é um dos eixos do aumento da inflação e, portanto, combustível para aumentos futuros. Diga-se de passagem, os juros futuros para 2023 já estão em 6% a.a.

Nossa projeção para o final de 2020 é 2% a.a. para Selic e 3% para o final de 2021.

Gráfico 76 Meta para Taxa Selic (%)

Fonte: Banco Central do Brasil



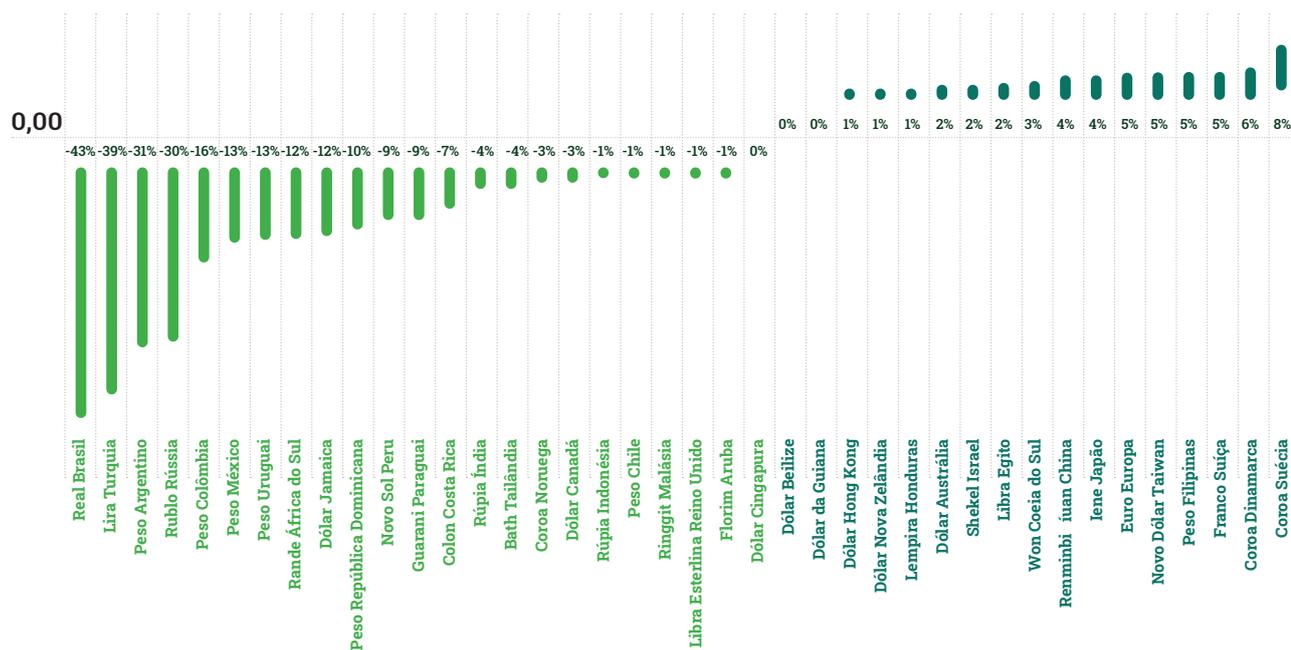
2.1.4.3 Taxa de Câmbio

O Real, assim como todas as moedas, sofreu um forte choque cambial em decorrência dos impactos da pandemia na atividade econômica. É bem verdade, por outro lado, que o Real foi a moeda que mais se depreciou nesse período (-43%), pois, além das questões globais, ainda

temos problemas internos para sanar, como os fiscais, inflacionários e a ausência de reformas estruturantes.

Gráfico 77 Variação (%) das Moedas relacionadas contra o Dólar Americano ao longo de 2020 (Jan-Nov).

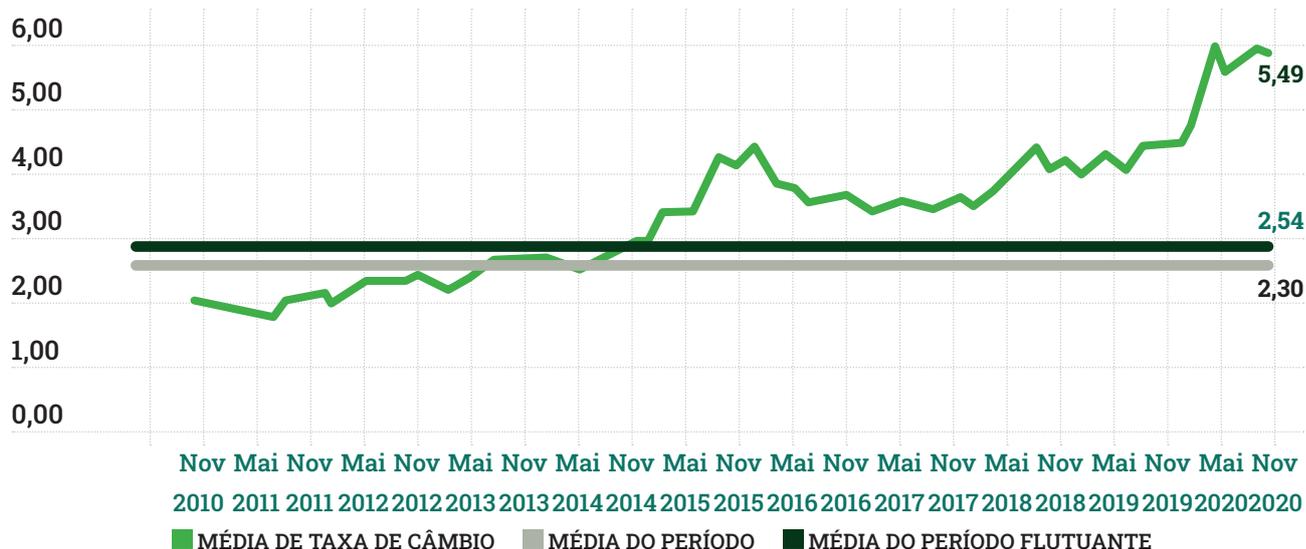
Fonte: Bancos Centrais através do AE Broadcast



Sempre é muito difícil prever a taxa de câmbio devido o universo de fatores que podem influenciá-la ao longo de um ano, mas acreditamos que é baixa a possibilidade de câmbio muito abaixo de R\$ 5,00 ao longo de 2021 ou, pelo menos, até os produtores colherem a safra 2021, o que, neste cenário, garantiria uma boa arrancada de comercialização para os produtores. Há, por outro lado, sinalizações que vem do lado fiscal, como a manutenção do Auxílio Emergencial por questões políticas, a dificuldade de rolagem da dívida e o consequente agravamento do lado fiscal que pode elevar a taxa para próximo de R\$ 6,00, mas este é, no momento, o cenário menos provável, mas no radar.

Gráfico 78 Comparativo da média da taxa de câmbio com as médias dos períodos do plano real e de câmbio flutuante

Fonte: Banco Central - Nov/20

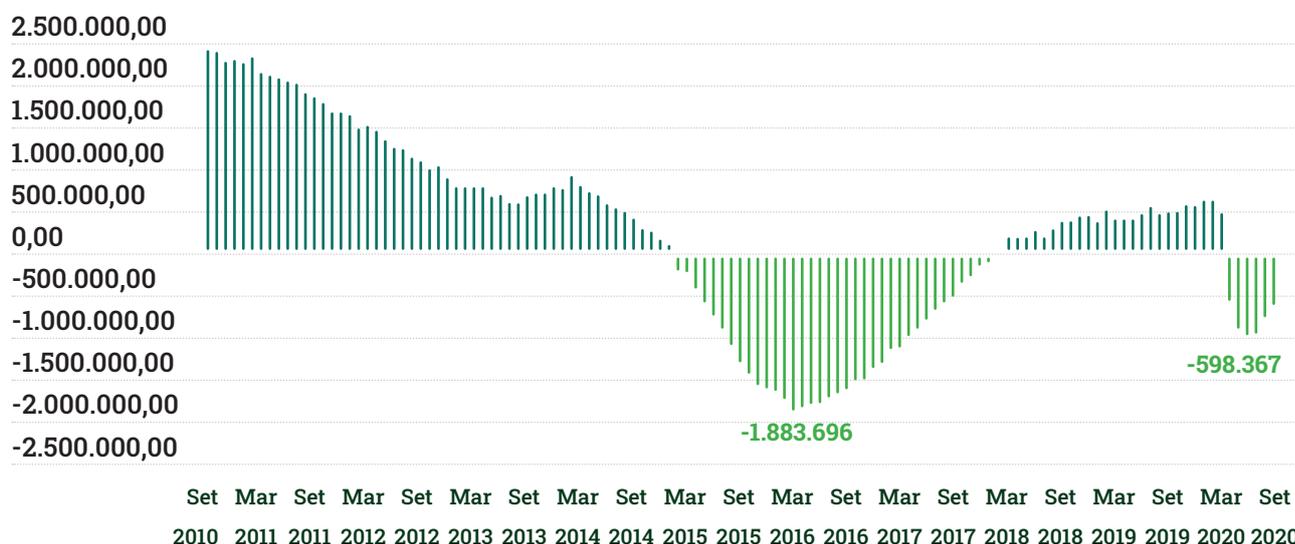


2.1.4.4 Movimentação dos Empregos

Dentre os vários indicadores que sequer tinham se recuperado da crise brasileira de 2014-16, os empregos se destacam não apenas pelo aspecto econômico, mas também pelo social. No gráfico a seguir vemos que desde março de 2018 o Brasil vinha apresentando criação de postos de trabalho, trajetória que perdurou até março de 2020. Mesmo transcorridos dois anos de recuperação, ainda assim não tínhamos construído postos de trabalho em igual número dos que foram destruídos ao longo da crise.

Gráfico 79 Movimentações do Emprego no Brasil, em saldo acumulado em 12 meses.

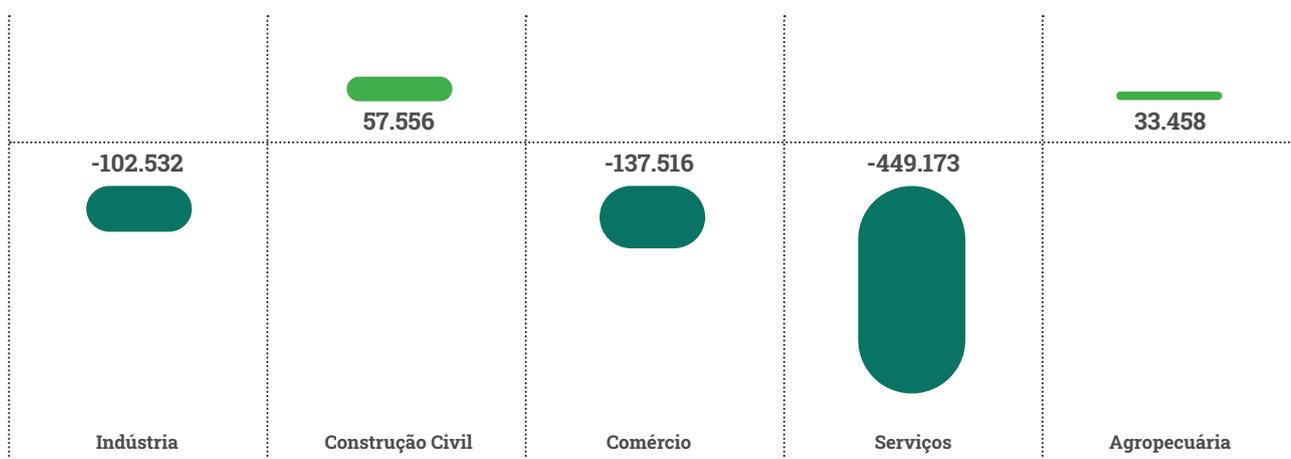
Fonte: MTE/CAGED - Set/20



Infelizmente, desde abril de 2020, em razão dos impactos econômicos da pandemia e das medidas de distanciamento social, o Brasil voltou a destruir postos de trabalho, o que deve ainda ocorrer até o primeiro trimestre de 2021 se não registrarmos uma segunda onda da pandemia que nos leve a novas restrições ao funcionamento da economia.

Gráfico 80 Movimentações do Emprego no Brasil por setor, em saldo acumulado nos últimos 12 meses

Fonte: MTE/Caged - Set/20



Dentre os segmentos mais afetados sem dúvidas o setor de serviços foi o que mais destruiu empregos, sobretudo pela sua natureza de funcionamento. Como destaque positivo tivemos a construção civil e agropecuária, dois setores que não pararam em razão das medidas de distanciamento.

2.2

Economia do Rio Grande do Sul

2.2.1

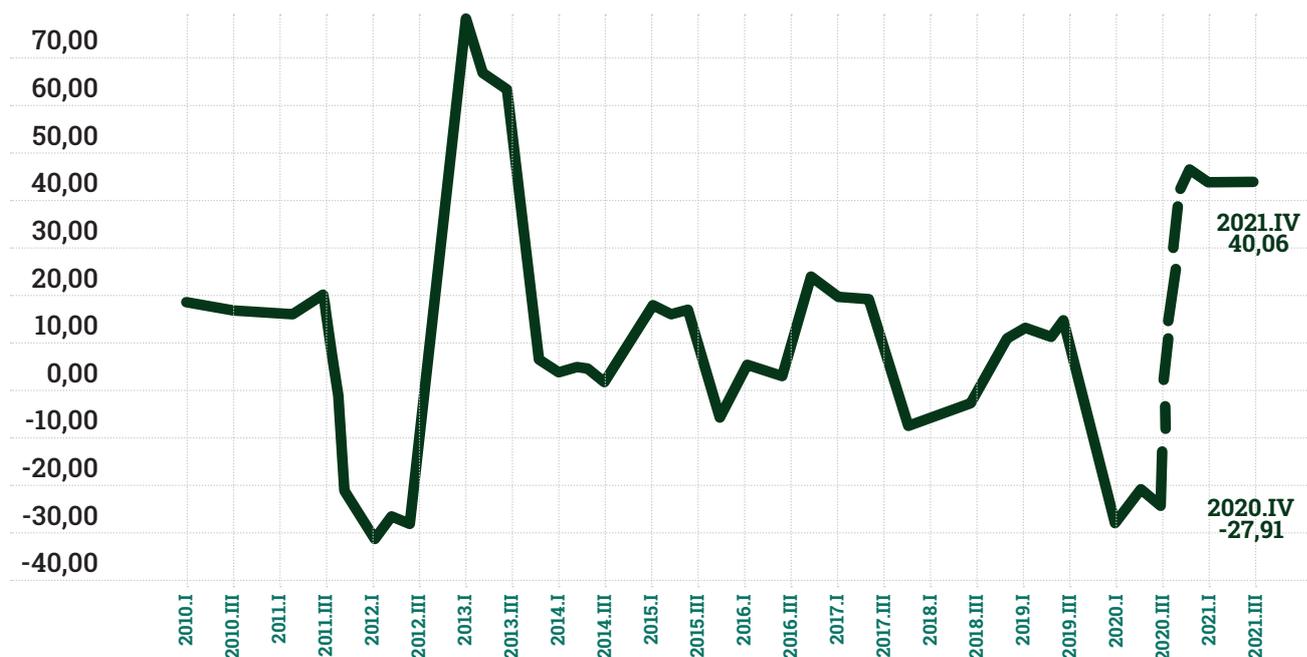
Desempenho da Agropecuária

Pelas razões detalhadamente abordadas nas partes iniciais deste relatório, reportamos uma perspectiva de desempenho do PIB da Agropecuária com de forte queda. Diferentemente dos demais setores da economia gaúcha, que além da estiagem também foram fortemente afetados pela pandemia, as perdas neste setor são majoritariamente decorrentes da seca.

Para 2020 nossa projeção é de queda -27,91% e para 2021 alta de 40,06%.

Gráfico 81 VAB Agropecuário do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: DEE - 2020.II. FARSUL – Projeções 2020 e 2021



2.2.2

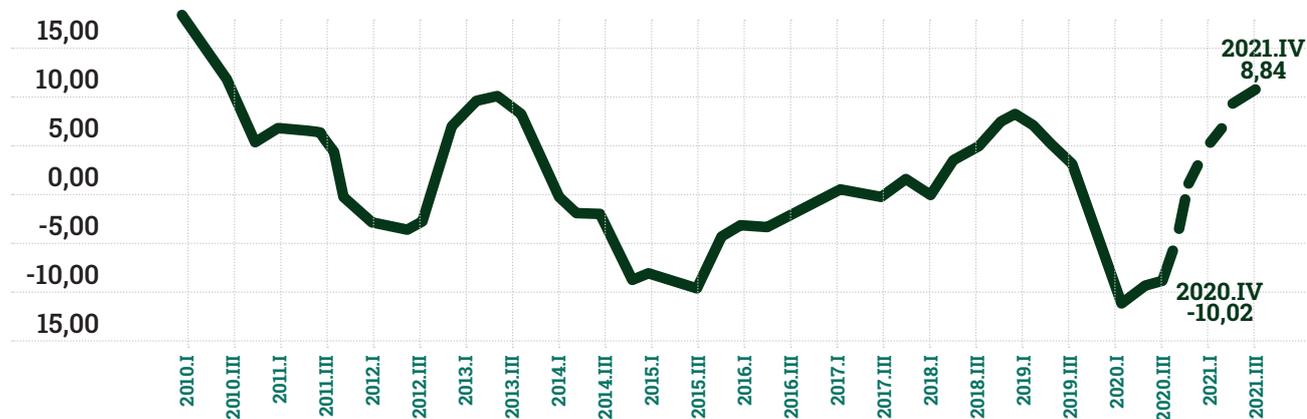
Desempenho do Setor Industrial

A indústria gaúcha tem forte retração no ano de 2020 por conta do duplo impacto da pandemia e da grande estiagem que também atinge em cheio o setor industrial. Esse quadro fica bastante claro na comparação entre os desempenhos da indústria brasileira total contra o recorte da indústria gaúcha, o que demonstraremos mais à frente.

Para 2020 nossa projeção é de queda -10,02% e para 2021 alta de 8,84%.

Gráfico 82 VAB da Indústria do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

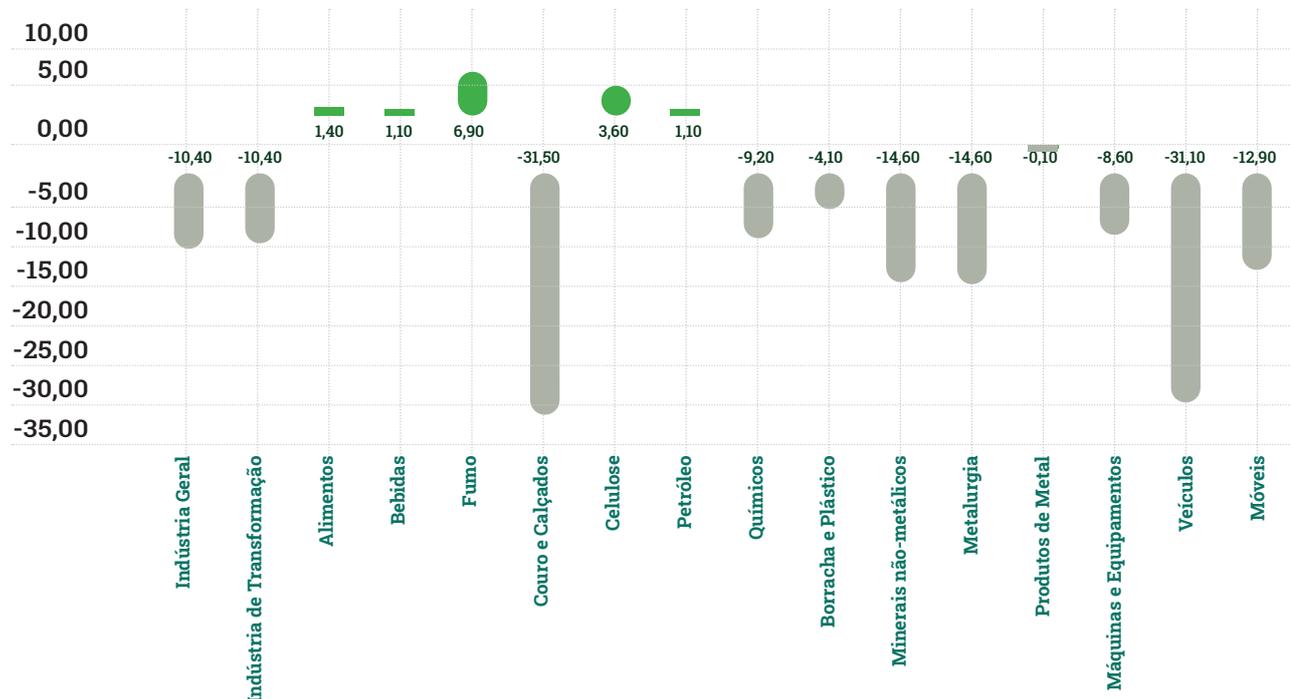
Fonte: DEE - 2020.II. FARSUL – Projeções 2020 e 2021



Quando observamos os desempenhos dos principais segmentos industriais, vemos que dos quatro que apresentaram resultados positivos três são relacionados ao agronegócio, com exceção do Petróleo cujo resultado deve-se mais pela base de comparação do que crescimento em si. O segmento de alimentos apresentou crescimento em razão dos efeitos do Auxílio Emergencial, o qual tratamos longamente na discussão sobre o desempenho da economia brasileira, já celulose e fumo estão atrelados, principalmente, pelos efeitos cambiais nos preços que, por sua vez, estimulam a produção.

Gráfico 83 Produção Física Industrial do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

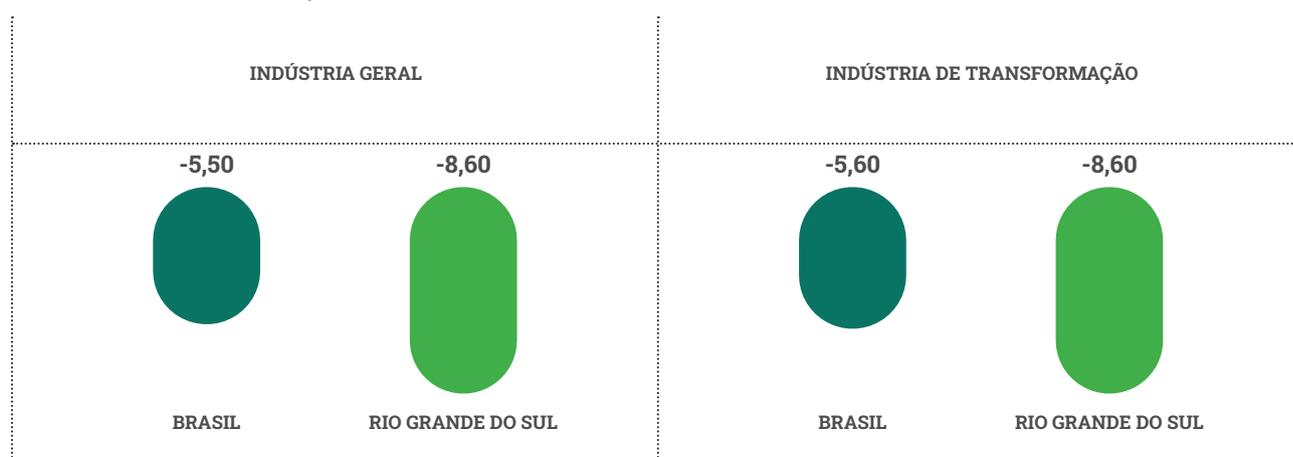
Fonte: PIM-RG - Set/20



Como mencionado anteriormente, há uma diferença muito grande entre o desempenho industrial total brasileiro e o recorte para o Rio Grande do Sul, onde a piora é bastante visível. Esse fato ocorre em decorrência dos efeitos da estiagem, que é um fator local e que seus efeitos costumam ser contundentes nos resultados quando de sua ocorrência.

Gráfico 84 Comparação da Produção Física Industrial Total e Transformação entre o RS e o Brasil, taxa acumulada nos últimos 12 meses (%)

Fonte: PIM-PF e PIM-RG - Set/20



2.2.3

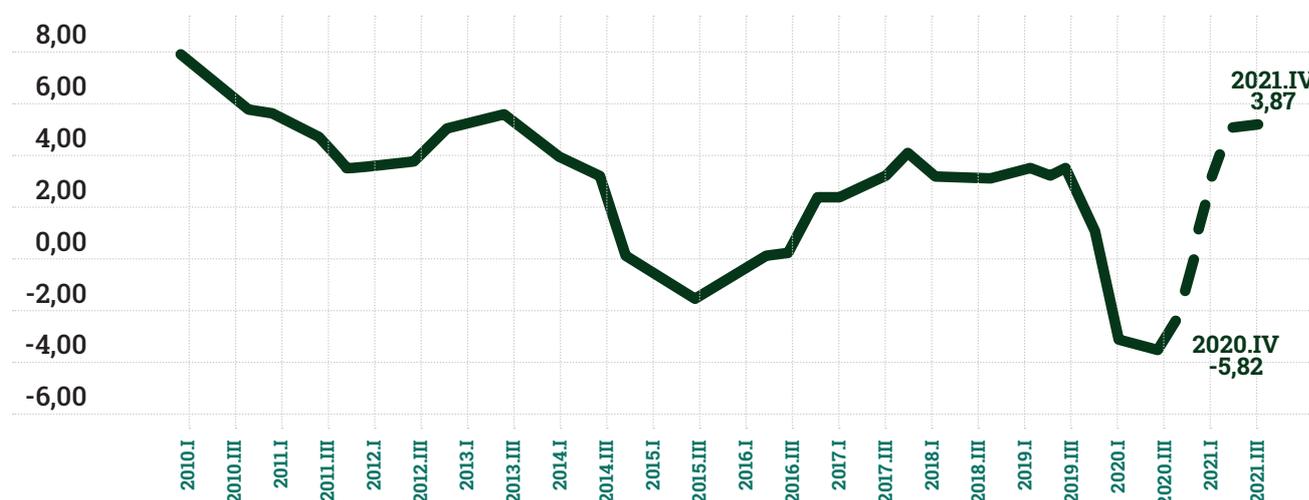
Desempenho do Setor de Serviços

De forma análoga ao desempenho da indústria, o setor de serviços no RS também apresentou quedas ainda mais significativas do que o resultado geral do país em virtude da estiagem.

Para 2020 nossa projeção é de queda -5,82% e para 2021 alta de 3,87%.

Gráfico 85 VAB do Setor de Serviços do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

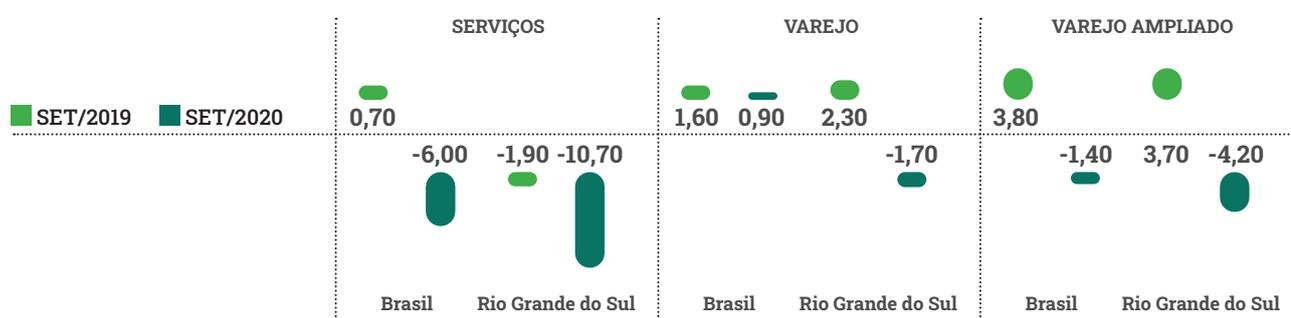
Fonte: DEE - 2020.II. FARSUL – Projeções 2020 e 2021



Como podemos ver no gráfico a seguir, os desempenhos de agosto dos serviços, varejo e varejo ampliado medidos pelo IBGE no acumulado de 12 meses revela resultados muito piores no estado em todas as comparações, pois além da pandemia, ainda enfrentamos o impacto que vem do campo neste setor.

Gráfico 86 Comparação entre Brasil e RS do desempenho dos setores do comércio e serviços, em taxa acumulada nos últimos 12 meses (%).

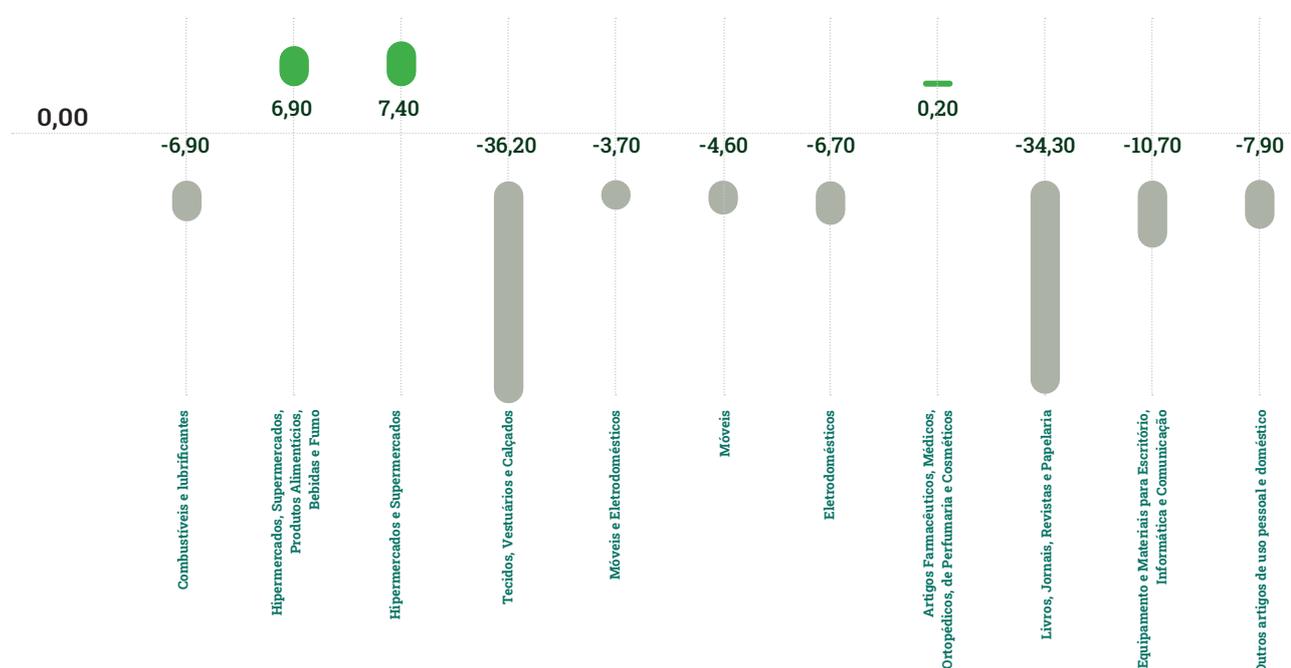
Fonte: PMC e PMS - Set/20



O único segmento do comércio varejista que apontou alta no volume de vendas acumulado no ano até agosto/20 foi o de supermercados e hipermercados, tanto o total quanto o recorte de alimentos. Já os segmentos de vestuários, jornais e revistas e outros artigos para o uso pessoal despencaram mais de dois dígitos, não por acaso, os segmentos mais afetados pelas medidas de distanciamento social.

Gráfico 87 Índice de volume de vendas no comércio varejista do RS, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: PMC - set/20



2.2.4

PIB do Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul enfrenta o pior ano desde que temos dados para compará-lo, pois une em um só período uma estiagem de grandes proporções e uma pandemia que gerou diversos impactos na economia. Mas a pandemia, por sua vez, impacta todas as economias do mundo, com maior ou menor intensidade e o Brasil não é diferente.

Para 2020 nossa projeção é de queda -9,69% e para 2021 alta de 8,82%.

Gráfico 88 PIB do Rio Grande do Sul, taxa acumulada no ano (%)

Fonte: DEE - 2020.II. FARSUL – Projeções 2020 e 2021



Ocorre que para a economia gaúcha, quando comparada vis-à-vis com a brasileira, espera-se que o desempenho seja semelhante, resguardados fatores locais. E é exatamente o caso de 2020, quando enfrentamos uma grande estiagem que aprofundou as perdas já dadas pela pandemia, ou seja, uma grave crise sobre outra.

Para 2021 esperamos uma forte retomada, justamente pensada na recomposição dos fatores, onde trabalhamos com um cenário de recuperação econômica no Brasil e uma retomada da safra que, por si só, traz um forte crescimento dada a base de comparação anterior.



SISTEMA FARSUL

FARSUL | SENAR | CASA RURAL

EXPEDIENTE

Gedeão Silveira Pereira

Presidente

Antônio da Luz

Assessoria econômica

Diretoria de estudos avançados e inovação do SENAR-RS

Danielle Montiel Guimarães

Renan Hein dos Santos

Ruy Augusto da Silveira Neto

Conrado Avancini Pereira Zanferari

Nicolas Ledur Fenner

Projeto gráfico e diagramação

Publicato®

Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

Praça Professor Saint Pastous, 125

Cep.: 90.050-390

Porto Alegre / RS

Telefone: 3214.4400

eMail: farsul@farsul.org.br

Site: www.farsul.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Relatório econômico 2020 e perspectivas 2021 /
organização Ruy Augusto da Silveira Neto ,
Danielle Montiel Guimarães. -- 1. ed. -- Porto
Alegre, RS : Farsul - Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul, 2020.

ISBN 978-65-00-13731-6

1. Agricultura 2. Agronegócios 3. Economia 4.
Relatórios I. Silveira Neto, Ruy Augusto da. II.
Guimarães, Danielle Montiel.

20-51626

CDD-338.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Agronegócios : Economia 338.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN 978-65-00-13731-6



